

**Marco Aurélio Dias de Souza**

**A abordagem neoconservadora da crise na sociedade estadunidense e  
sua influência no governo de George W. Bush.**



**Araraquara – São Paulo  
2006**

**Marco Aurélio Dias de Souza**

**A abordagem neoconservadora da crise na sociedade estadunidense e sua influência no governo de George W. Bush.**

**Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da faculdade de Ciências e Letras – Unesp/ Araraquara, como requisito para a obtenção do título de mestre.**

**Linha de pesquisa: Estado, Desenvolvimento e Políticas Públicas.**

**Orientador: Luis Fernando Ayerbe.**

**Bolsa. CAPES**

**Araraquara – São Paulo  
2006**

**Marco Aurélio Dias de Souza**

**A abordagem neoconservadora da crise na sociedade estadunidense e sua influência no governo de George W. Bush.**

**Dissertação de Mestrado, apresentada ao Conselho, Departamento, Programa de Pós em Sociologia da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Sociologia.**

Linha de pesquisa: Estado,  
Desenvolvimento e Políticas Públicas.  
Orientador: Luis Fernando Ayerbe.  
Bolsa: CAPES

**Data de aprovação: 28 / 03 / 2007**

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

---

Presidente e Orientador: **Prof. Dr. Luis Fernando Ayerbe**

**Fclar/UNESP**

---

Membro Titular: **Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Ribeiro do Valle**

**Fclar/UNESP**

---

Membro Titular: **Prof. Dr. Marcelo Fernandes de Oliveira.**

**UNESP/MARILIA**

Local: **Universidade Estadual Paulista**  
**Faculdade de Ciências e Letras**  
UNESP – Campus de Araraquara

**Dedico essa dissertação aos meus avós Paulo Dias de Souza e Anita Neves Minervino e a minha esposa Renata pelo amor e braveza.**

## **Agradecimentos.**

Ao Prof. Dr. Luis Fernando, pela ótima orientação desde os tempos de iniciação científica, pela amizade, por acreditar no meu trabalho e, principalmente, por sempre se preocupar em transmitir seus conhecimentos, de uma maneira que não me impediu de pensar com minhas idéias.

Aos pesquisadores do Grupo de RI Ariel, Gustavo e Danilo pela amizade e auxílio com as correções.

Aos amigos do GEICD, Igor, Michelle, Marcos Alan, Fabio, Gustavo, que tanto colaboraram desde os tempos de graduação.

Às Prof<sup>as</sup>. Dr<sup>as</sup>. Karina Pasquariello Mariano e Maria Ribeiro do Valle pelas sugestões do exame de qualificação.

A Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Sandra H.Pulcinelle (IQ) pelo auxílio no abstract.

A todos os professores e funcionários da pós-graduação.

Aos amigos da faculdade e da pós especialmente a Débora por me suportar, mesmo depois de meus surtos e sumiços.

A CAPES pelo apoio financeiro.

A meus pais, Alosio e Maria Aurélia, e irmã Giuliana e minha sobrinha Anna pelo carinho e amor.

Aos meus queridos sogros, Neide e Paulo, pelo abrigo durante os tempos difíceis de redação desta dissertação e pela correção dos meus equívocos gramaticais bizarros.

A Juliana pela amizade e auxílio nas correções.

Aos amigos, Beto e Alan, pelo companheirismo e ajuda nas minhas dúvidas sobre conceitos de economia.

Aos meus amigos, Vinão e McCoy pelas décadas de amizade e discussões sobre o futuro do mundo.

Ao Logan pelo companheirismo de todas as tardes.

A minha esposa, Renata, pelo amor e por ter transformado minha vida de uma maneira muito mais calma e feliz.

SOUZA, M. A. D. de. **A abordagem neoconservadora da crise na sociedade estadunidense e sua influência no governo George W. Bush.** 2007. Dissertação Mestrado em Sociologia Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, ano 2007.

## **RESUMO.**

No final do século XX, no momento em que os Estados Unidos assumem a liderança incontestada nas relações internacionais, estudos demográficos revelam uma tendência inédita do crescimento da população não-branca. O aumento desta população faz com que setores que defendem uma sociedade multicultural e multiétnica passem a ganhar força em suas críticas aos discursos meritocráticos que vinculam o sucesso social à competitividade individual, descartando fatores associados à discriminação de origem racial, sexual e de classe, politizando a discussão sobre o acesso aos benefícios proporcionados pelo American Way of Life. No outro extremo, encontram-se os Neoconservadores, um grupo de intelectuais que desde os anos do pós-segunda –guerra centrou suas críticas na ex-União soviética; e agora, após o fim da Guerra Fria, passa a adotar a agenda da Guerra Cultural, atacando o chamado multiculturalismo crítico, associando-o a subjugação do capitalismo democrático liberal vitorioso e ao ressentimento dos “perdedores” da ordem global em formação. Esta dissertação propõe uma análise da abordagem do Neoconservadorismo, partindo de quatro temas principais que se concentram em: crise da modernidade, imigração e assimilação de imigrantes, críticas e soluções ao modelo de estado de bem-estar-social existente e o papel de valores culturais na ascensão social. Para desenvolver a análise, seguem-se dois caminhos: a releitura de sua história e a análise das obras de alguns dos principais nomes desta corrente intelectual, Allan Bloom, Gertrude Himmelfarb, John Fonte, Linda Chavez, Charles Murray e Francis Fukuyama.

**Palavras-chave:** Neoconservadorismo. Multiculturalismo. Minorias. Imigração. Identidade. EUA.

## **ABSTRACT.**

At the end of the XX century, just at the same time as the United States became the incontest leader in the international relationships, demographic studies have revealed the inedit trend not-white people growth. As a consequence of this increase, some sectors that defended multicultural and multiethnic society have improved its criticism to the meritocratic speech that associated the social success to the individual competitiveness. More than that, factors related discrimination either racial, sexual or class have been discarded giving rise to a quarrel centered on the accessibility to benefits generated by American Way of Life. In the other extremity, the Neoconservatives, a group of intellectuals that since the after-second - war time has criticized the Ex-Soviet Union; and after the end of Cold War has adopted the Cultural War schedule, attacked the critical multiculturalism by associating it to the subjugation of the winner liberal democratic capitalism and to the resentment of that have lost the global order in phase of formation. In this work, one approach of the Neoconservatism is analyzed from four main subjects: the modernity crisis, the immigration and its assimilation, the criticism and the solutions to the welfare state model and the role of cultural values on the social ascension. To reach these discussions, two ways of analysis have been followed: the history of this movement was reviewed and some works from the main intellectual associated workers, like as Allan Bloom, Gertrude Himmelfarb, John Fonte, Linda Chavez, Charles Murray and Francis Fukuyama, were took into a careful analysis.

**Keywords :** Neoconservatism. Multiculturalism. Minorities. Immigration. Identity. USA.

## SUMÁRIO

<b>1 Apresentação.....</b>	<b>09</b>
<b>2 Características gerais dos Estados Unidos da América (EUA) e sua atual postura hegemônica.....</b>	<b>11</b>
<b>2.1 O vencedor derrotado.....</b>	<b>11</b>
<b>2.2 Cultura e imigração.....</b>	<b>21</b>
<b>3 O neoconservadorismo em perspectiva histórica.....</b>	<b>32</b>
<b>4 Autores e obras de referência do pensamento neoconservador.....</b>	<b>53</b>
<b>4.1 O Neoconservadorismo e a Crise da modernidade.....</b>	<b>54</b>
<b>4.1.1 Allan Bloom: Crise da Universidade, nos relacionamentos e nas relações com as minorias.....</b>	<b>54</b>
<b>4.1.2 Gertrude Himmelfarb. Uma nação e duas culturas.....</b>	<b>64</b>
<b>4.2 Neoconservadorismo, os processos de imigração e inserção de minorias.....</b>	<b>71</b>
<b>4.2.1. John Fonte: neoconservadorismo e os processos de Imigração.....</b>	<b>71</b>
<b>4.2.2. Linda Chavez: conservadorismo pela unidade.....</b>	<b>76</b>
<b>4.3. Charles Murray: a adesão ao libertarianismo.....</b>	<b>86</b>
<b>4.4 Francis Fukuyama: Capital Social e a Ascensão Social.....</b>	<b>92</b>
<b>5Considerações Finais.....</b>	<b>97</b>
<b>REFERENCIAS.....</b>	<b>100</b>

## 1 Apresentação

A pesquisa que desenvolvemos no mestrado decorre de um trabalho realizado junto ao Grupo de Estudos Interdisciplinares sobre Cultura e Desenvolvimento (GEICD), sob a orientação do professor Luis Fernando Ayerbe, como parte integrante de um projeto maior sobre a posição dos Estados Unidos nas relações internacionais contemporâneas. Durante a graduação no curso de Ciências Sociais, minha participação específica focou-se na análise de conflitos étnicos dentro da sociedade estadunidense, ou seja, como a percepção da politização dos grupos minoritários poderia interferir no modo de vida deste país.

No Mestrado, nos propusemos a observar a especificidade da noção de cultura e de igualdade de oportunidades vistas sobre a ótica de um grupo de intelectuais que se autodenominam neoconservadores, cujas abordagens vêm ampliando sua influência dentro e fora dos Estados Unidos.

O trabalho que estamos realizando aponta para uma perspectiva diferente em relação à que prevalece entre os analistas do neoconservadorismo no Brasil, percebe estes intelectuais como um pequeno grupo de arrivistas, preocupando-se apenas com o seu interesse próprio e conseguiu entusiasmar toda uma nação, inserindo-se no governo de George W. Bush e influenciando-o em direção a uma postura intervencionista.

Na leitura que fazemos, considerar essa perspectiva representa uma dificuldade de percepção do que impulsiona o grupo em questão, por isso a nossa preocupação em aprofundar a discussão sobre este pensamento, partindo do seu interior para o exterior, nos concentrando mais na sua coerência do que propriamente em valores que nos posicionam ideologicamente em choque com esses intelectuais.

A grande questão enfrentada foi como realizar essa análise, porque a maioria dos textos encontrados sobre o tema no Brasil, adota exatamente a postura que receávamos não tomar neste trabalho. Partimos então de uma proposta para concretização deste, que podemos delinear em dois pontos, com o intuito de facilitar a esquematização: Primeiro precisávamos compreender a origem e as bases intelectuais desta corrente de pensamento, em segundo necessitávamos esclarecer o trajeto histórico deste pensamento, ou seja, determinar os períodos em que o mesmo conseguiu ganhar e perder influência dentro do governo estadunidense.

Nessa perspectiva, organizamos o trabalho em duas partes, que são a base para os dois primeiros capítulos da dissertação. Primeiramente, uma rápida contextualização do momento presente e do papel dos EUA no ordenamento do mundo, inserindo nesta discussão a relação que envolve a construção identitária deste país e a idéia de multiculturalismo. Fica claro que, até mesmo por tempo e por melhor organização de prioridades, essa passagem não tem o aprofundamento de um texto especificamente direcionado ao tema, mas também, não haveria maneira de se iniciar as discussões aqui propostas sem uma contextualização.

Na segunda parte, buscamos aprofundar a análise histórica do fenômeno do neoconservadorismo e a identificação de alguns dos seus principais expoentes nos Estados Unidos. Nela, temos como objetivo mapear as bases teóricas deste pensamento, sua origem, importância e diferença com outros grupos conservadores tradicionais, e, principalmente, destacar sua influência dentro do governo de George W. Bush.

Após a discussão destes capítulos introdutórios partiremos para a parte que consideramos mais trabalhosa em termos de abordagem, abrindo a exposição de um terceiro capítulo que consiste em uma análise das obras de autores que consideramos relevantes ao tema proposto pela nossa pesquisa.

Entre os intelectuais “neocons” ou que mantém interlocução com essa corrente de pensamento, selecionamos aqueles mais voltados para as discussões sobre cultura e imigração, especificamente **Francis Fukuyama**<sup>1</sup> e seus livros *Confiança: as virtudes sociais e a criação da prosperidade*, *Nosso futuro pós humano* e seu último livro *América At the Crossroads: democracy, power and the neoconservative legacy*; **Gertrude Himerfarb** e seu livro *One nation Two Cultures*; **Linda Chavez** e seus textos on-line publicados pelo Center For Equal Opportunity; **John Fonte** com os textos on-line sobre imigração publicados no Hudson Institute; **Charles Murray** com os textos on-line publicados no *American Interprise Institute* e **Allan Bloom** com seu livro *O Declínio da Cultura Ocidental: da Crise da Universidade à Crise da Sociedade*. A análise destas obras permite um aprofundamento na compreensão deste grupo, principalmente, na tentativa de mapear as características comuns entre os autores, porque, apesar dos mesmos se definirem, ou, serem definidos como neoconservadores, existem inúmeras diferenças nas suas maneiras de pensar.

---

<sup>1</sup> Procuraremos, também, nesta análise aprofundar o porquê este autor ter em seu último livro argumentado que rompeu com o neoconservadorismo.

## **2 Características gerais dos Estados Unidos da América (EUA) e sua atual postura hegemônica.**

### **2.1 O vencedor derrotado.**

Partimos neste capítulo introdutório de uma rápida análise sobre as principais características dos EUA, percebendo alguns fatores que caracterizaram a identidade deste país, aprofundando, também, as conseqüências de seu atual posicionamento nas relações internacionais. Além disso, procuraremos inserir neste tópico a importância das discussões sobre cultura na atualidade e como estas se relacionam diretamente com a permanência ou não dos EUA como principal potência de nossos tempos.

Datamos o ponto de partida de nossa sistematização em novembro de 1989, no quinto dia deste mês, quando a queda do muro de Berlim acabou marcando também o declínio do regime soviético. Como conseqüências deste acontecimento surgiram inúmeras visões, propostas e teorias; criando uma percepção clara de que o mundo deixaria de se apresentar como política e ideologicamente bipolar, para ocorrer uma concentração de poder nas mãos do possível vencedor deste conflito.

Como resultado deste processo tem-se o afastamento de grande parte dos intelectuais conservadores das discussões contrárias ao socialismo, já que, o mesmo passou a ser considerado, para estes, como adversário não preocupante após o fim da União Soviética, como se pode perceber na afirmação de Fukuyama:

Nós que vivemos em democracias liberais estáveis e antigas enfrentamos uma situação fora do comum. No tempo dos nossos avós, muitas pessoas sensatas podiam prever um futuro socialista luminoso no qual teriam sido abolidos a propriedade privada e o capitalismo e no qual a própria política seria uma coisa ultrapassada. Hoje ao contrário, mal podemos imaginar um mundo radicalmente melhor do que o nosso ou um futuro que não seja essencialmente capitalista e democrático. (FUKUYAMA, 1992, p.77).

Em outras palavras, intelectuais que passaram grande parte da época da guerra-fria criticando o socialismo, começaram a se preocupar, agora, com questões até então pouco debatidas, como cultura, identidade, grupos minoritários, propagação da democracia, dentre tantas outras.

A preocupação era perceber qual o destino do vencedor, tentando assegurar que esta vitória não fosse apenas uma realidade fugaz. Para isto, era necessário que se

tivessem claros quais seriam os novos desafios, sobretudo, porque um novo mundo surgia dos escombros, erguendo-se em meio à esperança de que os conflitos sistêmicos tivessem sido soterrados pelos destroços do muro que acabara de ruir. Todavia, o que surgia no horizonte era um novo mundo repleto de disputas étnicas, pobreza, injustiças e, especialmente, de novos massacres. Segundo Szayna, nos anos que se seguiram ao término do socialismo, observamos um número crescente de conflitos no interior dos estados nações: “Entre 1989 e 1998, apenas sete, entre os 108 conflitos armados deflagrados no mundo, foram de natureza interestatal.” (SZAYNA, 2000, p. 1)<sup>2</sup>.

Temos aqui claramente que o mundo pós-Guerra-fria não se mostrava tão seguro como se tinha esperança que ele fosse<sup>3</sup>; ele era, na realidade, muito mais complexo do que nos tempos do conflito bipolar, já que, se antigamente o inimigo era facilmente demarcado, agora a maioria dos conflitos ocorria por motivos étnicos e tendiam a resultar em massacres<sup>4</sup>. Parece visível que receber a obrigação de liderar um mundo com estas características constitui-se muito mais um martírio, do que de um prazer irrestrito, e é este mundo que os EUA recebem o papel de liderar.

O que temos como decorrência inegável é que alcançar a condição de principal superpotência levou os EUA a desenvolverem novas obrigações, posicionando este país como possível responsável pela solução de todos os problemas ainda não resolvidos no mundo.<sup>5</sup> A questão é que nem mesmo no país existia uma postura definitiva no sentido de que este deveria, ou não, assumir o “fardo” de melhorar a situação do mundo<sup>6</sup>.

O que percebemos durante os anos após a queda do muro é que EUA, apesar das discussões internas, tomou a frente como polícia do mundo, ou, de acordo com os

---

<sup>2</sup> Sendo que grande parte destes aconteceram nos países que deixaram de pertencer ao chamado mundo socialista.

<sup>3</sup> Apesar da constatação de que: os conflitos entre nações, que apresentavam um número maior de mortos, realmente, foi menor durante o período.

<sup>4</sup> Os chamados conflitos intraestatais, ou seja, os conflitos não são realizados entre nações, e sim, no interior destas, têm como característica principal a dificuldade para que se atinja uma negociação.

<sup>5</sup> A leitura da introdução dos artigos federalistas escrita por Isaac Kramnick acaba por nos mostrar que existem, claramente, duas maneiras de se contar a história dos EUA. Uma primeira que posiciona a constituição e os seus fundadores com um ar santificado e uma segunda que esclarece que a disputa ocorrida entre Federalistas e Antifederalistas na verdade foi a disputa entre o capital contra os pequenos proprietários originada pelo recebimento das dívidas nos Estados. Com a vitória dos federalistas o poder acaba sendo centralizado, sem que necessariamente ocorra uma preocupação com a questão social.

<sup>6</sup> Notamos constantes discussões, especialmente, entre idealistas e realistas, sendo que os primeiros consideravam que era dever dos Estados Unidos levarem seu modo de vida às outras nações, e os realistas que consideravam que a melhor saída, para este país, seria a opção se fechar, para que, o mesmo, não fosse alvo de revanchismo, pelas nações que não conseguiram atingir o mesmo nível, e que veriam na interferência estadunidense em seu país uma possível causa de seus problemas.

dados de Szayna: “Desde o fim da Guerra Fria de acordo com os dados cobrindo até 1997, as Forças Armadas dos Estados Unidos envolveram-se em 25 operações de paz”. (TELIIS; SZAYNA; WINNEFELD, 1997).

O que ficou nítido, nos anos que se seguiram aos fatos de novembro de 1989, foi que a clareza após a vitória contra o inimigo soviético, se restringia apenas ao orgulho ignóbil de que o legado estadunidense representava o melhor caminho para o mundo, uma percepção reforçada pela idéia de que o projeto concebido pelos pais fundadores representaria o ápice da humanidade. A grande complicação deste pressuposto aparece quando percebemos que a história nos mostrou de forma austera, que nenhum dos grandes vencedores conseguiu manter-se nesta posição para sempre. Fato suficientemente forte para que, porções infundáveis de intelectuais, jornalistas e críticos de política iniciassem, na última década, uma corrida incessante pela descoberta de fissuras nas estruturas da hegemonia deste país<sup>7</sup>.

As discussões envolvendo o fato dos EUA estarem em crise parecem a cada dia ganhar mais força. Da mesma maneira, as argumentações de que o país perdeu as características que lhe garantiam a hegemonia e está sendo obrigado a usar a força para manter o seu controle sobre o mundo são constantes<sup>8</sup>. Outros, ainda, percebem no alto crescimento da economia chinesa o possível ponto de oposição a este país. Estas entre, inúmeras outras previsões, mesmo que profecias ainda não comprovadas, ao menos voltam a transformar as esperanças no futuro em um caminho incerto.

No âmbito do real, se por um lado, a perspectiva de que o domínio dos EUA diminua parece cada vez mais próxima, por outro, nenhuma nova formação ideológica surgiu durante a última década que se apresentasse como alternativa aos EUA ou ao próprio sistema capitalista.

Este vazio ideológico acaba gerando uma perspectiva que choca grande parte dos pensadores conservadores. Dentre eles, encontramos o pensamento de Deepak Lal, conservador indiano radicado nos EUA, que disserta sobre a necessidade dos EUA assumirem-se de vez como um Império. A posição de Lal foi desenvolvida através de alguns estudos sobre a história da humanidade, onde, o mesmo, acredita

---

<sup>7</sup> Da mesma maneira como foram os Gregos, os Romanos e os Ingleses entre outros.

<sup>8</sup> Ao posicionar esta discussão não estamos afirmando que os EUA não utilizaram da força durante sua história, a observação que fazemos se restringe especificamente dentro da idéia de como se reorganizaria o mundo do pós-Guerra-Fria com a vitória deste país.

que as características<sup>9</sup> que envolvem o conceito de Império acabam por gerar uma melhor organização do mundo<sup>10</sup> (LAL, 2004).

Esta opinião levou-o a preocupação histórica do que representaria a dissolução do mundo capitalista, mirando-se no exemplo romano, a queda dos EUA resultaria em uma barbárie imprevisível, o que certamente não seria interessante para a grande maioria das pessoas do mundo.

O grande problema que encontramos neste processo concentra-se exatamente neste vazio ideológico. Para tentar compreender este processo procuraremos nos prender em algumas características do processo de globalização que parece o principal responsável por esta formação.

Como nos propomos a tratar de questões relativas à identidade e cultura, o que procuraremos agregar à nossa discussão são as características homogeneizantes deste processo, onde existe uma constante tentativa de transposição das identidades locais para o consumo, e para isto, nos apegamos a leitura de Canclini:

Homens e mulheres percebem que muitas das perguntas próprias dos cidadãos - a que lugar pertença e que direitos isso me dá, como posso me informar, quem representa meus interesses - recebem suas respostas mais através do consumo privado de bens e dos meios de comunicação de massa do que de regras abstratas da democracia ou pela participação coletiva em espaços públicos. (CANCLINI, 1999, p.30).

Ainda sobre o mesmo tema encontramos a importante colaboração do sociólogo Otavio Ianni, perfazendo uma leitura bastante ampla dos resultados da globalização:

Assim, o capitalismo se apresenta como modo de produção e processo civilizador, além de acrescentar e mundializar suas forças produtivas e suas relações de produção, ele interfere nas instituições, padrões de diversidade cultural, religiosas, lingüísticas, étnicas e de outros tipos, se desagregam instituições, padrões e valores de acordo com as exigências indispensáveis para a produção de mercadorias, sem as quais não existe a mais valia. Os princípios de liberdade, igualdade e propriedade, articulados jurídica e politicamente, se impõe e se generalizam em ambientes onde prevalecem tribalismo, tradicionalismo, patriarcalismo e patrimonialismo. Aos poucos a comunidade é absorvida pela sociedade, a sociabilidade baseada nas

---

<sup>9</sup> Entre estas características se encontram a formação de um sistema legal transnacional com o intuito da defesa da propriedade privada, a diminuição dos conflitos étnicos e o aumento do controle na segurança global, o aumento da prosperidade econômica e na facilidade das relações comerciais entre nações, entre outras.

<sup>10</sup> Lal parte da idéia que, durante a história, os tempos em que existiram grandes impérios possuíam características muito mais pacíficas e uma melhora substancial na qualidade de vida.

relações pessoais na produção de valores de câmbio. Às vezes, há uma secularização da cultura e comportamento, o individualismo, a emergência de um individualismo possessivo, em alguns casos, da cidadania. (IANNI, 1999, p.93).

Todavia, o processo de globalização que se apresenta ao mundo com características irreversíveis, ao mesmo tempo em que englobava uma ilusão de satisfação pessoal pela obtenção de bens, também, se construía através de sua capacidade de criar um aumento substancial na sensação de conforto, passou a representar, ao mesmo tempo, o propósito da luta política de inúmeros grupos. Estas lutas passaram a não mais perceber o sistema capitalista como principal agente da desigualdade mundial, mais que isto, a proposta da transposição deste sistema começou a ser deixada de lado por boa parte dos novos atores, que iniciaram o combate aos seus aspectos excludentes.

Como resquícios deste processo criam-se quatro grupos de cidadãos. Primeiro aqueles que se consideram plenamente inseridos e satisfeitos com sua posição no mundo atual, substituindo, por este motivo, sua identidade, nacionalidade e valores, por outros elementos que se encontram previamente modelados, ou segundo Canclini:

A junção entre estes termos se altera em todo mundo devido a mudanças econômicas, tecnológicas e culturais, pelas quais as identidades se organizam cada vez menos em torno de símbolos nacionais e passam a forma-se a partir do que propõem, por exemplo, Hollywood, Televisa e MTV. (CANCLINI, 1999, p.14).

Um segundo grupo representado pelos que iniciam uma luta na tentativa de se incluir e melhorar sua posição no mundo capitalista, utilizando sua identidade como fator de acesso para cobrar dos governos o direito a competir em igualdade, não sendo excluídos por suas características étnicas. Como exemplos, destes grupos, podemos citar os negros, latinos, homossexuais, entre tantos outros.

Para melhor compreender esta discussão parece necessário aprofundar a definição de grupos étnicos que utilizamos na construção deste trabalho. Optamos pela definição proposta por Max Weber<sup>11</sup> no primeiro volume de seu livro *Economia e Sociedade*, onde fala:

---

<sup>11</sup> Apesar desta definição incomodar grande parte dos antropólogos pois os mesmos consideram que existem definições mais sofisticadas sobre etnicidade, insistimos na continuidade da mesma neste trabalho principalmente por esta ser a definição em uso tanto para os neoconservadores, como presente também em todos os manuais de prevenção de conflitos étnicos existentes no mundo. Por este motivo consideramos não haver a necessidade de aprofundar outras definições sobre grupos étnicos neste trabalho já que nossa preocupação é exclusivamente compreender o pensamento neoconservador.

É claro que esta somente conduz a uma “comunidade” quando é sentida subjetivamente como característica comum, o que ocorre apenas quando a vizinhança local ou outros vínculos entre pessoas de raças distintas levam a uma ação comum (na maioria das vezes, política) ou quando, ao contrário, certo destino comum dos racialmente homogêneos se liga a algum contraste existente com outros de características acentuadamente distintas. (WEBER, 2000, p.267).

Aprofundando essa definição podemos compreender a concepção de grupos étnicos como sendo uma união realizada com relação a uma posição externa, e que pode ser percebida tanto por motivos raciais, religiosos ou até mesmo motivada por interesses em comum.

Além dos dois primeiros grupos que citamos podemos pontuar um terceiro, que procura se manter em um mundo paralelo ao capitalista, argumentando que sua cultura deve ser mantida, ao mesmo tempo que, propõe a criação de bolsões que possuam autonomia ao modelo existente. O atual lema do Fórum Social Mundial se pauta neste conceito (um mundo onde caibam vários mundos), como representantes deste grupo, nós podemos citar os zapatistas.

O último grupo pode facilmente ser identificado, e se diferencia dos demais, porque, de acordo com a visão conservadora, acabam posicionando-se de maneira anacrônica, questionando algumas características relacionadas ao modelo capitalista, principalmente, por viverem presos a características tradicionais. Encurralados pelo processo de globalização acabam adotando decisões não políticas com o intuito de retaliar o inevitável processo de transformação em sua cultura. Como exemplos destacam-se: os grupos terroristas ligados ao islamismo, grupos armados de extrema direita e de extrema esquerda.

A importância de se perceber os resultados destas mudanças é fundamental aos propósitos deste trabalho, já que, partimos da posição de que os EUA se apresentam em nossos dias como defensores da cultura ocidental, adotando uma postura que espalha seu modo de vida pelo mundo através do chamado *soft power*<sup>12</sup>. Passa a se destacar a questão da ambigüidade desta transmissão do modo de vida estadunidense pelo mundo.

---

<sup>12</sup> A definição formulada por Joseph Nye Jr e constantemente discutida por outros autores de *Soft Power* consiste na maneira de influenciar, as pessoas a aderirem ao modelo estadunidense sem o uso da Força Física.

Questionamos aqui que, diferentemente dos outros países que alcançaram o ápice no âmbito do capitalismo, os EUA não possuem uma identidade de nação definida. Essa afirmação pode parecer estranha, pois acabamos de destacar, no parágrafo superior, a exportação de um modo de vida estadunidense para o mundo. Então porque argumentamos que este país não tem uma identidade fortemente formada?

Primeiramente temos a percepção, de que este país não possui uma história<sup>13</sup> tão rica como a maioria dos outros países que lideraram o mundo. Mais do que isso, fica claro, nas leituras sobre a formação deste país, que sua história foi construída sobre alguns mitos. Mas o que estes mitos diziam? Podemos aqui afirmar que eles realmente impulsionaram esta nação a atingir o ponto em que se encontra na atualidade?

Para responder a essas perguntas, discorreremos aqui sobre quatro dos principais mitos criadores da nação estadunidense, com o intuito de procurar compreender seus possíveis resultados. São eles: o mito do pioneiro, o mito da associação entre religião e trabalho, o mito da inspiração divina da constituição americana e o mito da sociedade formada por imigrantes.

O primeiro que se encontra intimamente relacionado às características expansionistas deste país, surgindo logo no princípio da colonização do território, é impulsionado pela necessidade de avançar pelo continente ainda hostil. O pioneiro possuiu o papel de abrir o continente, sua missão era de criar novas fazendas em direção ao interior. Ele teve um papel tão significativo que se mostrou fundamental para o crescimento da nação, já que os responsáveis por este processo não se fixavam no local, preparando da região, para que esta fosse futuramente ocupada por outros grupos em um momento posterior.

Como resultado desse processo, criou-se entre os estadunidenses um grande desapego ao local, onde as edificações eram construídas partindo de um intuito de que eram provisórias, e que nos anos seguintes seriam substituídas por construções mais modernas. E até mesmo o apego à história, que constantemente notamos em outras nações do mundo, foi substituído pelo apego a transformações e modernizações, ou, pela leitura de Commager:

---

<sup>13</sup> Algumas leituras sobre a formação dos Estados Unidos citam-no como um país que não se preocupou com a história, nossa argumentação segue um caminho um pouco diferente ao realizado por estas, o que discutimos aqui está centrado na idéia de como os EUA se propõe a “exportar” seu modo de vida sem possuir uma identidade formada ao longo de uma história longa?

[...] planejava com audácia e estava acostumado a ver ultrapassados até os seus planos mais visionários; acabou por acreditar que nada estava fora do alcance de seu poder e tornou-se intolerante para com todo êxito que não constituísse um triunfo. Tinha pouca noção de passado ou interesse por ele, não tinha mentalidade histórica e relegava o interesse pela genealogia a solteironas que não podiam interessar-se de modo algum pelo futuro. (COMMAGER, 1950, p.15-16).

O segundo mito explica outra característica importantíssima desta nação, a liberdade que a fé protestante oferecia para as práticas empreendedoras e para o acúmulo de riqueza. Weber, ao escrever seu livro *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, já argumentava como a doutrina da predestinação Calvinista interferia diretamente sobre os homens. Segundo esta, não era a bondade e nem a fé que garantiria a salvação e sim a existência de uma predestinação. Deste modo, qualquer um poderia ser escolhido para a salvação; entretanto, parecia ser razoável que os escolhidos mostrassem pelo caráter e pelos modos a qualidade de sua alma e a natureza do seu destino. A veracidade é que esta crença se tornou um código secular de conduta que consistia em trabalho, honestidade, seriedade e o uso cuidadoso do dinheiro e do tempo.

Temos noção que o bom Calvinista não buscava a riqueza a qualquer custo, mas o fato de alcançá-la não era visto como um pecado como notado na religião católica. Significava, sim, que a riqueza honesta era um favorecimento divino, ou mesmo, um sinal de salvação. O que percebemos na história dos EUA é uma exacerbação desta lógica, segundo a leitura de Commager:

Tudo o que prometia aumentar a riqueza era automaticamente considerado bom, sendo o norte-americano, portanto, tolerante com a especulação, a propaganda comercial, a derrubada das florestas e a exploração dos recursos naturais, suportando pacientemente as piores manifestações do industrialismo. (COMMAGER, 1950, p.17).

Essa predisposição à acumulação possuía apoio não apenas dentro da perspectiva religiosa, como também entre as principais correntes filosóficas desenvolvidas nos EUA. Isto pode ser percebido claramente no livro *A Filosofia Americana: uma introdução (de Edwards a Dewey)* de Guy W. Stroh, o qual procura discutir as origens da filosofia nos EUA, argumentando que a aceitação do lucro era freqüentemente citada nas três principais frentes fundadoras da filosofia estadunidense,

tanto entre os puritanos, como nos transcendentalistas, quanto nos pais fundadores, segundo este:

Aos olhos de todos a poupança, o arrojo empreendedor, a justiça, a honestidade e a prudência eram virtudes. As diferenças estavam na ênfase e no relacionamento de tais virtudes a um mais largo corpo de outras doutrinas e credos. Os puritanos estimavam a poupança e as outras virtudes pela sua piedade, pelo poder que tinham de disciplinar a alma em conformidade com a vontade do Criador. Os pais fundadores estimavam-nas pela sua utilidade nesta vida, mais do que em consideração de algum fim sobrenatural. Os transcendentalistas estimavam-nas ainda por razões diferentes: acreditavam que a virtude traz como consequência a integridade, e leva o homem a encontrar-se e aprimorar-se. (STROH, 1968, p.14).

O terceiro mito surge de uma divergência de leituras no processo de desenvolvimento da constituição estadunidense, onde ocorreu um processo de santificação da constituição e dos seus idealizadores, deixando a margem os opositores dela. Este processo fez com que a leitura da formação da constituição fosse vista sem se levar em conta a disputa de interesses presentes neste acontecimento. A constituição, que possuía um caráter centralizador, diminuindo assim o poder dos estados e facilitando a cobrança de impostos e dívidas, principalmente, dos pequenos proprietários foi através do mito da inspiração divina colocada como um processo sagrado.<sup>14</sup>

Por último, temos o mito que tem maior alcance sobre a análise que fazemos desta sociedade: a percepção de que esta é uma sociedade formada por imigrantes. Esta perspectiva, por si só, lança os EUA em posição de vanguarda entre as outras grandes potências da história, pois nela encontramos a influência de inúmeras raízes culturais, ou como comenta Commager:

O caráter norte-americano foi produto de uma interação de herança e ambiente, tão variados como complexos. Pois a herança não era apenas inglesa, mas européia; não só dos séculos XVII e XVIII, como de dois mil anos. O fato de os Estados Unidos serem rebento da Grã-Bretanha era reconhecido; de que as raízes de sua cultura e de suas instituições eram da Grécia, de Roma e da Palestina, não se podia esquecer; e as instituições básicas do estado, da igreja e da família, mantidas pelos norte-americanos, bem como os valores fundamentais por eles cultivados anunciavam a origem e o parentesco. (COMMAGER 1950, p.13-14).

---

<sup>14</sup> Ainda hoje quando nos deparamos com a questão da imigração para este país percebemos a cobrança dentro da idéia de que este novo imigrante deve aceitar a constituição com suas características sagradas.

Da mesma maneira, Tocqueville procura destacar que o princípio democrático nos EUA surge principalmente devido ao primeiro processo de imigração que trouxe para o novo continente muitos dos que sofriam perseguições na Europa.

Os imigrantes que vieram fixar-se na América, no começo do século XVII, isolaram, de algum modo, o princípio da democracia de todos os outros contra os quais lutavam nas velhas sociedades da Europa, e transplantaram-no isolado, para as margens do novo mundo. Ai pôde crescer em liberdade e, adequando-se aos costumes, desenvolver-se pacificamente nas leis. (TOCQUEVILLE, 1973, p.189).

Na visão de Tocqueville os imigrantes se apegaram aos valores democráticos como uma reação às inúmeras perseguições que sofriam enquanto estavam no continente Europeu. Neste contorno, podemos definir a percepção estadunidense do velho continente como sendo repleto de vícios e com uma total ausência de virtudes. Todavia, esta leitura desaparece durante a história prevalecendo nos tempos atuais um esforço em prol dos laços que transferem aos EUA a herança cultural ocidental.

Podemos facilmente perceber pela leitura, tanto de Tocqueville quanto de Commager, que em suas visões os EUA surgem com uma nação nova, livre de conflitos<sup>15</sup>, onde todos procuram discutir os principais temas e tentam entrar em um consenso para que o bem comum prevaleça sobre os interesses individuais, ou, na própria frase de Tocqueville: “Na América há facciosos, mas não conspiradores”<sup>16</sup> (TOCQUEVILLE, 1973, p. 229).

Esta perspectiva é constantemente contrariada por uma série de intelectuais que não aceitam a idéia romantizada de surgimento da nação, como podemos perceber na leitura feita por Lipset:

O enfoque da história norte-americana, que procura encaixar os Estados Unidos sob a Rubrica de nações novas, e formular ou desenvolver proposições acerca dos requisitos de nacionalidade estribado na experiência estadunidense, tem sido contestado por outros historiadores, no entender dos quais a Revolução Norte-americana não fundou uma nova nação no sentido contemporâneo do

---

<sup>15</sup> Tocqueville, ainda, chega a argumentar o problema dos negros como um possível ponto de conflito dentro desta nação.

<sup>16</sup> Esta visão se deve principalmente as grandes assembleias populares que decidiam os destinos das colônias, antes mesmo da guerra da secessão.

termo, visto que ela foi dirigida pelas elites estabelecidas das colônias, essencialmente constituídas de ingleses transplantados, que já possuíam direitos políticos e poder antes da revolução. (LIPSET, 1982, p.74).

A partir da discussão desses quatro mitos, podemos aprofundar os temas específicos sobre as questões da cultura e, principalmente, sobre o atual crescimento da população de imigrantes nos EUA, conforme faremos na próxima seção.

## 2.2 Cultura e imigração.

Nesta seção, além de explicar o que consideramos por cultura, abordaremos o problema da imigração dentro dos EUA. Para isso, partiremos do questionamento do porque a idéia de cultura tem ganhado tanta força nos dias atuais.

Em seu prefácio para o livro *A Cultura Importa, os valores que definem o progresso humano*<sup>17</sup>, Huntington discorre sobre a importância que foi dada a cultura durante as duas últimas décadas, o mesmo argumenta que, durante os anos 1940 e 50, a cultura era um elemento crucial para que se pudessem compreender as sociedades, e que, durante as décadas de 60 e 70 este tipo de trabalho começou a decair, para só voltar a ter destaque a partir da década de 80: “Os cientistas sociais voltaram-se, cada vez mais, para fatores culturais em busca de explicação para a modernização, a democratização política, a estratégia militar, o comportamento de grupos étnicos e as alianças e os antagonismos entre países” (HUNTINGTON, 2002, p.12).

Como resultado, temos um agigantamento das discussões sobre cultura nestas últimas décadas, de maneira que, a mesma ganha status de resposta imediata para qualquer tema, vira questionamento político salvador para qualquer problema, explicando, desde o porquê um país se desenvolve mais do que outro, até porque determinados grupos têm mais facilidade para determinada atividade e outros não.

Mas é preciso, aqui, definir melhor o conceito de cultura, pois o mesmo apresentou inúmeros significados durante as últimas décadas. Restringimos-nos, por

---

<sup>17</sup> O livro surge a partir de uma conferência entre alguns intelectuais sobre a importância da cultura e sua relação com o desenvolvimento humano.

este motivo, a definição de cultura presente no livro a que nos referimos no parágrafo anterior, tanto Huntington como Harrison, seus organizadores, apesar de não serem neoconservadores, partilham visões com autores próximos dessa corrente, como Francis Fukuyama, que participa com um capítulo. De acordo com Huntington:

Neste livro, entretanto, nos interessam os efeitos da cultura sobre o desenvolvimento da sociedade; se a cultura incluir tudo, não explicará nada. Por isso, definimos cultura em termos puramente subjetivos, como os valores, as atitudes, as crenças, as orientações e os pressupostos subjacentes que predominam entre os membros de uma sociedade. (HUNTINGTON, 2002, p.13).

Como podemos identificar, a cultura para estes autores se restringe apenas a construções subjetivas excluindo-se a produção cultural comumente associada a idéias mais generalizantes de cultura.

Huntington, assim como os outros autores do livro inserem a cultura em uma visão peculiar de progresso humano, que indica “o movimento rumo ao desenvolvimento econômico e ao bem-estar material, a justiça sócio-econômica e a democracia política.”. (HUNTINGTON, 2002, p.13).

Observando esta definição de progresso humano percebemos claramente, uma postura elitista e profundamente inserida dentro da proposta de um mundo capitalista e democrático, além de, também, entendermos nela uma constante recusa às propostas que em sua base teórica relativizam a idéia de cultura. Este relativismo acaba gerando uma postura de respeito irrestrito as posições que envolvem questões culturais, não possuindo uma preocupação de que, através destas, se alcance uma melhoria real nas condições de vida, segundo Lawrence E. Harrison:

A “idéia de progresso” é suspeita para aqueles que estão comprometidos com o relativismo cultural, para quem cada cultura define seus próprios objetivos e sua ética, os quais não podem ser avaliados em comparação com os objetivos e a ética de outra cultura. Nos casos extremos, os relativistas culturais e os pluralistas culturais podem argumentar que os ocidentais não têm direito de criticar instituições como a mutilação genital das mulheres, o *suttee* (costume hindu de juntar as viúvas a seus maridos mortos na pira funerária, queiram elas ou não), e até mesmo a escravidão. (HARRISON, 2002, p.27).

A inserção desta leitura deixa claro que, para os autores, o padrão ocidental de progresso humano tem importância fundamental para a construção de um mundo

melhor, já que, o mesmo, atingiu algumas melhorias na qualidade de vida das pessoas, como o aumento na expectativa de vida, a cura para a maioria das doenças e os benefícios e facilidades da vida moderna. Destarte, os valores atribuídos às culturas tradicionais são relacionados ao atraso, ao autoritarismo, a injustiça e ao baixo desenvolvimento humano, e devem, por este motivo, ser transformados.

Acrescentamos que a grande diferenciação entre a posição dos autores que estudamos e o posicionamento dos autores liberais clássicos<sup>18</sup> se encontra exatamente na retomada dos valores culturais como referência do progresso humano. A característica de suas obras se concentra no esclarecimento de que valores culturais e morais são determinantes para uma condição de avanço dentro desta visão de progresso humano.

Como particularidade determinante desta visão, tende-se a uma constante exportação do modo de vida ocidental, distribuído ao mundo como um modelo infalível para se atingir à prosperidade. Como estamos especificando que a liderança do bloco ocidental cabe aos EUA, podemos ousar considerar que estes valores exportados são, na verdade, valores profundamente estadunidenses, por este motivo o mundo não tende a uma ocidentalização e sim a uma “Americanização”.<sup>19</sup>

Mas o que é americanizar o mundo? No item anterior discutíamos sobre a inexistência de uma identidade nacional, então como “americanizar” o mundo se não existe uma definição clara do que significa ser “Americano”? Este questionamento, já em 1972, era constantemente mencionado como podemos notar na obra de Allen:

A Americanização do resto do mundo é uma característica do nosso tempo. Contudo, permanece de pé o problema da identidade norte-americana, do que significa ser um norte-americano. É um problema obsedante, para os próprios norte-americanos. Num certo sentido, na verdade, o problema foi e ainda é o grande tema da literatura norte-americana. Um dos mais famosos romances norte-americanos é *An American Tragedy*, de Theodore Dreiser. Implícita no título está a sugestão de que a estória que o romance relata só poderia ocorrer nos Estados Unidos. Parece que os norte-americanos, hoje tanto quanto em qualquer outra época, hoje talvez mais do que nunca, tem sempre que procurar definir e avaliar em que são diferentes dos outros povos do mundo. São diferentes mesmo, e nesse caso, o que os fez assim? E, pressupondo que são diferentes, que têm de comum entre si? (ALLEN, 1972, p.04).

---

<sup>18</sup> Adam Smith e David Hu me.

<sup>19</sup> Nós relutamos na utilização da definição dos EUA como América, pois esta denominação deveria se referir a todo o Continente Americano e não apenas a um país da América do Norte.

Destacamos, aqui, o último questionamento deste autor: “E pressupondo que são diferentes, que têm de comum entre si?” Já dissemos que na formação do caráter estadunidense a história não possui característica marcante, e aqui esclarecemos que alguns pontos da história acabam sendo supervalorizados. Estes pontos não são apenas valorizados, ocorre, na realidade, uma santificação de alguns acontecimentos da história, onde, se eleva a um patamar sagrado o legado deixado pelos pais fundadores e pela constituição. Mas qual a importância presente nessa crença nos pais fundadores, se a sociedade em questão é uma sociedade formada por imigrantes?

É importante aprofundar esse ponto, já que nós podemos destacá-lo como sendo o ponto central de toda a complexidade da formação identitária dos EUA. Em sua origem e, principalmente, em sua origem filosófica, como não haviam pensamentos já arraigados que disputassem espaço na mentalidade do novo país, ao mesmo tempo que não existia a presença de instituições fortes o suficiente para gerar uma autonomia identitária<sup>20</sup>, os estadunidenses puderam incorporar, sem restrições, as principais idéias existentes no mundo.

Diferentemente de outros países, como os da Europa, que possuíam grandes escolas intelectuais e que através destas restringiam as idéias de outras partes do mundo<sup>21</sup>, os Estados Unidos receberam grande parte da filosofia existente e absorveram, sem reservas, processos científicos e técnicos que lhe pareciam relevantes. Este processo de apropriação acabou ocorrendo, até mesmo, quando pensamos em questões como a literatura<sup>22</sup> e a arte, onde percebemos, desde os primeiros momentos de existência da nação, a despreocupação com a produção própria, pois podiam usufruir das criações de outras nações, sem que isto causasse algum processo de desestabilização da nação<sup>23</sup>.

---

<sup>20</sup> É importante lembrar que durante a história, os EUA sempre possuiu um forte apelo pelas decisões do local em detrimento a uma perspectiva de poder centralizado.

<sup>21</sup> Como exemplo perceber as diferenças entre a sociologia e filosofia Alemã da Francesa, ou mesmo Inglesa.

<sup>22</sup> Segundo Carl Van Doren o primeiro romance estadunidense “The Power of Sympathy” (o poder da simpatia) foi publicado anonimamente por William Hill Brown, em 1789 na cidade de Boston.

<sup>23</sup> Esta característica de apropriação aparece presente em todas outras nações que aqui consideraremos como novas (ou que passaram por um processo de colonização), apesar de em nossa leitura o posicionamento dos EUA com relação a este processo tenha sido muito mais agressivo.

Esta característica é profundamente vital para se pensar na posição em que este país se encontra hoje, pois, a perspectiva de se poder selecionar, do mundo, tudo o que lhe serve, colocou-os vários passos à frente de outras nações do globo.

É exatamente este ponto que destacamos em nosso trabalho sobre a importância dos grupos imigrantes para a construção dos EUA como nação destacada. Partindo desta trajetória poderemos esclarecer a leitura que as elites do país fazem do mesmo, e daquilo que causou uma transformação no posicionamento sobre os imigrantes nos dias atuais.

Temos claro que o papel do imigrante foi fundamental para a construção da nação, de uma forma, talvez, um pouco romantizada. O fortalecimento do país deve-se muito à contribuição dos grupos de imigrantes que o procuraram durante séculos, seja como refúgio, como possibilidade de ascensão social e liberdade para desenvolver suas idéias sem restrições. Em troca desses benefícios, os mesmos deveriam abrir mão de suas identidades antigas, mantendo seus costumes na esfera privada e adquirindo na vida pública uma casca de “americanidade”. Mas no que, exatamente, consistia esta casca?

Podemos considerar que funcionava como um conjunto de regras, que se pautavam em acreditar que trabalhando duro e honestamente, aceitando os pais fundadores e outros heróis estadunidenses como seus legítimos heróis, se conseguiria prosperar, tornando-se um autêntico americano<sup>24</sup>, e seria realmente assimilado. Como restrição maior esse deveria deixar escondida, dentro da privacidade de seu lar, sua identidade real<sup>25</sup>, aceitando que através de valores e instituições democráticas o mesmo estaria legitimamente representado, ou segundo Copjec.

A democracia é o quantificador universal através do qual a América do Norte – o ‘caldeirão’ a ‘nação dos imigrantes’ – constitui-se enquanto nação. Se todos os nossos cidadãos e cidadãs podem ser chamados de americanos, isto não é pelo fato de compartilharmos qualquer característica positiva, mas, ao invés disso, pelo fato de termos sido dado o direito de nos despirmos dessas características, de nos apresentarmos como descorporificados diante da lei. Eu me desvisto de identidade positiva, conseqüentemente sou um cidadão.

---

<sup>24</sup> No mais famoso romance de John Fante, Pergunte ao pó isto se mostra bem claro com Arturo Bandini filho de imigrantes italianos se considera mais “americano”, do que sua namorada descendente de mexicanos, Camila.

<sup>25</sup> Este processo, também, recebeu inúmeras denominações pelos autores durante a história, cadinho de raças, assimilação patriótica, entre tantas, não temos aqui a preocupação de aprofundar estas definições, mais estas podem ser facilmente encontradas em obras sobre o tema.

Esta é a lógica peculiar da democracia. (COPEJC apud MCALAREN, 2000, p.42).

Esta é a principal identidade estadunidense, que cresceu apoiada em um multiculturalismo conservador<sup>26</sup>, criando, junto a si, uma pressuposição dogmática que inseriu este país e grande parte do mundo em uma perspectiva de que seu legado era grandioso, único e nomeadamente eterno.

Como conseqüência, exportou-se o modo de vida, cujo propósito inicial surgia inserido em um discurso enaltecendo a preocupação em levar a felicidade e a liberdade às outras nações<sup>27</sup>. O problema é o lado inverso dessa moeda, conforme já era destacado em 1950 por Commager:

Gerações sucessivas se mostraram igualmente ansiosas por disseminar a idéia norte-americana pelo globo e se exasperaram com o fato de idéias estrangeiras se intrometerem nos Estados Unidos, e o termo legal alienígena continha, quase invariavelmente, uma conotação de repugnância<sup>28</sup>. (COMMAGER, 1950, p. 22).

Apegando-se a esta leitura podemos iniciar uma análise mais aprofundada sobre a percepção dos imigrantes não-brancos, principalmente, a situação dos latinos nesta sociedade. Para realizar esta tarefa partiremos de alguns dados, presentes no censo estadunidense de 2001, onde, é previsto que, até o ano 2050 a porcentagem de moradores considerados não brancos excederá 50% da população do país. Destes, mais de 50%, a expectativa é que descenda de populações da América Latina, população que historicamente sempre ocupou posição de subclasse e hoje em dia, junto aos negros e os descendentes de indígenas, representam grande parte da população pobre deste país, segundo Huntington:

---

<sup>26</sup> De acordo com a definição de Peter McLaren em *Multiculturalismo Crítico*, onde o mesmo distingue o multiculturalismo crítico, ou seja, o que afirma sua identidade, do conservador que generaliza em uma igualdade superficial inserida em um modo de vida específico.

<sup>27</sup> Esta é uma crença muito arraigada dentro da tradição política dos Estados Unidos, considerar, pelo menos em discurso, que sua interferência está acima dos seus interesses e que, esta, possui uma característica de caridade. A discussão sobre este processo pode ser aprofundada em: *A Arrogância do Poder*, escrito pelo Senador J. William Fulbright em 1969.

<sup>28</sup> No teatro de Eugene O'neill(1962 intitulado *Alem do Horizonte*, esta percepção de rejeição é bem demonstrada, centrando-se na história de dois irmãos, onde o primeiro era considerado frágil e sonhador, querendo em conhecer o mundo e o segundo um cidadão típico dos EUA, que trabalhava arduamente e vivia em um mundo bastante fechado. O fato é que durante o texto o irmão sonhador apaixonasse e acaba deixando de ir viajar pelo mundo, indo o outro irmão em seu lugar. Como resultado desta volta ao mundo, em sua volta para casa, o mesmo, constantemente reclama dos outros lugares do mundo.

A pobreza ainda persiste nos Estados Unidos, décadas depois da Grande Sociedade e da Guerra à Pobreza. Os Hispânicos, com 30% vivendo abaixo da linha da pobreza, tomaram o lugar dos negros como a grande minoria mais pobre, e em algumas reservas indígenas o índice de desemprego está acima de 70%. Impressiona o progresso dos negros, especialmente das mulheres negras, mas 27% dos negros ainda vivem abaixo da linha da pobreza---- em uma época em que a economia dos Estados Unidos registrou quase uma década de crescimento sustentado e baixos índices de desemprego (HUNTINGTON, 2002, p.19).

Essa proporção causou uma reação imediata no que se refere à política de imigração, onde existe uma preocupação muito grande com a intensa quantidade de ilegais, preocupação que se soma à dificuldade de controle das constantes passagens dos mesmos pela fronteira.

Os atentados de 11 de setembro resultaram em uma maior restrição ao acesso de imigrantes, gerando uma apologia do aumento da segurança nas fronteiras.

Mas o que diferencia a população latina de tantas outras dentro deste país que a torna mal vista pelos setores conservadores?

Além da grande quantidade, que chega hoje em dia a um percentual de 12%<sup>29</sup>, o que acaba lhes dando um importante papel nas decisões do país, o ponto mais relevante é a forte manutenção da sua identidade, segundo Mario Vargas Llosa:

Creio que pela primeira vez em sua história (dos Estados Unidos), há um grupo étnico cultural, que o *melting pot* não conseguiu dissolver: o latino. É um grupo que está muito consciente de sua própria identidade, que a defende, e que ademais reclama o direito a mantê-la dentro do que é o sistema americano. América Latina entra aí da maneira mais inesperada, com umas conseqüências culturais indiscutíveis. (VARGAS LLOSA, apud MARRAS 1992, p.125).

Debruçando-nos sobre a citação deste importante escritor latino, nos parece claro que esta resistência latino-americana interfere diretamente na proposta conservadora de assimilação, desenvolvida, pelos EUA, durante toda sua história.<sup>30</sup> Grande parte do grupo em questão nega o processo de assimilação cultural<sup>31</sup>,

---

<sup>29</sup> Segundo o jornal Estado de São Paulo o número de latinos nos EUA chegou a 35 milhões, valores que ultrapassaram o número de habitantes negros, estes latinos representam quase metade do crescimento demográfico do país e foram 6% do coeficiente eleitoral nas eleições de 1998.

<sup>30</sup> Com exceção dos afro-americanos que também constantemente politizaram sua identidade e conseguiram inúmeros avanços dentro da sociedade com este procedimento.

<sup>31</sup> Entre este imenso conflito encontramos o choque entre as gerações de latinos, onde os jovens se vêem entre o choque da cultura transmitida pelos parentes e a cultura local, esta discussão é bem aprofundada nos Cuadernos Étnicas pelo seu editor Felipe Morente Megías.

potencializando a raiz cultural latina, politizando a aceitação de sua cultura como parte importante da nação, esse processo acaba criando uma nova nação dentro da já existente, seguindo uma direção claramente oposta ao que sempre foi pregado pelas elites dominantes.

As minorias nos EUA têm avançado a cada dia ampliando seus direitos e inserindo seu modo de vida dentro do país. Temos pela primeira vez nos Estados Unidos o ensino através de uma proposta bilíngüe; o governo de George W. Bush é o que possui o maior número de funcionários de alto-escalão de origem não branca em toda a história nacional<sup>32</sup>. Sem contar os avanços durante as décadas de 60 e 70, onde os afro-americanos conseguiram a inserção de cotas e programas de ação afirmativa.

Mesmo assim, os EUA são, entre os países ricos, os que possuem a pior distribuição de renda, e, dentro de uma realidade ainda mais grave, os programas de assistência a famílias pobres são constantemente criticados pela grande maioria da população. Segundo Michael Novak, neoconservador, 71% dos eleitores estadunidenses preferem a liberdade para progredir à igualdade, e apenas 38% dos pesquisados consideram que o governo estadunidense possui responsabilidade sobre as disparidades na distribuição de renda. (Novak, 1997).

Se por um lado, estes dados demonstram claramente uma rejeição pela grande maioria da população aos programas sociais que pregam a ajuda a grupos minoritários, por outro, demonstra que o processo de assimilação ainda consegue absorver grande parte da população que imigrou para o país, já que entre esta porcentagem de cidadãos que rejeitam os programas sociais muitos, são representantes de minorias<sup>33</sup>.

Para esclarecer melhor este processo de assimilação ocorrido, remetemos à compreensão uma citação extraída do capítulo escrito por Manning no Livro *El neoconservadorismo em Estados Unidos una historia concisa*:

A chave desta história reside em que a inclusão de novos imigrantes, através do processo de assimilação cultural, deve seguir as instruções dos grupos sociais anteriores a eles, isto é, a “receita” do

---

<sup>32</sup> Entre estes, Alberto Gonzáles (o primeiro Hispânico a ocupar um dos quatro cargos mais importantes dos Estados Unidos, no departamento de Justiça), Condoleezza Rice (primeira negra a ser secretária de Estado), Margaret Spellings (no departamento de educação), Carlos Gutierrez( cubano indicado ao comércio)

<sup>33</sup> Ver mais sobre este processo em: Questão de Raça de Cornell West, onde, o mesmo afirma que muitos dos negros que se beneficiaram dos programas de ação afirmativa passaram a posicionar-se contra o mesmo, por considerar que aceitando estes programas deixariam de ser estadunidenses.

conformismo anglo-saxão. Assim, com a obrigada eficiência das forças de mercado no âmbito econômico, este darwinismo cultural serve para preservar a manifesta superioridade da “cultura comum” - como foi definida por outros grupos imigrantes anteriores - ao ridicularizar as minorias que conservam sua cultura tradicional, o que qualificam como anacronismo social. (MANNING, 1997, p.228).

Como percebemos neste processo, as populações minoritárias acabam por sofrer uma absorção, que possui como resultados lógicos duas possibilidades: abrir mão de sua identidade e adotar o padrão moralmente imposto, ou politizar sua identidade e ser considerados anacrônicos pela população do país. Este procedimento de imposição de identidade posiciona-se totalmente contrário à proposta de multiculturalismo presente na origem desta nação, que ilustraremos com um fragmento escrito por Huges:

O multiculturalismo afirma que as pessoas com diferentes raízes podem coexistir, podem aprender a ler os bancos de imagens de outras, podem e devem olhar além das fronteiras de raça, língua, gênero e idade sem preconceito ou ilusão, e aprender a pensar no cenário de uma sociedade hibridizada. Sugere- muito modestamente- que algumas das coisas mais interessantes da história e da cultura acontecem na interface entre as culturas. Quer estudar situações limítrofes, não apenas por serem fascinantes em si, mas porque sua compreensão pode trazer consigo um pouco de esperança para o mundo. (HUGES, 1993, p. 75).

Dentro da análise dessa proposta, na qual o multiculturalismo se baseia, percebemos a grande diferença presente nos EUA. Não que o país tenha se fechado, de maneira definitiva, para esta troca de informação tão importante para uma melhoria na vida, já que continua a absorver e a financiar uma grande leva de pesquisadores de todo o mundo, o problema é que agora existe a negação de que estes imigrantes contribuam realmente para a Nação, ou segundo John Fonte, Diretor do *Hudson's Center for American Common Culture*, um centro com forte presença de neoconservadores, ao argumentar sobre a importância do processo de assimilação: “Eles enfatizam a unidade Americana, não a diversidade --- com o intuito da produção de uma sociedade livre, e não o fim da mesma” (FONTE, 2002).

A preocupação presente na idéia de John Fonte se restringe, principalmente, no que notamos que vem acontecendo nas duas últimas décadas, onde são constantes

as explosões urbanas envolvendo grupos minoritários. Exemplos como os ocorridos em New Orleans em 2005, onde após o furacão Katrina ocorreram diversos saques e confrontos, ou mesmo os acontecimentos de Los Angeles em 1992 onde a população tomou as ruas da cidade por três dias. Lembramos que a preocupação com a manutenção da unidade levou, em 1992, a grande maioria dos intelectuais conservadores a atribuir os distúrbios ocorridos na cidade à ação das gangues, que segundo eles foram motivadas pelo ressentimento ao sucesso econômico de grupos não negros na região central de Los Angeles, ou na leitura feita por Fukuyama:

Na verdade no caso de Los Angeles houve o que parecem ter sido esforços deliberados e sistemáticos de parte de alguns baderneiros para atacar estabelecimentos comerciais coreanos, uma enorme quantidade dos quais foi destruída e danificada. O ressentimento popular contra lojistas não-negros é desmedido, dando origem a teorias conspiratórias sobre a maneira como estrangeiros sinistros tramam implacavelmente a exploração econômica dos afro-americanos. (FUKUYAMA, 1996, p.316).

Esta leitura se mostrou posteriormente errônea, já que os conflitos de Los Angeles e mesmo os saques no pós Katrina são na realidade explosões sociais resultantes da pobreza e as constantes pressões que o modo de vida estadunidense impõe sobre os grupos minoritários, e isto fica claro na descrição feita por West, em seu livro *Questão de Raça*, dos envolvidos na revolta de 1992:

As loquazes tentativas de reduzir seu significado às patologias da classe negra marginalizada, a ações criminosas de arruaceiros ou a revolta política das massas oprimidas erram longe o alvo. Entre os que foram detidos, apenas 36% eram negros, mais de um terço tinha emprego em período integral e a grande maioria declarou-se avessa à filiação política. O que testemunhamos em Los Angeles foi consequência de uma combinação de declínio econômico, decadência cultural e letargia política na vida norte americana. A raça foi o catalisador visível e não a causa subjacente. (WEST, 1994, p.17).

Ao observarmos estes acontecimentos percebemos que os EUA se encontram envoltos em um paradoxo, que consiste em: necessitar do conhecimento e do trabalho desenvolvido pelos grupos imigrantes, ao mesmo tempo, em que tenta manter o discurso ufanista de que representa o que existe de melhor na história e é pressionado por estes grupos em sua luta por inserção e melhoria nas condições de vida. Este dilema é presenciado de forma clara, sobretudo, quando pensamos na

atual política de imigração, que propõe que os imigrantes venham trabalhar no país, desde que, por um período de tempo específico e com os trabalhos já definidos. O intuito central desta política reside no não estabelecimento de um vínculo entre este imigrante e o país, de forma que esta característica de imigração garanta o controle sobre as populações latinas, protegendo os trabalhadores não qualificados nascidos nos EUA. Ao mesmo tempo, não deixa um grande rombo no mercado de trabalho que necessita desta mão de obra imigrante.

Esse processo acaba restringindo, também, a imigração de indivíduos que vem de maneira desestruturada, sobretudo, porque obriga que o trabalhador que chega ao país possuía uma ocupação definida, com um tempo de permanência previamente estabelecido. Essa proposta, se implantada, terá como resultado o fim do mito da “América” como a terra das oportunidades, restringindo a participação dos imigrantes a trabalhos específicos e por tempo determinado quebra-se a esperança de que trabalhando duramente se possa chegar a ser realmente um estadunidense.

Podemos, a partir deste ponto, fechar esta parte introdutória partindo para a discussão específica sobre o grupo ao qual nos propomos estudar, os neoconservadores, favorecendo a compreensão do contexto em que as suas idéias afloram e se fortalecem.

### 3 O neoconservadorismo em perspectiva histórica.

Neste capítulo procuraremos aprofundar a discussão sobre a história do neoconservadorismo, alicerçando a compreensão de algumas de suas características, que serão profundamente importantes para as análises específicas de algumas das suas obras representativas.

Temos como objetivo, no desenvolvimento deste texto, observar algumas particularidades deste movimento, procurando ressaltar tópicos importantes de sua origem, percebendo suas influências intelectuais, aprofundando os momentos em que este movimento ganhou ou perdeu força, e compreendendo as características que o levaram a exercer influência sobre algumas posturas do governo de George W. Bush.

Em um segundo momento, procuraremos explicar o que diferencia este movimento de grupos conservadores tradicionais, esclarecendo quais são as suas posições com relação às discussões envolvendo cultura, igualdade e sucesso dentro da sociedade estadunidense.

Centramos estes como nossos objetivos fundamentais, entre tantas outras elucidações sobre este movimento que possuía urgência de serem esclarecidas, já que, partimos da proposta de fugir às críticas superficiais, com o intuito de tentar, realmente, compreender este pensamento, atingindo, através deste processo, um comprometimento com a tentativa de perceber as motivações que geraram este grupo e não com as críticas que se avolumaram sobre os mesmos durante os últimos anos.

Procedemos, por este motivo, de uma posição baseada na ótica de que não podemos pensar o neoconservadorismo como um movimento constituído apenas por um bando de aproveitadores, que constantemente, durante sua história, mudou de lado de acordo com seus interesses momentâneos<sup>34</sup>, nem acreditar que as bases do pensamento neoconservador surgiram de características provincianas, como afirmou Mario Vargas Llosa no artigo *Fundamentalistas e Republicanos*<sup>35</sup>, já que

---

<sup>34</sup> Em um artigo intitulado; Os Estados Unidos, o Iraque e as origens do projeto neoconservador, escrito para a revista Margem Esquerda nº6 Argemiro Ferreira afirma que: “Críticos preferem vê-los como liberais que se bandearam para o conservadorismo com medo da caça às bruxas do senador Joe McCarthy na década de 1950”

<sup>35</sup> Estado de São Paulo, dia 1 de maio de 2005.

estes pensadores denominados neoconservadores, em sua maioria, possuem uma formação intelectual profundamente diferenciada.

Também não podemos tomar como verdade que sua chegada ao poder ocorreu por um acidente, pois, apesar de seus representantes serem numericamente reduzidos, conseguiram que suas idéias tivessem forte impacto nacional. Negamos por este motivo a leitura realizada pelo jornalista Ari Shavit e citada por Argemiro Ferreira (Ferreira, 2005) onde o mesmo argumenta que se umas vinte e cinco pessoas não estivessem nos EUA, possivelmente as guerras do Iraque e do Afeganistão não teriam ocorrido.

De fato, os neoconservadores não possuíam uma clareza de que suas idéias poderiam ter tanto destaque, mas trabalharam, de maneira dura, para que fossem conhecidas, posicionando-se abertamente sobre inúmeros assuntos<sup>36</sup>. Portanto, considerar que apenas o isolamento de alguns de seus membros poderia modificar os acontecimentos dos últimos anos representa um exagero, sobretudo, porque as idéias destes intelectuais já se encontram há décadas inseridas no debate nacional, o que chegou a chocar os próprios membros deste movimento. Segundo Shadia B. Drury “Apesar dos neocons tornarem-se ideologicamente dominantes no partido republicano nas décadas de 80 e 90, Kristol nunca imaginou que suas idéias pudessem entrar na psique da nação.” (DRURY, 1999, p.137).

Agora, se observarmos essas idéias relacionando-as com toda a discussão realizada em nosso capítulo introdutório afirmamos que estas vieram ao encontro dos anseios da nação, representando o que a mesma esperava de um grupo político. Isto ocorre, sobretudo, porque os neoconservadores acabam atingindo, de maneira cirúrgica, os principais pontos que preocupam a grande maioria da população, onde, diferentemente da maior parte dos grupos políticos, os mesmos não partilham da insegurança de serem ridicularizados, propondo sem grandes medos soluções rápidas para os principais problemas que a sociedade estadunidense atravessa<sup>37</sup>.

Para demonstrar isto, nos centramos no exemplo citado por John Micklethwait e Adrian Wooldridge em seu livro *The Right Nation*, onde argumentam que apesar do grande abismo existente entre os inúmeros grupos conservadores presentes nos

---

<sup>36</sup> Em revistas como a *Public Interest*, *Commentary*, e em *Think Tanks* como o Hudson Institute, o AEI, e o Project for the New American Century.

<sup>37</sup> Não estamos afirmando, quando falamos isto, que consideramos as propostas neoconservadoras como certas ou erradas, simplesmente, esclarecemos que elas são colocadas à mesa de maneira clara, sem a preocupação de estas serem consideradas absurdas ou não.

EUA, o centro de gravidade na opinião pública deste país pende para a direita. O principal resultado desta constatação na balança de forças acaba sendo a definição de que as características conservadoras são consideradas como progressivas. Mas o que significa considerar o conservadorismo como progressivo?

A questão a ser esclarecida, é que os movimentos conservadores, de uma maneira geral, conseguiram nas últimas décadas ampliar, de forma crescente, sua influência na sociedade, principalmente entre casais jovens, onde suas idéias foram fixadas de tal forma que passaram a ser aceitas como solução possível e verdadeira no senso-comum. Como resultado deste abraço ao conservadorismo, muitos jovens estadunidenses defenderam nos últimos anos as propostas de George W. Bush, reelegendo-o com extrema facilidade após uma primeira eleição no mínimo duvidosa. Muitos também apoiaram as invasões do Afeganistão e do Iraque, a diminuição da privacidade interna e a restrição à imigração, entre tantas outras mudanças que levaram os Estados Unidos a exercerem uma postura muito próxima à pregada pelos grupos conservadores.

Dentro destes acontecimentos podemos supor dois caminhos que levaram a sociedade estadunidense a este posicionamento: o primeiro surge através da idéia de que o medo, especialmente após os atentados de 11 de setembro, enraizou-se, fazendo com que os mesmos assumissem posturas historicamente ligadas ao conservadorismo. E não consideramos aqui, apenas, o medo restrito ao ataque físico à nação e sim um grande ataque à cultura estadunidense.

Este ataque à cultura estadunidense surge como resultado de um conjunto amplo de fatores que foram desenvolvidos durante as últimas décadas e que facilitaram esta transformação. Destacamos entre esses, a desestruturação da família, o aumento do desemprego, o aumento da violência, o aumento de sentimentos ligados à identidade por grupos minoritários e a resposta conflituosa a este sentimento realizada pelos grupos até então dominantes, entre tantos outros acontecimentos que transbordam dentro da perspectiva de que o mundo como era conhecido estaria se desmanchando.

A segunda hipótese surge do pressuposto de que a sociedade estadunidense sempre se percebeu como conservadora. Refletir sobre esta perspectiva nos leva a desfazer a associação que constantemente fazemos quando relacionamos conservadorismo ao atraso. E este é um ponto bem interessante para se pensar na questão do neoconservadorismo, pois o mesmo apesar de possuir características

conservadoras, possui também uma perspectiva muito própria da idéia de modernização. Mas o que significa realmente possuir características conservadoras?

Normalmente a primeira imagem que nos vem à cabeça quando ouvimos a palavra: conservador é, com certeza, a de algo rígido, que não suporta mudanças e que quer, a todo custo, manter seus valores, ou mesmo retomar algo que foi ultrapassado pela história. Segundo Shadia B. Drury, o conservadorismo é muito mais do que isto:

Mas conservadorismo é muito mais do que uma disposição política, ele contém um ideal político concreto caracterizado pela hierarquia, harmonia, unidade, ordem, virtude, reciprocidade, valores compartilhados e concordância mútua. (DRURY, 1999, p.138).

John Micklethwait e Adrian Wooldridge retomam a definição exposta por Burke ao discutir as características do conservadorismo, para Burke o conservadorismo se prende a seis princípios, sendo eles: uma profunda suspeita do poder do estado; a preferência por liberdade do que igualdade; patriotismo, a crença em instituições e hierarquias; ceticismo sobre a idéia de progresso, e elitismo.

Talvez, à primeira vista, este parecesse o momento preciso para que fossem confrontadas as características do movimento neoconservador com as do conservador, mas preferimos por hora pausar esta discussão, com o intuito de, primeiramente, refazer parte da trajetória do movimento neoconservador nos EUA. Consideramos que a compreensão desta história nos levará a construir as diferenças reais com outros grupos conservadores.

Para abranger melhor esta trajetória é preciso que voltemos um pouco no tempo, mais precisamente na formação de um grupo denominado Intelectuais de New York, que surgiu em meados de 1930, tendo sua formação associada a um grupo de teóricos judeu-trotskistas, que na época escreviam críticas literárias e ensaios políticos em torno de algumas revistas como *Partisan Review*, *Commentary* e *New Leader*, entre estes encontramos Sidney Hook, Lionel e Diana Trilling, Elliot Cohen, William Philips, Dwight Macdonald e Mary McCarthy, entre outros.

Pela leitura realizada por Bloch, os mesmos se distanciam das idéias socialistas e passam a criticar a União Soviética, partindo de um sentimento de recusa ao governo Stalinista, passando, após este ponto, a definir sua identidade a partir de sua diferença, posicionando-se como críticos da esquerda:

E, enquanto no seu princípio se definiam como marxistas radicais e antiburgueses modernistas, no final dos anos trinta, descobriram os horrores de Stalin na União soviética e no comunismo, como o regime totalitário mais recente. (BLOCH,1997, p.51).

Assim, pela leitura deste autor, entre as décadas de 40 e 50 acontece um passo importante no que se refere à transformação dos intelectuais de New York em Neocons. Durante as décadas em questão o movimento se avoluma, acontecimento marcado pela entrada de alguns intelectuais mais jovens como Daniel Bell, Nathan Glazer, Seymour Martin Lipset, Irving Howe, Irving Kristol, Gertrude Himmelfarb, Arthur M. Schlesinger Jr, Norman Podhoretz, Midge Decter e Jason Eptein.

Destacamos aqui, nesta lista, a presença de Irving Kristol que é considerado o grande pai do neoconservadorismo. Kristol, assim como a grande maioria dos membros da escola de New York, também possui sua origem associada a uma educação socialista, ou como pode ser esclarecido nas memórias do mesmo no livro *Neoconservatism The Autobiography of an Idea*:

Eu tive uma excelente educação no comunismo no City College<sup>38</sup> e no meu jovem grupo Trotskista, e eu conheci que se você segue a doutrina Marxista-Leninista tão seriamente quanto a liderança Soviética fez, o amplo perfil para uma apropriada política externa americana quase delineado por ela mesma. Ser um “linha dura” face-a-face com a União Soviética ou outro regime Comunista significaria que é provável que você esteja mais frequentemente mais distante do certo que do errado. (KRISTOL, 1995, p.34).

É neste período da história, com a entrada destes novos membros, que suas críticas ao socialismo tomaram um corpo cada vez mais radical, alcançando papel importante durante a era McCarthy com a criação do *American Commite for Cultural Freedom* (ACCF) que nascia com o papel de combater as idéias socialistas dentro dos EUA. Para ilustrar este momento recorreremos novamente a leitura de Bloch:

Convencidos da existência de uma conspiração comunista e da responsabilidade que implicava para os liberais a proteção da democracia nos Estados Unidos, dirigiram seu debate para endurecer as políticas anti-comunistas. (BLOCH, 1997, p.35).

---

<sup>38</sup> City College of New York.

Se por um lado, a escola de New York defendeu a campanha anticomunista do senador McCarthy, por outro, eles também passaram a criticar o mesmo por considerá-lo demagógico e repleto de intenções estúpidas e ineficazes. Elucidamos que este posicionamento dúbio sempre se manifestou na postura pública dos que futuramente, se definiriam como neocons, existindo vários episódios em que os mesmos apoiaram determinadas ações, para logo em seqüência se posicionarem contra elas no decorrer dos acontecimentos. Este procedimento fez com que muitos dos seus críticos os considerassem aproveitadores e oportunistas.

É exatamente nesta época que surge pela primeira vez o termo neoconservadorismo, sendo associado a este grupo pelo crítico Michael Harrington. O fato é que estes intelectuais, sob diversas denominações (liberais, conservadores), já exerciam, durante os anos 40 e 50, uma grande influência nos EUA por sua participação na ACCF.

Durante o mesmo período, estes intelectuais direcionam-se ao liberalismo, aceitando-o como opção política e buscando, dentro desta definição, enquadrar-se, com um modelo que procurava dar ênfase ao pragmatismo em detrimento à ideologia. Este posicionamento tem sua origem em uma busca de respostas para uma pergunta que sempre parecia perturbá-los: o que seria realmente um bom governo? A resposta surgia dentro da referência feita à liberdade conseguida por estes nos Estados Unidos, já que grande parte deles tinha origem na Europa, onde sofreram com as guerras mundiais, a ascensão do nazi-fascismo e as perseguições. Bloch aprofunda esta discussão quando descreve a agudeza que estes intelectuais tinham do chamado estado liberal:

O pluralismo era percebido como o fundamento do Estado benfeitor liberal, progressivo e pragmático, junto com outro conceito: o “pós-industrialismo”. Ele implicava numa ênfase na burocracia, na tecnologia e no saber científico, principalmente na armação do que os liberais descreviam como a “universidade liberal” estadunidense. A tarefa que assinaram e essas noções foram o ordenamento e a radicalização política e da sociedade em prol da ordem pragmática no ideológico.(BLOCH,1997, p.54).

Mas este posicionamento liberal durou pouco tempo, datando seu término no momento exato em que se iniciaram os movimentos de contracultura, durante as décadas de 60 e 70. Estes movimentos acabaram por criar um endurecimento ainda

maior das propostas destes intelectuais, como podemos perceber ainda segundo o texto de Bloch:

Até meados da década de sessenta o consenso que tinham os liberais estava colapsando. O liberalismo dos intelectuais de New York e de seus aliados foi substituído pelo que começou a reconhecer-se como “neoconservadorismo”, a causa das drásticas mudanças sócio-políticas que ocorreram nesta década; dado que a reação deste grupo sobre essas mudanças intensificou seus estilos e opiniões políticas particulares, brindando um novo caráter a sua ideologia. (BLOCH, 1997, p.55).

É exatamente nesta época que este grupo passa a aceitar a denominação de neoconservadores, sendo que o primeiro a se identificar com a denominação foi Irving Kristol. O principal intuito de Kristol foi à necessidade de diferenciar suas idéias e a dos intelectuais a ele vinculados das idéias defendidas pelos conservadores tradicionais<sup>39</sup>. Segundo Norman Podhoretz, no artigo *Neoconservatism: A Eulogy*, Kristol define o movimento neoconservador como “liberais assaltados pela realidade”. (PODHORETZ, 1996, p.20).

Por que os movimentos de contracultura levaram esta transformação de intelectuais que se definiam como liberais, direcionando-os para direita e fazendo com que os mesmos se definissem como neoconservadores?

Destacamos dois pontos que se entrelaçam e que consideramos responsáveis pela mudança de postura.

O primeiro assume a visão de que o mundo durante a década de 60 passava por combates definitivos contra as forças do regime soviético. Por esta leitura, a década representava um ponto de maior contraposição entre as potências da guerra-fria. Para os neoconservadores, as críticas realizadas pela nova esquerda estadunidense acabavam interferindo diretamente neste embate. Lembramos, aqui, que estes movimentos de contracultura surgem paralelamente com as manifestações que exigiam o término da guerra do Vietnã, e que os neocons incentivaram a entrada dos EUA na mesma.

A guerra do Vietnã apresentou-se como divisor de águas no posicionamento do grupo. É durante a mesma que a nova esquerda entra diretamente em rota de colisão com seu pensamento. Todavia, esclarecemos que a postura neocon foi dúbia. Ao mesmo tempo em que apoiaram a guerra, no momento em que os EUA começaram

---

<sup>39</sup> Também comumente chamados de paleoconservadores.

a ser derrotados, assumem uma crítica radical à postura do governo Nixon no início dos anos 70.

É interessante acrescentar, também, que durante a década de 60 a União Soviética passou a ganhar a corrida espacial. Ao olharmos este ponto, nos dias de hoje, lembramos que a União Soviética chegou ao espaço primeiramente que os EUA. A importância deste acontecimento, nesta época, significava na visão mais comum que o vencedor da corrida espacial ganharia também a guerra-fria. Esta percepção colocou a sociedade estadunidense em choque e radicaliza ainda mais a crítica dos neocons aos movimentos da contracultura. Para estes, estava na hora de vencer a disputa contra os soviéticos investindo neste confronto, abrindo mão dos interesses individuais.

O segundo ponto parte da interferência que estes movimentos acabaram tendo na trajetória do liberalismo, inserindo novos hábitos dentro da sociedade estadunidense: o sexo livre, o aumento no uso de drogas e a crescente busca pelas religiões orientais. Estas transformações são vistas, pelos intelectuais ligados a Kristol como motivo de desestruturação dos valores que posicionaram os EUA como uma potência, enfraquecendo o legado dos pais fundadores.

Nesse aspecto, o movimento neoconservador, assim como os demais conservadores, se posicionam contra o uso de drogas, contra o aborto e a pornografia, e defendem a importância de valores religiosos.

Voltando à discussão sobre as características da nova esquerda, além de inserir na sociedade novos hábitos, também, atacava a ordem liberal, já que apontava para soluções que interferiam no modo de vida estadunidense, causando um descrédito na idéia de igualdade perante a lei e obrigando o governo estadunidense a ampliar os programas de bem estar social.

Esta transformação da sociedade estadunidense acabou afetando a idéia de igualdade. De acordo com Messadié, intelectual Francês que em 1988 escreveu sobre a crise do mito Americano, a igualdade é um credo fortemente enraizado dentro desta sociedade:

Igualmente notável é o fato de que a América se pretende e se apresenta como igualitarista, e que nela se discorra em abundância sobre o dogma das “oportunidades iguais”, tanto nas lojas de ferragens das Mains Streets das pequenas cidades quanto nos salões dos privilegiados das grandes metrópoles. (MESSADIÉ, 1988, p.62).

Como podemos perceber, a idéia de igualdade era posta como definitiva, como algo que já havia sido resolvido no Pós-Guerra-Civil. Mesmo com o posicionamento contrário de inúmeros autores, mesmo a sociedade não sendo realmente igualitária, a crença de que o fosse era constantemente apresentado como realidade.

Este posicionamento interferia diretamente na maneira como o neoconservadorismo observava a sociedade. Na visão de Kristol os confrontos gerados durante a década de 60 eram desnecessários, especificamente porque considerava que a sociedade dos EUA era profundamente igualitária, ou como descreve Shadia B. Drury:

Kristol acredita que a sociedade burguesa americana é tão igualitária do que qualquer outra sociedade poderia ser. Tanto, que há uma direta correspondência entre a natural distribuição dos talentos humanos na população e a Curva de Bell de distribuição de riqueza na América. (DRURY, 1999, p.142).

É necessário deixar claro que os choques ocorridos entre os que agora se definiam como neoconservadores e os movimentos de contracultura não foram originados pela aversão dos mesmos ao Estado de bem estar social, uma vez que na verdade, muitos deles, imigrantes ou filhos de imigrantes, receberam ajuda destes programas. O que acabou chocando os neoconservadores foi o que consideravam um abuso na politização dos movimentos da contracultura e o exagero do governo em propor benefícios cada vez mais volumosos a estes. Segundo Max Boot:

Mas eles se dirigiram para a direita pelos excessos do final da década de 1960 e início da década de 1970, quando o crime estava crescendo nos Estados Unidos, a União Soviética estava ganhando terreno na guerra-fria, e o braço dominante do partido republicano estava com pouca vontade para endurecer com estes problemas. (BOOT, 2004, p.46).

Sobre o mesmo processo de radicalização ocorrido nesta época Bloch descreve a interferência destes movimentos sobre os pressupostos básicos do liberalismo:

Os movimentos radicais, que surgiram durante os anos sessenta, sacudiram o liberalismo, posto que suas ideologias rejeitaram por completo a maioria das convicções liberais básicas. O caminho mais difícil que enfrentou a ortodoxia liberal foi a presença da nova esquerda, pois atacava totalmente a ordem liberal; assim para quem

se havia convertido em neoconservadores o que a jovem esquerda adotava crenças socialistas radicais foi algo mais amenizante; isto cujas conseqüências não podiam ser toleradas pelos liberais e que, pelo tanto, provocou um cisma entre eles e a nova esquerda.(BLOCH, 1997, p.56).

O próprio Kristol posiciona a rebelião estudantil de 60 como o principal evento ocorrido durante a década, estabelecendo a mesma como ponto central de seu redirecionamento para valores mais conservadores, destacando em seu texto o grande choque que esta causou sobre eles e os intelectuais que estavam a sua volta:

O principal evento deste período foi a rebelião estudantil e o florescer da contracultura, com suas expectativas messiânicas e pavor apocalíptico. Isto certamente nos causou surpresa, como para todo mundo. De repente nós descobrimos que não apenas éramos culturalmente conservadores do principio ao fim. Este choque de reconhecimento teve profundas conseqüências. Nós éramos tipos burgueses, todos nós, mas pelos nossos hábitos e instintos do que por reflexão. (KRISTOL, 1995, p.31).

A seqüência a estes acontecimentos acabou generalizando uma grande discussão entre os agora neoconservadores e os membros da nova esquerda, onde, os autores da antiga escola de New York passaram a ser criticados por incentivarem as atitudes intervencionistas do governo estadunidense, ou como afirma Bloch:

Os radicais, então, acusavam os intelectuais de New York de serem os responsáveis das políticas imperialistas e de intervencionismo; e enquanto a ACCF, que já não existia, foi duramente criticada, da mesma maneira que as posturas macartistas de uma década antes, e no final dos anos sessenta, supostamente a Cia havia se inserido em algumas atividades dos liberais. (BLOCH, 1997, p.56).

É necessário neste momento abrir um novo parêntese e voltarmos nossa atenção à figura mais importante do neoconservadorismo, Irving Kristol. Compreender a história deste intelectual acaba facilitando muito a compreensão do movimento neoconservador. Para isto, concentramos nosso olhar sobre a influência que recebeu de Leo Strauss, seu principal professor.

Leo Strauss (1899-1973) foi um importante pensador conservador, judeu-alemão, se radicou nos EUA durante a segunda guerra mundial, fugindo do regime nazista. Lecionou ciência política na Universidade de Chicago e foi autor de quinze livros, que em sua maioria tratavam de filosofia política.

Kristol herdou grande parte de suas idéias dos ensinamentos de Strauss<sup>40</sup> de maneira que, para compreendermos o neoconservadorismo é necessário destacarmos algumas destas idéias com o intuito de perceber como influenciaram o pensamento neoconservador.

Strauss é mais conhecido, hoje em dia, pelos argumentos baseados na idéia de que, na sociedade, apenas alguns “intelectuais iluminados” deveriam decidir pelo resto da nação. Para o mesmo, a grande maioria não consegue tomar a decisão correta, e este é um papel que cabe a uns poucos. De uma maneira geral eles possuem como missão direcionar a população a um caminho certo. Segundo Kenneth R. Weinstein no capítulo *Philosophic Roots, the role of Leo Strauss, and the war in Iraq*<sup>41</sup> os neoconservadores são muito influenciados por esta idéia defendida por Strauss:

Talvez, como Paul Wolfowitz e outros neoconservadores, ele é um discípulo do filósofo político Leo Strauss. Strauss era um campeão da “mentira nobre” – a idéia que é praticamente um dever mentir para as massas porque somente uma pequena elite intelectual pode saber a verdade. (WEINSTEIN, 2004, p.203).

Realmente os neoconservadores, assim como Strauss, assumem esta postura como verdade escondendo muitas vezes suas reais intenções, com a preocupação do que seria melhor para o resto da população<sup>42</sup>.

Uma semelhança que encontramos entre Kristol e Strauss, é que os localiza em posição diferenciada a outros conservadores, é a visão de tradição. Para os conservadores tradicionais são necessários vários anos para se moldar o caráter de uma sociedade, ou seja, por esta leitura, a tradição é um depósito de conhecimento através de diferentes épocas. Na visão de Strauss, a tradição é a consciência criativa atribuída a um “filósofo iluminado”<sup>43</sup> deste modo, a sociedade não evoluía a partir de épocas e sim a partir do surgimento deste intelectual.

É importante acrescentar que os neoconservadores se consideram este tipo de intelectual, e procuram defender que a educação deveria ser realizada através dos grandes clássicos do ocidente, contrariamente às novas tendências na educação que

---

<sup>40</sup> Drury em seu livro *Leo Strauss and the American Right* posiciona Strauss como principal ponto de inspiração intelectual para Kristol.

<sup>41</sup> Presente no livro *Neoconservatism* editado por Irwin Steltzer (STELZER, 2004).

<sup>42</sup> Aqui retomamos a discussão do porque os Neocons aparentemente mudaram tanto de lado durante sua história, e percebemos que estas mudanças eram apenas a utilização deste argumento Straussiano.

<sup>43</sup> De acordo com a leitura feita por Drury.

buscam a inserção de outros tipos de referências, como o ensino bilíngüe em Inglês e Espanhol, cursos e autores que reflitam tradições vinculadas a outras regiões além da Europa.

Outra característica importante que Kristol herda de Strauss, e que nos ajuda a compreender os valores defendidos pelos neocons, é a percepção da necessidade de valores religiosos para que se governe uma nação<sup>44</sup>. Assim como Marx, Strauss considera que a religião é o ópio do povo, mas diferentemente deste, o filósofo conservador defende a importância dos valores religiosos para que a sociedade funcione de forma ordenada. Strauss parte da idéia de que sociedades que possuem valores religiosos acabam possuindo, também, valores morais que facilitam a governabilidade.

Podemos, a partir de esta idéia, perceber a importância da religião destacando que, para este pensador, a crise da modernidade se deve ao abandono dos valores pregados pela moralidade bíblica, e é, exatamente, esta crise da modernidade que choca os intelectuais receptores dos ensinamentos de Strauss. Bloom, aluno de Strauss, que abordaremos na terceira parte deste trabalho, descreve exatamente esta crise no livro *O declínio da cultura Ocidental, da crise da universidade à crise da Sociedade*.

Fica claro ao analisarmos as obras de Kristol, que nela existe claramente a influência do pensamento de Strauss, características que foram relevantes para formação do pensamento neoconservador e para a diferenciação, do mesmo, de outros movimentos conservadores existentes nos EUA.

Mas o que, especificamente, muda na visão dos neoconservadores para a visão de outros conservadores? Para responder esta pergunta destacaremos dois pontos de observação: o primeiro, um indicativo da sua posição política e ideológica, o segundo fechado dentro da discussão sobre o sucesso e o insucesso dentro do *American Way of Life*.

Com relação ao primeiro ponto, segundo a leitura realizada pelos principais estudiosos sobre o neoconservadorismo, este movimento destaca-se com um conservadorismo novo porque está longe da nostalgia do passado de outros conservadorismos mais tradicionais<sup>45</sup>. A representação desta nostalgia pode ser percebida no fato dos conservadores tradicionais lamentarem o fim da Idade Média,

---

<sup>44</sup> De acordo com a leitura realizada por Drury, p.148

<sup>45</sup> Edmund Burke, Joseph de Maistre e Louis Bonald.

queixando-se que o mundo perdera as características que, para estes, eram tão importantes nos tempos da aristocracia. Em contraponto a esta visão os neocons aceitam a sociedade burguesa como seu lugar, ou, como podemos notar pela leitura de Drury:

Distante de olhar para trás procurando uma sociedade aristocrática, o novo conservadorismo aceita o presente, o presente burguês, e sempre celebra o etos burguês e a moderna burguesia econômica. (DRURY, 1999, p.140).

A mesma Drury argumenta sobre este fascínio exercido pela sociedade burguesa sobre os neoconservadores, especificando a importância, para estes, da liberdade para se desenvolver dentro da mesma:

Civilização burguesa compreende o bem comum com segurança e liberdade sobre a lei. Ela promete um crescimento constante nas virtudes da sociedade burguesa -honestidade, sobriedade, dirigencia, e prosperidade- são diretamente conectadas com sucesso mundial. (DRURY, 1999, p.141).

Ao identificarem a sociedade burguesa como seu lar os neoconservadores abrem seu leque de discussão com relação a outros grupos conservadores dentro dos EUA, tornando suas idéias politicamente mais viáveis.

Esta discussão argumenta que os neoconservadores se diferenciam dos outros conservadores por não se manterem presos ao passado, pode ser facilmente questionada. Quando nos aprofundamos na leitura que fazem sobre o mundo percebemos que um dos pontos centrais sobre a sociedade está no posicionamento de que a modernidade se encontra em crise, o que nos leva a considerar que também estão presos ao passado, ao mundo que existia antes da ruptura dos anos 60. Em outras palavras se conservadores tradicionais se posicionaram como defensores da aristocracia, os neoconservadores defendem em suas idéias a retomada de valores anteriores à revolução de 1960, ou seja, o fortalecimento da família, a retomada de valores meritocráticos, entre outros.

Outra argumentação comumente utilizada para distingui-los dos conservadores tradicionais aparece na diversidade de áreas de conhecimento que abarcam, já que possuem um domínio sobre economia que a grande maioria dos conservadores

tradicionais não possuem. Kristol destaca este conhecimento como um avanço substancial do neoconservadorismo:

Neoconservadorismo, por esta parte, estava guarnecendo o conservadorismo tradicional com uma dimensão intelectual que ia mais longe às reflexões sobre economia nas raízes da cultural e social estabilidade. (KRISTOL, 1995, p.37).

De uma maneira mais clara podemos posicionar o movimento neoconservador com um grupo de intelectuais que associou liberalismo econômico a um forte conservadorismo social. Ao realizarem este processo os mesmos acabaram buscando em características culturais explicações que demonstrassem os motivos da presença de desigualdade na sociedade.

Partindo desta visão, podemos perceber que o movimento neoconservador possui outra característica que o diferencia dos outros grupos conservadores, ou seja, a formação intelectual. Quando iniciamos este trabalho, procuramos compreender as raízes da sociedade estadunidense, observando inúmeros escritos que descrevem sua formação, enunciando a substituição da filosofia por idéias mais práticas. Constantemente percebemos, nestas análises, que o estudo aprofundado das ciências humanas sempre foi deixado de lado, tanto que, durante os dois primeiros séculos da história estadunidense raramente podemos citar grandes intelectuais ali nascidos.

Quando ouvimos críticas ao movimento neoconservador, por suas idéias, constantemente, são acusados de não intelectuais por seus críticos. Percebemos que esta crítica é realizada de maneira errônea, pois, diferentemente da grande maioria dos grupos conservadores presentes nos EUA, eles possuem um grande conhecimento de ciências humanas<sup>46</sup>. Como mostraremos no próximo capítulo, este domínio pode ser facilmente percebido na leitura de suas obras, e esta é, sem dúvida, uma diferença crucial entre os neocons e os conservadores estadunidenses tradicionais.

Podemos, a partir deste ponto, acrescentar a segunda leitura, a que nos propusemos, com o intuito de diferenciar o neoconservadorismo dos outros

---

<sup>46</sup> O que discutimos aqui não são propriamente as idéias dos neocons, e sim a rica formação intelectual que os mesmos possuem, dominando grande parte dos clássicos das ciências humanas do mundo.

movimentos conservadores, e para isso precisamos retomar algumas características presentes na sociedade estadunidense.

Para compreender estas características nos prendemos à leitura feita por Messadié sobre a importância do filósofo Emerson para o atual modo de vida estadunidense. Para o autor francês, Emerson é o “patriarca da cultura Americana”, como podemos perceber pela sua explicação:

Qual a convicção principal de Emerson? É a de que o homem está só, e deve ficar só. No Address, ele reivindica também a independência absoluta do indivíduo, nos seguintes termos: “Eu lhes aconselho mais do que tudo seguir só o seu caminho, rejeitar os bons modelos, mesmo aqueles que, na imaginação dos homens, são sagrados, e ousar amar a Deus sem véu nem mediador. (MESSADIÉ, 1988, p.32).

Na convicção de Emerson existe um caráter fortemente individualista, uma busca pela solidão e pela liberdade. A necessidade de buscar o caráter individualista faz com que parte da população estadunidense, negue os programas de ação afirmativa e qualquer outra ajuda do Estado. Ainda pela leitura de Messadié:

O apelo à solidão de Emerson vem sendo repetido em coro e em cânticos há cerca de um século e meio, o que constitui um espetáculo patético e quase humorístico. Por tê-lo formulado, Emerson reforçou de modo singular a aspiração americana à liberdade total de ação: para o americano de então, assim como para seus descendentes de hoje, o homem está só diante de Deus e, no fundo, só tem a obrigação de prestar contas de seus atos a Ele. (MESSADIÉ, 1988, p.33).

Ao explicar a celebração realizada pelo movimento neoconservador ao etos burguês Shadia B. Drury acrescenta um pouco mais sobre a posição dos neocons sobre a idéia de igualdade:

Pessoas precisam de uma justificação metafísica das desigualdades econômicas, e não ficam satisfeitas com uma eventual arbitrariedade de julgamento que esta é baseada na sorte e não no mérito. (DRURY, 1999, p. 141).

Neste ponto podemos aprofundar mais uma grande diferença entre neoconservadores e conservadores e, para isto, nos apoiaremos em uma descrição de Messadié sobre a visão dos conservadores tradicionais:

Todos os homens são iguais e não há razão para perturbar a ordem desejada por Deus promovendo a intervenção da Previdência Social. Era em nome do respeito à vontade divina que os conservadores – detalhe muitas vezes esquecido- recusavam inicialmente tanto a anestesia para os partos difíceis quanto o ar condicionado, porque a primeira pretendia refutar o preceito bíblico “Darás à luz com dor e sofrimento!” e , o outro, a ordem divina das estações. Quanto a proteger o indivíduo contra a demissão, ainda que injustificada, a pobreza, a fome ou a doença, nem pensar! Só se dá aos pobres porque se tem liberdade de fazê-lo – mais um traço rousseauísta da idéia de liberdade- , e não por obrigação imposta pelo Estado. A própria idéia de uma intervenção do Estado na ordem social é profundamente antagônica ao que os republicanos de hoje, assim como os conservadores de ontem, chamam de democracia. (MESSADIÉ, 1988, p.36).

Podemos então compreender da seguinte maneira as diferenças entre os neoconservadores e conservadores. Enquanto os conservadores procuraram defender que a igualdade é algo natural e criado por Deus, de maneira que o Estado não possui direito a interferir nesta lei divina, os neoconservadores partem de uma idéia de não oposição ao Estado de bem-estar-social, desde que este seja pautado em valores realmente justos. Mas no que exatamente se baseia a justiça deste sistema para os neocons?

Como já descrevemos ao longo deste capítulo, muitos dos autores ligados a Kristol foram beneficiados pelas políticas de *New Deal* de Franklin Roosevelt, a grande diferença é que estes aproveitaram essa oportunidade para melhorar sua situação dentro da sociedade. Por este motivo, os neocons se posicionam contrários à maneira como os programas de assistências são desenvolvidos nos dias de hoje. Em sua literatura, constantemente, percebemos críticas às famílias que vivem exclusivamente destes auxílios, considerando que se criou um sistema em que é mais fácil receber auxílio por ser mãe solteira do que procurar um emprego.

Albert Hirschman, em seu livro *Retóricas da Intransigência*, procura mapear as principais argumentações conservadoras. Para ele, existem três principais grandes linhas de argumentações reacionárias dentro da crítica aos resultados da Revolução Francesa, do Sufrágio Universal, e do Estado de Bem-Estar-Social: a tese da perversidade, a da futilidade e a de risco. Dada nossa preocupação de realizar uma comparação entre os neoconservadores e os conservadores tradicionais, nos prenderemos apenas nas retóricas relacionadas aos programas de bem-estar-social,

fazendo uma rápida discussão de como se manifestam estas três retóricas conservadoras e se as percebemos dentro do discurso neoconservador.

Primeiramente trataremos aqui sobre a tese da perversidade, a mesma está intimamente relacionada ao dogma liberal do papel do mercado como regulador. De uma maneira geral, a principal linha deste argumento se concentra em que toda mudança ocorrida no sentido de romper com a ordem política e social acaba apenas agravando os fatores que tenta solucionar. Como exemplo, Hirschman descreve a formulação de Charles Murray:

A formulação de Charles Murray do efeito perverso da política de bem-estar-social voltou ao raciocínio vulgar dos defensores da reforma das Leis dos Pobres na Inglaterra dos princípios do século XIX. Inspirado como eles nas mais sensíveis obviedades econômicas, argumentava que a assistência pública aos pobres, tal como se dá nos Estados Unidos, atua como incentivo irreversível para os que trabalham efetiva e potencialmente com baixos salários (seus famosos “Harold” y “Phyllis”), fazendo-os avançar sobre as listas de assistência e não se mover de lá. (HIRSCHMAN, 1991, p.45).

O argumento proposto por Charles Murray, que discutiremos mais detalhadamente quando passarmos a analisar sua obra, surge da idéia de que os programas assistenciais ao invés de acabarem com a pobreza, na verdade aumentam-na, portanto, não adiantaria criar programas assistenciais para acabar com a pobreza.

Como podemos perceber, esta linha de argumentação não se diferencia em nada, quando comparamos seus resultados finais, com aquilo que é proposto por conservadores tradicionais, o que ocorre é apenas uma mudança na retórica utilizada.

A segunda tese que Hirschman descreve, que denomina tese da futilidade, concentra-se na idéia de que qualquer tentativa de transformar a sociedade acabará ou não conseguindo transformá-la na realidade, ou mesmo que consiga, não atingirá quem realmente necessite desta mudança<sup>47</sup>.

---

<sup>47</sup> Hirschman classifica como autores que se utilizam desta linha de argumentação: George Stigler, Martin Feldstein e Gordon Tullock.

Por último destacamos a tese de Risco que afirma que as mudanças propostas acabam implicando custos ou conseqüências inaceitáveis, ou seja, que o Estado de Bem-Estar-Social coloca em risco as liberdades individuais e a democracia<sup>48</sup>.

Quando observamos estas três teses, percebemos facilmente que as mesmas são constantemente utilizadas pelos neoconservadores no intuito de contestar os programas assistenciais, isto será verificado no terceiro capítulo, em que a análise de obras específicas de autores neoconservadores terá como base de apoio as teses de Hirschman. Assim contrapomos até que ponto os neoconservadores possuem propostas realmente novas se relacionados aos conservadores tradicionais, ou se, estes apenas sofisticam a discussão sem que com isto se alterem os resultados finais, que continuam pautando-o questionamento dos sistemas de auxílio.

Outro ponto de contraste entre o neoconservadorismo e o conservadorismo, que também destacaremos no próximo capítulo, é sua relação com o movimento trabalhista. De acordo com Podhoretz:

O velho conservadorismo é uniformemente hostil às uniões trabalhistas, tanto em princípio quanto na prática, todavia o neoconservadorismo permaneceu como amigo do movimento trabalhista como eles eram durante seus dias na esquerda.(PODHORETZ, 1996, p.21).

Podemos, a partir desta rápida definição das principais diferenças entre os neoconservadores e conservadores procurar retomar a história do grupo, observando um momento posterior, quando conseguiram inserir suas idéias de forma mais direta no governo dos EUA, mais especificamente durante a presidência de Ronald Reagan.

Procuramos deixar claro que apesar destes exercerem grande influência nesse governo, não eram dominantes nas idéias do mesmo. Segundo Velasco<sup>49</sup>, a base de apoio do governo Reagan consistia em uma união de quatro grupos, sendo eles: os neoconservadores, os conservadores tradicionais do partido republicano, o chamado grupo laico da nova direita<sup>50</sup>, e um setor de economistas representados por Arthur Laffer e Jude Wanniski<sup>51</sup>.

---

<sup>48</sup> Hirschman cita como autores representativos Friedrich A. Hayek e Samuel P. Huntington.

<sup>49</sup> Entrevista realizada com Dr. Jesus Velasco pela Min. Emma Rodríguez em 22 de julho de 2004.

<sup>50</sup> Este grupo, segundo o autor, foi muito importante por sua capacidade de mobilização política nas urnas. Entre eles estavam Jessé Helms e várias organizações como a The Heritage Foundation fundada em 1973, além, de outras organizações como a *National Conservative Political Action Committee* dirigida

Ainda segundo Velasco, estes grupos possuíam uma agenda que consistia de três pontos: a luta militar contra o comunismo, a adoção de um tradicionalismo social e de um liberalismo econômico denominado libertário:

Com isto queriam dizer que quanto ao comunismo havia que derrotá-lo com as armas. No caso do tradicionalismo social, apoiava os valores mais tradicionais, por exemplo, que as mulheres não trabalhassem, que não existia a liberação feminina, que houvesse reza nas escolas públicas. Evidentemente, não se aceitava a relação homossexual, estavam contra o aborto e estavam a favor de que todos os estadunidenses portem uma arma para se defender, etc. Finalmente, o libertarianismo econômico, que em poucas palavras seria deixar em total e absoluta liberdade as forças do mercado. (VELASCO, 2004).

Também é preciso resgatar que Reagan herda, ao se eleger, um EUA inserido em uma grande crise política, causada pela derrota na guerra do Vietnam. Se bem que atinge o poder apoiado pelos Republicanos, na votação para o senado são os democratas que obtém a grande maioria das cadeiras.

Para destacar as características adotadas por Reagan inspiradas em uma raiz conservadora, recorreremos novamente à leitura de Messadié. O autor Francês define algumas idéias importantes, que em nossa análise, podem ter sua origem associada às idéias propostas pelos grupos que formaram a base de apoio deste governo, sendo elas: 1) Aumento do combate ao comunismo, que nos pareceu, uma consequência lógica ao aumento da influência dos neocons no poder, pois, desde a década de 40 os mesmos posicionavam a União Soviética como o grande inimigo da liberdade, ou segundo a denominação de Reagan, “O Império do Mal”. 2) aumento dos gastos militares que passou de 134 bilhões de dólares em 1980 para 266 bilhões em 1986, em que percebemos o resultado direto da disputa com o governo Soviético. 3) Cortes com gastos sociais, onde, segundo Messadié:

embora o próprio governo reconheça que 33,4 milhões de americanos vivem na pobreza (número totalmente teórico, pois vimos aqui que na realidade se aproxima a 100 milhões), reduziu para 19 milhões o número de beneficiários dos Food Coupons. (MESSADIÉ, 1988, P. 59).

---

por Tery Dolan, um grupo chamado por ele de direita fundamentalista ligada aos evangélicos radicalizados que pertenciam ao reverendo Jerry Falwell entre outras organizações.

<sup>51</sup> Estes propunham a economia ligada à oferta, postulando que à medida que os EUA reduzissem impostos haveria um maior incentivo a inversão, que refletiria repercussões positivas na economia estadunidense.

Esclarecemos aqui que a diminuição de gastos com programas de auxílio, no governo Reagan, não se restringiu apenas aos chamados *Food Coupons*, e que Messadié acrescenta, neste mesmo livro, que os gastos foram reduzidos também em habitação, onde os empréstimos caíram de 90000 unidades para 30000, entre outras reduções.

Como resultados deste processo percebe-se o aumento da pauperização e da mortalidade infantil<sup>52</sup> e com isto a necessidade de se reabrirem os albergues e a volta da distribuição de sopa nas ruas, ação que havia sido, quase, extinta durante os anos 70.

Com o fim da guerra-fria a percepção neoconservadora concentrava-se na idéia de que ocorrera a vitória do Império do Bem, e que, o resultado lógico seria a expansão da “hegemonia liberal”, partindo da idéia de que os neocons estariam à frente deste processo. Todavia, o que ocorreu foi exatamente o contrário, onde, após o final da administração Reagan sua influência no governo Estadunidense passou a decair. Segundo Almeida:

Todavia, a influência dos neoconservadores diminuiu consideravelmente durante a Presidência de Bush Pai. Por exemplo, não foram capazes de impor, contra a posição dos conservadores realistas, como Colin Powell, James Baker e Brent Scowcroft, o derrube de Saddam Após a Guerra do Golfo de 1991. (ALMEIDA, 2004).

Esta perda de influência acaba se intensificando durante o governo Clinton. Os neocons acabam passando pelo que Velasco chamou de “entrada no deserto”. O declínio da influência chegou a se tornar tão presente que até Norman Podhoretz, um dos principais fundadores deste movimento junto a Kristol, passou a questionar o futuro do movimento, considerando-o como um desaparecido e não como morto, devido aos resultados do enfraquecimento que o mesmo passava durante os anos 90. (PODHORETZ, 1996).

Como resistência ao processo de definhamento da sua inserção política, os neoconservadores tiveram que se posicionar de coadjuvantes, junto aos outros grupos da base de apoio a Reagan, no antagonismo ao Governo Clinton dos

---

<sup>52</sup> Segundo Messadié: os EUA ocupavam o 18º lugar na incidência de mortalidade infantil entre os países industrializados.

chamados Theocons<sup>53</sup>, cuja maior presença se dá no marco dos escândalos sexuais envolvendo este presidente:

A campanha anti-Clinton, centralizada nos casos de sexo, era mais dos theocons (conservadores teocráticos da direita religiosa, liderados pelos pastores Pat Robertson (coalizão Cristã) e Jerry Falwell(maioria Moral)), mas os neocons foram seus aliados próximos. Até porque o filósofo inspirador do movimento, Leo Strauss (morto em 1973), considerava a religião a “cola” para manter a sociedade unida. (FERREIRA, 2005, p.54).

A volta por cima dos neocons tem início com a chegada ao poder de Bush filho, em boa parte devido aos esforços de Willian Kristol (filho de Irving Kristol) e seus constantes escritos na revista *The Weekly Standard* sobre a importância do neoconservadorismo e a atualidade de suas idéias.<sup>54</sup>

Segundo Ferreira, a decisão de se reiniciar a Guerra do Golfo é fortemente influenciada pelos neoconservadores. Bush decide reiniciar a guerra que anos atrás foi estacionada por seu pai. Os neoconservadores apóiam a guerra como uma tentativa de redimir-se da derrota política que sofreram durante o governo de Bush Pai, ou segundo a descrição feita por Ferreira:

Em 2003, depois da NSS, William (Bill) Kristol, editor da *Weekly Standard*, porta voz do pensamento neocons, exaltou o triunfo de Wolfowitz, a quem atribuiu o texto de 1992. declarou-o vingado pela história e criticou o recuo de Bush I. “ depois do 11 de setembro, o texto de Wolfowitz, feito nove anos antes, passou a ser visto como profético”, disse Kristol. (FERREIRA, 2005, p.52).

Pela leitura que fizemos compreendemos com clareza é que, apesar dos neoconservadores fazerem parte do governo Bush e exercerem grande influência, representam apenas uma corrente dentro dos EUA, de maneira que, considerá-los culpados pelas decisões dos governos aos quais estes se integraram é, um equívoco. Os neoconservadores não são conspiradores que se utilizaram de meios antidemocráticos para alcançar o poder, suas idéias foram expostas abertamente. Sua ascensão ao poder é resultado do trabalho árduo de seus membros e do intenso debate de idéias propostos pelos mesmos durante toda sua história, e por mais que

<sup>53</sup> Grupo de conservadores ligado à religião

<sup>54</sup> Entre os neocons presentes no primeiro mandato de Bush destacam-se: Paul Wolfowitz (sub-secretário de defesa) Douglas Feith (também funcionário da Defesa), Lewis Libby (Chefe de Gabinete de Dick Cheney), Jonh Bolton (sub-secretário de Estado para a segurança internacional e o controle do armamento) Elliott Abrams (responsável pelo Oriente Médio no Conselho de Segurança Nacional), além destes, citamos também a indicação frustrada de Linda Chavez para a pasta do trabalho.

não concordemos com as suas propostas, precisamos observá-las com a curiosidade de compreender qual é o real papel de um grupo intelectual, ou seja, propondo soluções e defendendo seus pontos de vista.

Podemos, a partir deste ponto, passar à análise das idéias do grupo através de obras representativas de intelectuais neoconservadores selecionados de acordo com o foco de nosso trabalho.

#### **4. Autores e obras de referência do pensamento neoconservador.**

Podemos, a partir deste ponto, centrar nossa análise sobre a leitura das obras dos intelectuais neoconservadores, para realizar este trabalho, optamos pela organização, destes autores dentro de alguns temas maiores aos quais os associamos. Nosso objetivo ao esquematizar o trabalho desta maneira é abarcar uma série de temas abordados pelos neoconservadores no que se refere à política interna dos EUA.

A análise parte do que consideramos ser a principal contribuição de cada um para a compreensão do pensamento neoconservador. Faremos, primeiramente, uma descrição das idéias, para logo em seguida contextualizá-las dentro dos ideais gerais do movimento neoconservador e da época.

Nos concentramos nos seguintes autores-temas: Allan Bloom e Gertrude Himmelfarb sobre a crise da modernidade provocada pelos movimentos dos anos 60. John Fonte e Linda Chavez sobre as relações entre imigração, Assimilação Patriótica e a inclusão das minorias. Charles Murray e a crítica ao estado do bem-estar-social. Francis Fukuyama e o papel de valores culturais para o alcance do progresso.

## 4.1 O Neoconservadorismo e a Crise da modernidade.

### 4.1.1 Allan Bloom: Crise da Universidade, nos relacionamentos e nas relações com as minorias.

Allan David Bloom nasceu no dia 14 de setembro de 1930 em Indianápolis, Indiana, e morreu de AIDS no dia 7 de outubro de 1992, quatro anos após ter escrito sua principal obra: *O Declínio da cultura Ocidental, da crise da universidade à crise da sociedade*. Bloom foi aluno de Leo Strauss e se destacou como filósofo e pensador político. Em sua carreira acadêmica estudou e lecionou em Paris (1953-55) e Alemanha (1957), retornando para os Estados Unidos para ensinar na Universidade de Chicago. Após isto, foi professor nas Universidades de Yale, Cornell, Tel Aviv e Toronto, voltando à Universidade de Chicago no final de sua carreira.

Bloom destacou-se como professor pela sua proximidade aos alunos, e por uma virtual indiferença com relação a alguns temas que se relacionavam aos seus interesses particulares. O desapego do pensador com temas particulares pode ser visto de forma clara, quando, durante os anos 60, mesmo sendo homossexual assumido para seus amigos e alguns alunos, este não toma parte das mobilizações pelos direitos das minorias, por considerar que estes tipos de movimentos acabavam por se oporem às características que impulsionaram o sucesso da nação<sup>55</sup>.

Neste trabalho, nos propomos a analisar especificamente seu livro mais importante, procurando aprofundar uma percepção comum presente na obra de todos os outros neoconservadores, ou seja, a constatação de que a modernidade está em crise. Bloom parte, para atingir esta constatação, da análise da universidade, vendo suas transformações durante as últimas décadas como resultado das disputas dos anos 60.

É necessário, também, esclarecer que Bloom escreve seu livro do alto de sua trajetória como professor, onde percebeu na própria pele as mudanças ocorridas dentro da universidade. Demonstra este processo de maneira profundamente

---

<sup>55</sup> Já que se focavam no interesse de grupos e não no bem geral da nação.

pessoal, característica que faz de seu livro, muito mais, um depoimento do que uma análise empírica sobre as mudanças ocorridas na universidade.

Por outro lado, a posição de Bloom é tomada de maneira tão clara e apaixonada que se transforma em importante ponto de reflexão, tanto sobre a situação das Universidades, quanto da própria sociedade. É precisamente este ponto que revela a grandiosidade da obra deste autor, não tanto pelo conteúdo de suas idéias, polêmicas e bastante questionáveis, mas pela dignidade com que se propõe a demonstrar e a defender seus pontos de vista, o que obriga críticos e defensores de sua obra a realmente exporem seus pensamentos sem meias ponderações.

Logicamente, percebemos que quando Bloom analisa as mudanças ocorridas na universidade e na sociedade, este acaba argumentando com um tom melancólico de saudade do passado, como se as transformações, que para muitos segmentos da sociedade representaram avanços, acabassem trazendo muito mais problemas insolúveis do que vantagens satisfatórias. Isto reflete o quanto o pensamento de Bloom se posiciona conservadoramente, sendo potencializado quando este argumenta sobre os relacionamentos, tanto no plano das amizades, quanto os amorosos e a constatação de sua superficialidade.

Esta volatilidade dos relacionamentos mostra-se como preocupação constante na obra de muitos educadores e pensadores da atualidade<sup>56</sup>. Bloom percebe-a em seu momento de origem, partindo de uma tentativa de esclarecer a desestruturação da família burguesa tradicional e a fugacidade de nossa época.

Como metodologicamente optamos por separar a análise dos autores neoconservadores, partindo de temas relacionados a nossa pesquisa, destacaremos três pontos importantes presentes na obra de Bloom para abarcarmos o que consideramos mais expressivo em seu pensamento: a crise do pensamento crítico na universidade, a crise no relacionamento dos estudantes e o papel das minorias na perda da unidade e qualidade do ensino superior. Buscando a análise destes três temas procuraremos alcançar nosso objetivo, ou seja, encontrar a visão de crise da modernidade presente na obra de Bloom.

Para discutir o primeiro ponto, é necessário esclarecer que, para Bloom, o universo presente nas instituições superiores dos EUA representa, devido a grande

---

<sup>56</sup> Zigmund Bauman, também escreve sobre este processo, quando define o que ele chama de modernidade líquida.

pluralidade dos alunos, um micro-universo da nação estadunidense, ou segundo este:

As origens dos alunos são afinal tão variadas quanto a própria população dos Estados Unidos. Temos os ateus e os religiosos, os de esquerda e os de direita, os que pretendem ser cientistas, humanistas, profissionais liberais ou, então, homens de negócios. Alguns são pobres; outros, ricos. O que os une é apenas o relativismo e a adesão à igualdade, ambos correlacionados com uma intenção moral. (BLOOM, 1989, p.29).

Destacamos a última frase de Bloom como um ponto de profunda relevância para a compreensão de sua obra. Como explicamos acima o autor procura, através da análise da Universidade, demonstrar as mudanças ocorridas na sociedade estadunidense, e, dentro desta última frase do parágrafo citado, é possível compreender, claramente, o que, para ele, seriam os grandes problemas da Universidade, ou seja, o relativismo e a adesão da igualdade.

O autor argumenta que as gerações que estiveram nas universidades durante os anos 80 não passaram por nenhuma forma de preocupação, medo ou privação. Somado a isto, esta geração foi constantemente pressionada a não se posicionar.

Claramente, na visão de Bloom, os vestígios das disputas pelos direitos civis criaram uma geração que se nega a expressar sua opinião. Esta não tomada de posição cresce em meio ao medo de que, ao expressar uma opinião, ao debater uma idéia, ou mesmo, ao defender uma posição clara, estes estudantes passem a ser considerados preconceituosos pelo grupo a sua volta.

Segundo Saul Below, no prefácio da obra de Bloom, esta atitude acaba por enfraquecer a sociedade, por contrariar os valores defendidos pela educação liberal. Bloom está lutando exatamente contra este processo, ou, como argumenta Below:

O núcleo do pensamento do professor Bloom reside em que a universidade, numa sociedade governada pela opinião pública, deveria ser uma ilha de liberdade intelectual, onde todos os pontos de vista fossem analisados sem restrições. Com a sua generosidade, a democracia liberal tornou isto possível, mas a universidade, ao consentir em desempenhar um papel ativo, “positivo” e participativo na sociedade, deixou-se inundar e saturar pelo reflexo do “problemas” dessa mesma sociedade. Preocupados com questões de saúde, sexo, raça e guerra, os acadêmicos ganham fama e fortuna, mas a universidade se transformou no depósito conceitual de influências muitas vezes nocivas da sociedade. Todas as propostas de reforma da educação liberal, que poderiam levar a universidade a um

conflito com os Estados Unidos por inteiro, são inimagináveis. Cada vez mais as pessoas que estão “dentro” da universidade se parecem nos seus apetites e nos seus instintos, com os que estão fora. (BELOW, 1989, p.18).

Segundo Bloom, criou-se nas Universidades um mito que, construído sobre o medo de errar, ou, o medo de se posicionar contrariamente a uma idéia, vem destruindo a capacidade dos alunos de pensar criticamente. Como resultado, para que qualquer atitude ou idéia não pudessem ser vistas como totalmente erradas, preferiu-se abdicar do pensamento crítico: “O importante não é corrigir os erros e ter razão de verdade, mas sim não pensar, de qualquer modo, que estamos certos.” (BLOOM, 1989, p.30).

Para Bloom, as decorrências deste processo distanciam essas instituições dos valores que surgiram durante a época em que vigorava o espírito dos pais fundadores, já que para ele, a sociedade estadunidense foi construída sobre uma maioria nacional que, pensando no bem comum, defendia a idéia dos direitos fundamentais. O que ocorre a partir da década de 60 é uma ruptura com estes ideais, onde o bem comum acaba por desaparecer, rompendo-se, também, o equilíbrio entre maioria e minoria que existia na constituição<sup>57</sup>. Bloom percebe o relativismo cultural como uma barreira para o pensamento crítico:

Na verdade, o historicismo e o relativismo cultural são meios para evitar que se ponham à prova os nossos próprios preconceitos e que se indague, por exemplo, se os homens são efetivamente iguais ou se tal opinião não passa de um preconceito democrático. (BLOOM, 1989, p.49).

Por esta definição, os preconceitos não deveriam ser vistos de uma maneira tão negativa, já que estes representam o pensamento. Por este motivo têm papel de grande importância no aprendizado e na construção de novas idéias:

Os preconceitos, preconceitos fortes, correspondem a visões de como as coisas são, a vaticínios sobre a ordem do todo das coisas e, portanto sobre o caminho para o conhecimento do todo, por meio de opiniões errôneas a seu respeito. O erro é de fato nosso inimigo, mas só ele aponta a verdade e por conseguinte, merece tratamento respeitoso. A mente que não tem preconceitos, a princípio está vazia. Só pode ter sido formada por um método que não tem consciência da

---

<sup>57</sup> Este equilíbrio existente na constituição e argumentado por Bloom como existente é facilmente questionado, por autores que discutem os verdadeiros interesses presente nesta constituição, ou como podemos perceber no prefácio dos Artigos Federalistas.

dificuldade de reconhecer que um preconceito é um preconceito. (BLOOM, 1989, p.53).

Na mesma página, Bloom acaba aprofundando esta idéia, pautando-se na necessidade de se buscar a liberdade do pensamento dentro das universidades: “Talvez a nossa primeira tarefa consista em ressuscitar esses fenômenos, para que voltemos a ter um mundo ao qual propor as nossas questões e sejamos capazes de filosofar. Este me parece ser o nosso desafio educacional”. (BLOOM, 1989, p.53).

Para Bloom, a grande mudança que transformou a educação e a sociedade, ocorreu durante a década de 60, gerando com ela a queda na qualidade e o aumento de concessões para as minorias:

Em começos da década de 60, eu estava convencido de que se tornava imprescindível uma educação liberal que desse aos jovens os meios para analisar sua vida e seu potencial. Era aquilo que as universidades não tinham condição e nem vontade de oferecer. A irrequieta e volúvel energia dos estudantes acabou por encontrar extravasão política. Em meados da década de 60, as universidades já lhes ofereciam todas as concessões, menos educação, mas a conciliação fracassou e todo esforço, visando a qualidade do ensino desapareceu, sem deixar traços. As várias libertações dissiparam aquela energia e aquela tensão maravilhosa, deixando exausto e morno o ânimo dos estudantes, capazes de calcular, mas não de um vislumbre apaixonado. (BLOOM, 1989, p.62).

O principal problema apontado por Bloom, neste processo, concentra-se na maneira como os jovens chegam à faculdade, ou seja, como estes jovens, através de um novo processo de constituição moral, desenvolvem seus relacionamentos nos tempos atuais. Para explicar este processo devemos abrir espaço para o segundo ponto que consideramos importante na obra de Bloom, e para isto, é necessário iniciar esta discussão partindo da percepção de que, para o autor, a sociedade estadunidense passa por uma crise sem precedentes, onde, os valores familiares, religiosos, patrióticos e de classe foram abandonados:

A pátria pouco lhe pede e muito lhe dá, a religião é tema de libérrima opção e o mesmo acontece com os envolvimento sexuais – e isso é que representa novidade. Agora ele pode escolher, mas descobre que já não tem motivos suficientes para optar não por um vínculo, mas por um capricho. A reconstrução tornou-se impossível. (BLOOM, 1989, p.138).

Para Bloom, este movimento ocorre devido a uma conjuntura de fenômenos que receberam influência direta do momento que os EUA passaram durante as últimas décadas. Se as décadas de 60 e 70 foram décadas de extravagâncias, exageros e transgressões de limites, as décadas seguintes podem ser demarcadas como seu fruto direto, ou seja, décadas em que as instituições perdem o controle sobre a juventude:

Eles não tiveram de enfrentar guerras, tirania ou necessidades e, por isso não endureceram. As feridas e as rivalidades causadas pelas diferenças de classe sumiram com o desaparecimento de um sentido nítido de classe (que já existiu outrora em universidades dos Estados Unidos e ainda existe, de forma venenosa, na Inglaterra). Os estudantes estão praticamente livres de coerção e as respectivas famílias sacrificam-se por eles sem reclamar muito em termos de obediência ou respeito. A religião e a origem quase não exercem efeito visível na vida social deles ou na expectativa de carreira. Embora poucos acreditem no sistema não os devora o sentimento de estarem sendo vítimas de uma injustiça. As drogas e o sexo, antes proibidos, estão disponíveis em quantidade suficiente. (BLOOM, 1989, p.104).

Acaba ficando claro, nesta citação, que para Bloom, a grande crise da modernidade se pauta pelo desinteresse e pelo descompromisso dos jovens. Os jovens não possuem interesse pela política<sup>58</sup>, mais do que isto, as gerações dos anos 80 e 90 não possuem obrigações com a família, com os valores religiosos, os jovens são totalmente livres para cuidar de sua vida da maneira que considerarem melhor. Fora isto, estes ainda encontram a segurança de que se no futuro realizarem escolhas erradas, não precisarão se preocupar com o envelhecimento dos pais, que estarão assegurados pelas inúmeras previdências e fundos de aposentadoria existentes no país:

A previdência social, os fundos de aposentadoria e o seguro-saúde dos velhos libertam os filhos da obrigação de os ajudar financeiramente quanto mais da de acolhê-los em suas casas. Quando o filho vai para a universidade, põe fim à sua conexão vital com a família, ainda que ele não se aperceba disso na hora. (BLOOM, 1989, p.109-110).

---

<sup>58</sup> É interessante pensar que a geração que se formou nos anos 80 e 90, nasce desinteressada logo em seguida a uma geração de maior politização da história dos EUA.

O desapego aos valores familiares acaba distorcendo a maneira como este jovem planeja seu futuro, criando uma desambição em seus objetivos de construção familiar. Processo que parece claro para Bloom quando este passa a discorrer sobre os relacionamentos entre os estudantes, demonstrando, que estes relacionamentos são profundamente superficiais, onde, a troca de parceiros é constante entre o mesmo grupo de amigos.

Se entre os objetivos dos jovens das décadas anteriores a possibilidade de se formar uma família aparecia como ponto fundamental, nas gerações atuais, estas são suprimidas de suas predisposições. A crença de que estes jovens um dia venham a se casar e constituir uma família duradoura é constantemente desmentida pelos grandes índices estatísticos de separações, que são vivenciadas e incorporadas pelos mesmos. Este doloroso processo acaba generalizando, para a juventude, a expectativa de que o divórcio é algo tecnicamente inevitável dentro de um relacionamento.

Mesmo existindo uma forte pressão, e, até mesmo, um esforço, na tentativa de se manter a continuidade dos relacionamentos, Bloom argumenta que os mesmos acabam sendo destroçados por um sentimento de individualidade e pela luta pelos interesses próprios:

Nos Estados Unidos, o divórcio constitui a indicação mais palpável de que as pessoas não existem para viver juntas e que, embora queiram e precisem criar uma vontade geral a partir das vontades particulares, estas não fazem se não reimpôr-se. Sente-se um esforço, cada vez mais desesperado, no sentido de juntar de novo os cacos. Mas é como procurar a quadratura do círculo, pois todos se amam em primeiro lugar e querem que os outros os amem mais do que a si mesmos. (BLOOM, 1989, p.149).

Deste modo, Bloom argumenta que a geração atual encontrasse inserida dentro de inúmeras formas de pressão quando procura seus relacionamentos, onde, de um lado, existe a possibilidade de buscarem a construção de uma família tradicional, e de outro, as novas possibilidades abertas durante as últimas décadas que envolvem crescimento profissional, liberdade sexual e, principalmente, um forte individualismo.

Claramente, Bloom se posiciona contra a liberação sexual. Para o mesmo, os métodos anticoncepcionais e a liberação das mulheres acabaram por banalizar a vida sexual. A liberação sexual dos anos 60 ocupa um papel muito peculiar, já que

resultou em danos muito mais graves para as mulheres, que foram sujeitadas a uma posição de igualdade enganosa, pois acabaram por acumular funções que antigamente se encontravam restritas aos homens:

Os tempos modernos prometiam igualdade para todos os seres humanos, e as mulheres levaram a promessa a sério, revelando-se contra a velha ordem. Com o sucesso delas, os homens também se libertaram das velhas repressões – e as mulheres, liberadas e seguindo carreiras iguais, ainda sentem vontade de ter filhos, ainda que não lhes assista base para reclamar que os homens partilhem dessa vontade e assumam a responsabilidade pelas crianças. A natureza, como vemos, pesa mais para elas. Na velha ordem, estavam subordinadas ao homem e dependiam dele, na ordem atual estão isoladas, sentindo a falta do homem, mas não podem contar com sua ajuda e se sentem embaraçadas no livre desenvolvimento de sua personalidade. A promessa dos tempos modernos não se realizou para elas. (BLOOM, 1989, p.144).

Outro ponto de grande importância, para nossa pesquisa, presente na obra de Bloom, se centra na maneira como o autor observa as minorias. Como podemos perceber, Bloom afirma que os jovens, em sua maioria, são pressionados a negar qualquer forma de preconceito, fazendo isto, acabam por negar-se a perceber qualquer diferença entre os seus colegas de faculdade. Bloom defende que os jovens, na verdade, não percebem a diferença, simplesmente porque para estes, o credo da igualdade é tão forte que os faz realmente considerar que todos são iguais e possuem os mesmos direitos:

Seja qual for a sua filiação política, acreditam que todos os homens – e mulheres – nascem iguais e têm iguais direitos. Não é tanto uma crença, mas um instinto, bem arraigado. Ao conhecerem alguém, o sexo, a cor, a religião, a família, o dinheiro, a nacionalidade não desempenham nenhum papel em suas reações. Desapareceu a própria noção de que tais considerações já significaram alguma coisa; isso agora pertence a mitologia. Talvez essa questão se afigure surpreendentemente, na medida do interesse que despertam as raízes, as origens étnicas e o sagrado – que antigamente dividiam os homens, mas justamente por tudo isso haver deixado de ser real é despertar fascínio. (BLOOM, 1989, p.112).

Para Bloom, existe uma grande ruptura na Universidade, processo ocorrido devido à abertura realizada pelas universidades para as minorias. Bloom acusa que a mudança nos critérios de seleção, substituindo a preferência pelos filhos de ex-alunos por uma seleção através do histórico escolar e pelas provas, acabou por

desvalorizar os grupos que preservavam as classes sociais, substituindo-os por outros que as destroem<sup>59</sup>.

Este processo, criado com o intuito de quebrar as barreiras raciais, forçou ainda mais a separação, reforçada principalmente pelos grupos minoritários. O autor argumenta que os estudantes brancos acabam sentindo-se profundamente constrangidos por esta separação, já que os mesmos estão profundamente inseridos dentro da idéia que prega a meritocracia e a igualdade de direitos:

Todos os estudantes são meritocratas igualitários, crentes em que se deve permitir ao indivíduo desenvolver suas qualidades especiais – qualidades sem referência a raça, sexo, religião, família, riqueza e origem nacional. É a única forma de justiça que conhecem, não sendo capazes de imaginar que haja algum argumento digno de menção a favor da aristocracia ou da monarquia: são loucuras inexplicáveis do passado. (BLOOM, 1989, p.114).

Ocorre, na leitura deste autor, uma distinção explícita no comportamento dos estudantes. Enquanto os brancos não percebem as diferenças, os membros de grupos minoritários, principalmente, os negros, fazem esforços para se isolar cada vez mais, reafirmando, desta maneira, sua identidade. Bloom segue em seu argumento, afirmando que o grande ponto de ruptura da universidade estadunidense se concentra na relação entre negros e brancos, onde os mesmos não conseguem manter o laço de amizade e fraternidade que ocorre entre os outros grupos:

Os brancos agem como se as relações com os negros fossem tão espontâneas e desinibidas como os demais, inclusive os orientais. Mas, embora os versos estejam certos, a música esta fora de tom. Reina aqui uma atmosfera bem pensante, de princípio e de projeto – mais de esforço do que de instinto. O caráter automático da camaradagem estudantil está ausente, parando ai aquela verdadeira intimidade sem fronteiras. A fraternidade programática dos anos 60 não culminou em integração, antes, se desviou para a separação dos negros. Os estudantes brancos sofrem com o problema e não gostam de falar nele. Não é como se presumia que as coisas fossem. Não combina com a opinião corrente entre eles, segundo a qual todos os seres humanos são fundamentalmente iguais, e a amizade é outro aspecto da igualdade de oportunidades. Fingem não reparar nas mesas separadas dos refeitórios, onde nenhum estudante branco se sentiria à vontade. Está ai apenas um dos aspectos mais visíveis da segregação reinante na vida diária das Universidades - na qual se inclui a separação de moradias e de áreas de estudo, digna de nota

---

<sup>59</sup> Como os negros, os homossexuais entre outros.

principalmente pela escassez de negros em ciência teóricas e humanas. (BLOOM, 1989, p.116).

É necessário, a partir deste momento, contextualizar a leitura que Bloom faz das minorias, e a relação existente entre os grupos dentro das universidades. Claramente, Bloom está saindo em defesa do chamado Multiculturalismo conservador, ou seja, do conceito de multiculturalismo arraigado dentro da nação estadunidense, e que resistiu até as disputas pelos direitos civis dos anos 60. Nesta leitura, a proposta multicultural tende a igualar todos os grupos no mesmo patamar, para esta, todos são iguais, ou, em outro sentido, todos deveriam inserir-se dentro do modo de vida do grupo majoritário.

Os movimentos dos anos 60 levam exatamente a um caminho contrário a esta idéia, durante estes, as diferenças passam a não ser consideradas como um defeito. Os grupos se organizam com o intuito de valorizar suas diferenças, querendo ter direitos iguais, mas, principalmente, querendo ter suas diferenças valorizadas como qualidades.

O que choca Bloom é exatamente este processo. Ele viveu o tempo em que a grande maioria na universidade era profundamente igual, vinha do mesmo grupo, possuía objetivos semelhantes e não encontrava nenhuma barreira que impedisse demonstrar estes laços de fraternidade que o autor tanto sente falta.

Além disto, Bloom é um defensor de que o ensino deveria ser mantido dentro de um enfoque que privilegiasse as grandes obras dos pensadores ocidentais, o que o posiciona contrariamente as transformações curriculares ocorridas na universidade como o ensino bilíngüe e a inserção de disciplinas relacionadas à história, literatura e modo de vida das minorias. Para Bloom, esta mudança na prioridade do ensino faz com que os jovens não adquiram o conhecimento necessário para se tornarem grandes cidadãos.

Podemos, a partir deste ponto, concluir a análise sobre a obra de Bloom, para abordarmos a perspectiva de Gertrude Himmelfarb, procurando aprofundar a visão de crise da modernidade presente na obra neoconservadora.

#### 4.1.2. Gertrude Himmelfarb. Uma nação e duas culturas.

Gertrude Himmelfarb nasceu em uma família judia, no Brooklyn, Nova York, no dia 8 de agosto de 1922. Himmelfarb é um dos primeiros membros do movimento neoconservador, junto com Irving Kristol, com o qual é casada desde 1942.

Estudou na New Utrecht High School, no Brooklyn College, no seminário Judeu de Teologia e na faculdade de Girton, Cambridge. Recebeu seu doutorado pela Universidade de Chicago em 1950. Atualmente a autora é graduada como professora emérita da Universidade de New York.

Publicou os livros *Lord Acton: A Study of Conscience and Politics* (1952), *Darwin and the Darwinian Revolution* (1959), *Victorian Minds* (1968), *On Liberty and Liberalism: The Case of John Stuart Mill* (1974), *The Idea of Poverty: England in the Early Industrial Age* (1984), *Marriage and Morals Among the Victorians* (1986), *The New History and the Old* (1987), *Poverty and Compassion: The Moral Imagination of the Late Victorians* (1991), *On Looking into the Abyss: Untimely Thoughts on Culture and Society* (1994), *The De-Moralization of Society: From Victorian Virtues to Modern Values* (1995), *One Nation, Two Cultures: A Searching Examination of American Society in the Aftermath of Our Cultural Revolution* (2001), *The Roads to Modernity: The British, French, and American Enlightenments* (2004), *The Moral Imagination: From Edmund Burke to Lionel Trilling* (2006).

Nossa análise sobre a obra de Himmelfarb desenvolvera-se a partir da leitura de *One nation, Two Cultures: A Seaching of American Society in the Aftermath of Our Cultural Revolution*, tendo como objetivo aprofundar a visão de crise da modernidade presente na obra neoconservadora. A escolha se justifica devido a sua importância dentro do conservadorismo, reforçada por Charles Murray, no artigo intitulado *Virtue In A Free Society*, de 2000 que considera *One Nation, Two Cultures* “a mais erudita declaração da posição social conservadora”. (MURRAY, 2000).

Nosso foco se centrará nas discussões estabelecidas por Himmelfarb em tópicos relacionados aos valores familiares e aos resultados da contracultura da década de 60. Todavia, para que possamos compreender a maneira como esta trabalha a relação destes acontecimentos com o tema de seu livro, consideramos necessário, primeiramente, contextualizar quais os objetivos da autora ao escrever seu livro.

Para compreendermos esta relação, é preciso esclarecer que Himmelfarb parte de uma perspectiva que analisa as transformações ocorridas na sociedade estadunidense, chegando à conclusão da existência de duas culturas distintas dentro desta sociedade, uma cultura da elite e uma cultura das pessoas comuns. Estas duas culturas acabam sendo influenciadas por patamares de moralidades diferentes<sup>60</sup>, e, por isto, a autora procura observar qual é o ponto de origem destes dois padrões de moralidade.

Pela leitura de Himmelfarb, a cultura das pessoas comuns desenvolveu-se atrelada aos valores da revolução dos anos 60, encontrando como resultado os divórcios, o aumento no índice de drogas e o alcoolismo. Himmelfarb percebe também uma segunda cultura que se encontra nos valores associados às virtudes republicanas que dominaram a nação até os anos 50, que se prendiam aos valores religiosos e familiares.

Para visualizar esta separação entre as culturas, Himmelfarb procura discutir em seu livro quatro instituições vitais para a manutenção de uma sociedade livre, sendo elas: a sociedade civil, a família, o sistema legal/político e a religião. Como conclusão a esta discussão, a autora, atinge a constatação de que o declínio moral da sociedade estadunidense acabou se mostrando como uma transformação progressiva, começando bem antes dos anos 90 com os escândalos de Clinton, ou dos 60 com a contracultura, ou mesmo, nos anos 30 com o *New Deal*. Segundo ela, desde o período da guerra civil iniciou-se um processo de destruição da unidade e da moralidade da nação, este processo, que foi aprofundado com o aumento da imigração e a expansão das fronteiras, teve como resultado o enfraquecimento da cultura propostas pelos colonos fundadores.

Para uma maior compreensão de sua obra, focaremos nosso trabalho nos anos 60, em que a autora argumenta que o processo de declínio moral se acelerou. De

---

<sup>60</sup> Himmelfarb segue a idéia de duas culturas proposta por Adan Smith.

acordo com Himmelfarb, foi exatamente neste período que a sociedade passou pela maior transformação, iniciando-se uma ruptura que criou a separação entre os dois padrões de moralidade: “A sociedade torna-se mais aberta e a economia mais influente, moralidade e cultura são liberalizadas e democratizadas.” (HIMMELFARB, 2001, p.15).

A questão a ser aprofundada aqui é o porquê, na visão da autora, os movimentos dos anos 60 foram responsáveis por esta transformação na moralidade da nação:

A contracultura é um embrião cultural base de novas políticas de esquerda, o esforço para descobrir novos tipos de comunidades, novos padrões familiares, novos modos sexuais, novos tipos de meios de vida, novas formas estéticas, novas identidades pessoais em um lado distante dos poderes políticos, a casa da burguesia, e da ética de trabalho protestante. (HIMMELFARB, 2001, p.16).

Para Himmelfarb os avanços desenvolvidos pela revolução dos anos 60 acabaram sendo acompanhados de inúmeras novas criações, que se posicionaram como responsáveis por grande parte dos problemas encontrados no mundo de hoje. A autora descreve em seu livro uma grande variedade de campos e de avanços e os possíveis resultados da combinação destes em nossa época:

De fato, a contracultura progrediu mais rapidamente e muito mais do que seus mais entusiastas partidários previam, para ele não ser nada menos do que uma revolução cultural. E sua revolução (inspirada pelos movimentos por direitos civis); uma revolução sexual (habilitada pela pílula-anticoncepcional e feminismo); uma revolução tecnológica (a qual a televisão foi notável pelo produto); uma revolução demográfica (produzindo uma geração de “baby-boomers”<sup>61</sup> e uma poderosa cultura contemporânea); uma revolução política (precipitada pela guerra do Vietnam); uma revolução econômica (pautada na grande sociedade e na expansão do estado de bem-estar-social); e o que pode ser chamada de uma revolução psicológica (a “cultura do narcisismo” como Christopher Lasch denominou) Cada momento separado ou acompanhado, acabou aumentando o desafeto com as instituições e autoridades, e uma rejeição das idéias de modos convencionais e comportamento. (HIMMELFARB, 2001, p.17).

Destacamos o último parágrafo presente da citação anterior: “Cada momento separado ou acompanhado, acabou aumentando o desafeto com as instituições e

---

<sup>61</sup> A expressão baby boomers é comumente utilizada em referencia a grande quantidade de crianças que nascem em famílias desestruturadas.

autoridades, e uma rejeição das idéias de modos convencionais de comportamento”. A leitura neoconservadora parte da idéia de que a sociedade precisa viver abaixo de uma autoridade.

Retomando os capítulos anteriores e a discussão realizada pelos neoconservadores sobre a necessidade de intelectuais iluminados que direcionem a população a um objetivo, ou mesmo a leitura que Leo Strauss faz da necessidade da religião para garantir que os homens sejam governados de maneira segura, perceberemos que a ruptura ocorrida nos anos 60 e o declínio das instituições representam para os neoconservadores uma possibilidade insustentável, mostrando-se como principal responsável pela atual crise da modernidade.

Outro ponto que deve ser destacado sobre a obra de Himmelfarb concentra-se em perceber que assim como Bloom, ela argumenta que os resultados dos anos 60 foram densamente mais cruéis quando se analisa a situação das mulheres. Em sua leitura, as mulheres acabaram atingindo um patamar que lhes dá uma maior sensação de liberdade, todavia, o ganho de liberdade foi alcançado através de uma perda significativa de segurança. Esta troca acabou levando as mulheres a uma posição de fragilidade, tendo que substituir, em muitos casos, o lugar de chefe de família com os homens. Em outras palavras, as liberdades alcançadas pelas mulheres foram muito mais úteis aos homens, que perderam as obrigações de manutenção financeira da família, do que para as próprias mulheres. Argumentando sobre o tema, a autora afirma que:

Algumas mulheres fundamentam que elas foram libertadas da casa em mais do que um sentido. O crescimento no índice de empregos para mulheres paralelamente ao crescimento dos divórcios e do índice de mães solteiras. Várias mulheres têm dado entrada no mercado de trabalho, perdendo seu lugar seguro na casa marital. E transformando-se em “empregadas gananciosas” (como os economistas compreendem o termo, elas foram frequentemente redirecionada para condições de pobreza que acompanha divórcio e criação dos filhos sozinhas. (HIMMELFARB, 2001, p.17).

Este, entre outros fatores, faz com que Himmelfarb conclua que a situação da sociedade tornou-se profundamente grave, o que forçou a própria sociedade a tomar as rédeas em uma tentativa de refrear as transformações. Por este motivo, existiu uma virtual mudança, em alguns hábitos sociais, principalmente, após os anos 90,

em que aumenta consideravelmente a prosperidade nacional, levando a uma maior moralização da sociedade<sup>62</sup>.

Gerações depois tinham menos interesses com o incidente do adocimento do governo republicano<sup>63</sup> do que com o incidente da sociedade democrática – pobreza, racismo, desemprego, desigualdade. Mais recentemente nós temos confrontado com outras espécies de doenças morais e culturais: o colapso dos princípios étnicos e hábitos, a perda de respeito pelas autoridades e instituições, a destruição da família, o declínio da civilidade, a vulgarização da alta cultura e a degradação da cultura popular. De eleição em eleição, sempre que o auge da prosperidade econômica, uma grande maioria de pessoas americanas (cerca de dois terços para três quartos) identificam “a queda da moral” ou “declínio Moral” como um dos maiores problemas, muitas vezes, o maior problema, confrontado pelo país. (HIMMELFARB, 2001, p.20).

O grande problema desse processo se centra na constatação de que muitas das mudanças ocorridas acabaram virtualmente aparecendo apenas como resultados numéricos de estatísticas, que apenas representam um pequeno retrocesso em índices que se encontravam por demais elevados por causa da revolução cultural dos anos 60.

Para demonstrarmos como a autora trabalha com os dados destes avanços, procuraremos primeiramente descrever as principais mudanças ocorridas a partir dos anos 90, que foram tomadas como vitórias políticas para, em um segundo momento, nos prendermos na crítica realizada pela a autora sobre os mesmos acontecimentos. Partindo dos dados sobre criminalidade:

Algumas destas estatísticas têm melhorado nos últimos anos últimos poucos anos e existem sinais otimistas para o futuro. O declínio mais dramático foi no crime. De 1990 a 1997 crimes sérios (roubos latrocínios, roubos de automóveis) caíram de 9.4 por 100,000 para 6.8, o homicídio de negros por adolescentes jovens (quatorze a dezessete anos) de 30.2 por 100,000 (em 1993) para 16.5 (em 1997). (HIMMELFARB, 2001, p.21).

Outro ponto em que a autora demonstra alguns dados referentes à transformação ocorrida na sociedade após os anos 90, se concentra na constatação de uma substancial diminuição nos programas de auxílio, no número de nascimentos fora

---

<sup>62</sup> Para a autora em tempos de prosperidade ocorre o aumento das preocupações relativas a moralidade.

<sup>63</sup> Os escândalos sexuais envolvendo o ex- presidente Clinton

do casamento, de filhos de adolescentes, do início da atividade sexual, dos divórcios e dos abortos:

O número de pessoas no welfare caiu para mais de um terço, de 14.1 milhões em janeiro de 1993 para 7.6 milhões em Dezembro de 1998. Menos dramático, mas ainda significantes declínios são registrados nos nascimentos fora do casamento (de 47 por milhares de mulheres não casadas em 1994 para 44 em 1997); nascimentos na adolescência (de 62.9 por milhares em 1991 , para 52.3 em 1997); a atividade sexual de quinze anos para dezenove nas garotas (de 55% em 1990 para 50% em 1995), e de garotos (de 60.4% em 1988 para 55.2% em 1995); divórcios (de 4.7 por milhar de população em 1990 para 3.9 em 1997), e abortos (de 27.4% por mil mulheres de (18 anos a 44 anos) em 1990 para 22.9 em 1996. (HIMMELFARB, 2001, p.21).

Na realidade, a autora argumenta que muitos destes avanços ocorridos no caminho para uma maior moralidade na sociedade significaram apenas algumas transformações ocorridas no todo da sociedade, onde, muitas vezes, ao mesmo tempo em que melhoraram em alguns pontos, os índices acabaram piorando em outros setores.

A partir deste ponto, procuraremos destacar os principais aspectos em que a autora contesta os avanços na sociedade, argumentando que muitos destes, na verdade, representam distorções das estatísticas. Como exemplo retoma a questão dos nascimentos fora do casamento, colocando que a diminuição do índice de nascimento em adolescentes e descasadas, em parte se deve a um declínio na taxa de nascimento geral<sup>64</sup>. Segundo esta perspectiva, se os nascimentos fora do casamento, quando pensados em relação a todos os nascimentos, continuam aumentando, “o número de mães e pais solteiros com crianças cresceu, de 24% em 1990 para 27% em 1996”. (HIMMELFARB, 2001, p.23).

Outro ponto questionado por Himmelfarb é a queda das estatísticas envolvendo o uso de drogas. Segundo ela, apesar do uso de drogas nos indivíduos adultos mostre queda, este índice quando observado entre os jovens apresenta-se em ampla expansão: “Em 1990, 27% dos estudantes do último ano do colegial afirmou ter usado maconha nos anos anteriores; em 1997, era 38.5%. Para estudantes do último ano da universidade no mesmo período os números cresceram de 29,4% para 31.3%”. (HIMMELFARB, 2001, p.24).

---

<sup>64</sup> Vários fatores são responsáveis por esta diminuição na quantidade de nascimento, desde o prolongamento da espera da gestação do primeiro filho com o intuito de não prejudicar a carreira profissional, até a utilização de métodos anticoncepcionais e o medo da Aids.

Com relação aos índices de criminalidade, a autora argumenta que apesar dos crimes realizados por jovens terem caído a partir de 1993, jovens continuam sendo responsáveis por uma porção substancial de crimes especialmente os mais violentos: “O FBI reporta que enquanto assassinatos por arma de fogo realizado por pessoas com idade acima dos 25 anos caíram em 44% entre 1980 e 1997, assassinatos semelhantes pelos dezoito aos vinte e quatro anos cresceram em 20%”. (HIMMELFARB, 2001, p.24).

Outro ponto questionado pela autora concentra-se na atividade sexual entre garotas adolescentes, que declinou para 50%<sup>65</sup> em 1995. Apesar deste declínio, ela, continua sendo incrivelmente alta, já que, na década de 1970 eram menor que 30%.

A conclusão da autora é que as estatísticas não representam à totalidade da situação pela qual passa a sociedade:

As estatísticas, todavia, boas ou ruins, não dizem o todo da história. A perda da autoridade parental, falta de disciplina nas escolas (sem falar em facadas e tiros), a escalada da violência e da vulgaridade na TV, a pronta acessibilidade de pornografia e perversões sexuais na internet, as obscenidades e o sadismo dos vídeos na musica rap, o “beber até cair” e os “vícios excessivos” no campus da faculdade, queda de qualidade da educação em todos os níveis – isto também é parte da patologia social de nosso tempo. (HIMMELFARB, 2001, p.25).

Como conclusão, podemos traçar um paralelo da percepção neoconservadora sobre a crise da modernidade. Tanto na obra de Bloom, quanto de Himmelfarb, fica claro que a crise da modernidade surge exatamente em torno da perda de controle das instituições e do aumento da liberdade. O caminho irreversível das transformações ocorridas durante as décadas de 60 e 70 significa para a visão de mundo neoconservadora, a mesma ruptura que o término da monarquia européia causou aos conservadores tradicionais.

Por outro lado, a percepção neoconservadora é profundamente pontual, mais do que uma simples nostalgia de um passado considerado melhor, estes intelectuais estão acompanhando as transformações e realizando um balanço profundo sobre o caminho que os EUA trilharam nas últimas décadas e as perspectivas futuras. O pensamento neoconservador, por mais que discordemos de suas idéias, se mostra

---

<sup>65</sup> Himmelfarb não cita os dados anteriores a esta queda para 50%, pois, o seu ponto de comparação se concentra nos dados da data de 1970 que se encontrava em valores bem menores.

como uma alternativa pautada nos medos que assombram parte considerável da nação estadunidense.

Podemos a partir daqui tomar um novo rumo na compreensão das motivações do pensamento neoconservador, abordando dois autores, John Fonte e Linda Chavez, que analisam a crise da modernidade com base nos temas da imigração e do aumento de politização das minorias.

## **4.2 Neoconservadorismo, os processos de imigração e inserção de minorias.**

### **4.2.1 John Fonte: neoconservadorismo e os processos de Imigração.**

John Fonte é Ph.D em história do mundo pela Universidade de Chicago, M.A e B.A em história na Universidade do Arizona e, desde março de 1999, membro do *Hudson Institute*, onde desempenha a função de *Sênior fellow* e de diretor do *Center for American Common Culture*<sup>66</sup>. Fonte faz parte, também, como pesquisador visitante, do American Enterprise Institute (AEI)<sup>67</sup> dirigindo o *Committee to Review National Standards*, sobre a presidência de Lynne V. Cheney.

Fonte destacou-se como pesquisador do Departamento de Educação dos Estados Unidos, do programa que administrou o *National Endowment for the Humanities* (NEH) e como membro do *Board of the American Council for Trustees and Alumni* (ACTA).

Alem disto, é consultor do Departamento de Educação da Virgínia, da Agência de Educação do Texas, da Califórnia Standards Commission, da Federação Americana de Professores, e do Ministério de Educação e Ciência da República da Lituânia.

Procuraremos analisar, neste trabalho, alguns artigos publicados por Fonte no *Center for American Common Culture*. Aqui especificamos que, como nosso intuito é organizar o trabalho a partir de temas específicos, separamos dois pontos que procuram esboçar mais uma faceta do pensamento neoconservador, ou seja, a

---

<sup>66</sup> O *Center for American Common Culture* foi criado com a finalidade de oferecer consultoria política em educação cívica, cidadania e sobre o futuro da Democracia Liberal Americana

<sup>67</sup> Centro com forte presença de intelectuais Neocon.

defesa do processo de assimilação patriótica, inserida na discussão sobre a dupla lealdade e a dupla cidadania, e as propostas de Fonte no que se refere à imigração e segurança nacional.

Os dois temas que procuramos separar aqui estão profundamente entrelaçados, de maneira que encontramos muita dificuldade para realizar sua separação por tópicos. Por este motivo, optamos pela construção de um texto corrido, realizando associações entre ambos os temas.

Fonte é um defensor ferrenho do chamado processo de Assimilação Patriótica, segundo o autor, este processo é o principal responsável pelo sucesso na assimilação de imigrantes nos EUA. Mas o que exatamente significa a Assimilação Patriótica?

Segundo Fonte, Assimilação Patriótica é muito mais do que uma assimilação lingüística dos imigrantes e suas crianças, muito mais do que ler Inglês, ser assimilado economicamente, ou adentrar para a classe média. O mais importante deste processo, para o autor, é o imigrante transferir-se politicamente de seu antigo país para os EUA. Mas o que significa exatamente esta transferência?

Fonte argumenta que a cidadania estadunidense é formada em torno dos ideais democráticos liberais, não sendo, por este motivo, constituída através de elos étnicos. De acordo com este, “Cidadania Americana não é baseada no pertencimento em uma etnicidade particular, mas em uma lealdade política na democracia americana. Nós somos uma nação cívica, não uma nação étnica”. (FONTE, 2002).

Por este motivo Fonte argumenta que existiram três grandes projetos de integração dos imigrantes dentro da sociedade estadunidense, sendo eles: A era da fundação ocorrida na década de 1790, o período de americanização ocorrido durante o século 20 e a situação da imigração no pós 11 de setembro de 2001. Pela explicação de Fonte, o primeiro período se restringia a idéia de que todos os imigrantes deveriam renunciar a todas as alianças políticas que possuíam com o seu país de origem e realizar um juramento se propondo a defender a constituição e as leis dos EUA. Os reflexos desse pensamento se mostram presentes nos atos de naturalização de 1790 e 1795, centrando-se na visão romantizada dos pais

fundadores, que propunham a possibilidade de que, tanto os cidadãos nascidos nos EUA, quanto os imigrantes poderiam ser uma pessoa só<sup>68</sup>.

O segundo período ocorre durante a era da imigração em larga escala, onde, políticos e líderes civis como Theodore Roosevelt e Woodrow Wilson, entre outros, defendem a manutenção da proposta de um juramento, que represente a renúncia dos imigrantes a sua antiga nação e a aliança com os EUA. Fonte esclarece as especificidades deste juramento, destacando três datas relevantes, sendo elas: 1905, onde a comissão de naturalização apontada pelo presidente Theodore Roosevelt recomendou o juramento de Renúncia e Aliança como um padrão. Em 1929, quando se inserem no juramento a necessidade de que o imigrante defenda a constituição e as leis dos EUA contra todos os inimigos, sendo eles externos ou internos. Durante a Segunda Guerra Mundial, quando é acrescentado ao juramento que o imigrante se disponha a pegar em armas para a defesa dos EUA.

Em nossa leitura, o segundo período é o de real institucionalização do juramento, em que abandona o seu caráter filosófico abstrato e ganha uma entonação de lei. É neste período que as imigrações se avolumam e a variedade dos lugares de origem dos imigrantes se torna maior. É importante lembrar, também, que a imposição do juramento surge em meio ao período envolvendo as duas grandes guerras mundiais e representa a preocupação com a segurança.

A terceira era se concentra na dificuldade de se garantir a assimilação quando esta se encontra associada ao medo referente ao terrorismo. Fonte argumenta que a proposta de um juramento em nossa época continua sendo crucial, já que o papel do mesmo funcionaria como uma antena que captaria a percepção do que é ser um estadunidense. O grande problema é que, pela primeira vez, os EUA foram atingidos dentro de sua fronteira, o que tornou a idéia de um juramento superficial dentro do contexto histórico vivido em nossos dias. O fato é que este não garantiria a segurança, podendo, facilmente, um terrorista realizar o juramento para conseguir sua entrada no país.

O juramento passa a existir, apenas, com um sentido simbólico, tendo seus pontos mais importantes incorporados, a partir daqui, em um teste de múltipla escolha. Apesar destas transformações na maneira de se desenvolver o juramento, Fonte defende o papel emotivo causado por este sobre os imigrantes, que são

---

<sup>68</sup> Esta idéia surge da necessidade de se garantir que em um país novo, repleto de imigrantes, conseguia-se se criar uma unidade que facilitasse a convivência.

levados a cada etapa do processo a aproximarem-se cada vez mais da nação, ou, de acordo com Fonte em *Don't Dilute the Oath of Allegiance*:

Para um sério programa de orientação que iniciando a partir do processo quando imigrantes adaptam-se para atingir cidadania, estudando e passando a história/governo e nos testes de linguagem, até alcançar a cerimônia final, a experiência de cidadania e de naturalização deveria ser significativa, dignificante e inspiradora. No mínimo ela deveria nutrir de patriotismo. Para os novos americanos, o processo de naturalização deveria ser a maior experiência de transformação em sua vida. (FONTE, 2004c).

Fonte, também passa a discutir os problemas com a assimilação nos dias de hoje. Para ele, a principal falha, no que se refere a esta questão, se concentra no fato das elites estadunidenses, há muito tempo, não se preocuparem em promover a assimilação. Isto, somado a constantes ataques a chamada assimilação patriótica são os principais desafios à inserção destes imigrantes na sociedade. No artigo intitulado *Comprehensively wrong*, o mesmo argumenta:

A identidade nacional Americana está sobre assalto por décadas por uma agenda anti-assimilação que inclui votos bilíngües, educação bilíngüe, preferência de grupos para novos imigrantes, e dupla aliança e cidadania. (FONTE, 2006a).

Fonte esclarece que os principais defensores do processo de assimilação são os conservadores, que de uma maneira geral, estão preocupados com a manutenção da estrutura social existente. A despreocupação com a assimilação pela maior parte dos grupos da sociedade estadunidense acaba sendo um resultado claro da contrariedade da população com os crescentes números de imigrantes. Na realidade, Fonte argumenta em seu artigo intitulado *Assimilation* (FONTE, 2006) baseando-se na recente pesquisa realizada pelo *Wall Street Journal*, que 48% dos americanos consideram que a imigração mais enfraquece do que fortalece seu país<sup>69</sup>.

O resultado desta negação do papel do imigrante na construção da nação representa, primeiramente, um susto com o aumento crescente desta população e, conseqüentemente, com o aumento de seu poder político. Num segundo momento, alcança-se o patamar de crise da definição dos EUA como uma nação de imigrantes assimilados.

---

<sup>69</sup> Contra 41% que considera que esta fortalece a nação.

Mas o que fazer para frear este processo? Mesmo com a resistência da população estadunidense aos imigrantes, os números das imigrações ilegais continuam aumentando, atualmente chegando a um valor de aproximadamente 11 milhões de imigrantes ilegais dentro dos EUA, com um crescimento anual de 400.000. Fonte discute no artigo *Immigration and American identity*. (FONTE, 2005b) que a solução para o problema da imigração vai muito além da proposta de deportação dos imigrantes ilegais. Segundo Fonte, o governo deveria investir principalmente na tentativa de acabar com o trabalho barato. Como exemplo, o autor propõe o aumento nos investimentos relativos à mecanização da agricultura, afirmando que sem: este tipo de emprego a imigração tenderia a diminuir.

Além disto, Fonte insiste na necessidade de se assimilar os imigrantes, em uma tentativa de barrar o interesse dos países que os enviam. Pela leitura do mesmo, o ponto central dos problemas com as imigrações, nos dias de hoje, concentra-se na utilização destes imigrantes, pelos seus governos de origem, como força política de barganha nas relações com os EUA.

Fonte deixa clara esta visão quando passa a discutir o posicionamento do governo mexicano, país de origem da maioria dos imigrantes:

Em 2001, Juan Hernandez novamente declarou que o México é uma nação, de 123<sup>70</sup> milhões de pessoas; 120 milhões vivem no México e 23 milhões vivendo nos Estados Unidos. Em 1997 um senador mexicano declarou, citando que, Mexicanos no exterior são iguais aos que habitam o território nacional do México. Pertencendo ao México são fixados em laços de cultura e ordem espiritual, em costumes, aspirações e convicções. Para o autor, somente durante a imigração de Italianos, no regime de Mussolini, ocorreu algo semelhante, ao ponto do governo do país de origem insistir na manutenção dos laços com a pátria antiga dos grupos que deixavam o país<sup>71</sup>.

Segundo Fonte, a situação torna-se ainda mais grave quando se tem a constatação de que 90% dos imigrantes vêm de países que encorajam a dupla cidadania. Como resultado, cria-se um grande dilema dentro da nação

---

<sup>70</sup> Há um erro nos valores totais da população mexicana expresso nestes dados, apesar de colocar o valor de 123 milhões como no artigo de Fonte acreditamos ser um total de 143 milhões, já que o número de imigrantes mexicanos vivendo nos EUA atualmente são 23,4 milhões.

<sup>71</sup> Em Fonte, *Dual Allegiance Harms Immigration Reform and Patriotic Assimilation*, 2005

estadunidense, já que, em nossos dias, não se poderia simplesmente legalizar ou deportar os imigrantes ilegais, como já foi feito durante a história do país<sup>72</sup>.

Para avançar nas conclusões sobre a posição de Fonte, é importante retomarmos o ponto de partida de suas análises no *Center for American Common Culture*. Os estudos de Fonte surgem com a preocupação de promover a assimilação dos imigrantes aos EUA, assimilação que vem sendo minada por inúmeras formas de posicionamentos externos e internos ao país.

Fonte encontra-se entre o multiculturalismo das minorias, que utilizam de sua força política para cada vez mais inserir sua cultura dentro da nação, e o posicionamento feroz de alguns membros da sociedade que partem da proposta clara de deportação dos imigrantes. A posição de Fonte em meio a este conflito é, talvez, a mais conciliadora, pois ele percebe a importância dos imigrantes<sup>73</sup>, e procura a possibilidade da assimilação dos mesmos.

#### **4.2.2 Linda Chavez: conservadorismo pela unidade.**

Linda Chavez nasceu no dia 17 de junho de 1947 em Albuquerque, Novo México, e vem se destacando como uma das mais proeminentes autoras conservadoras hispano-americanas. Filha de pai mexicano-americano e de mãe anglo-americana, Chavez é bacharel em artes pela Universidade do Colorado.

No ano de 2001, Chavez foi convidada por Bush para assumir a pasta do trabalho, mas acabou sendo impossibilitada de tomar posse do cargo devido a fortes pressões. As principais acusações que culminaram com a desistência de Chavez ao cargo se restringiram ao fato da mesma, ter empregado a imigrante ilegal Marta Mercado durante os anos 1991 a 1993, além de também ter ajudado dois refugiados vietnamitas e os filhos de uma mulher porto-riquenha.

Atualmente Chavez esta na presidência do *Think Tank, Center For Equal Opportunity* (CEOUSA), uma organização conservadora que se opõe aos programas de ação afirmativa e à educação bilíngüe. De acordo com o próprio site oficial, o *Think Tank* tem como preocupação garantir a igualdade de oportunidades sem fazer

---

<sup>72</sup> Em 1986, congresso passou por “uma compreensiva” reforma de imigração que incluiu anistia para aproximadamente 3 milhões de imigrantes ilegais, reforço na fronteira e no interior (ações trabalhistas) (19/06 2006).

<sup>73</sup> É importante relembrar que a grande maioria dos Neocons é composta por imigrantes assimilados

diferenças étnicas, com o intuito de garantir a harmonia racial, eliminando assim o impacto causado pelas divisões criadas pelas políticas públicas que visam o favorecimento da consciência de raças.

O CEOUSA procura atuar em três grandes focos: 1- Nas ações afirmativas, onde procura dar suporte a políticas públicas “colorblind”, obstruindo a expansão de preferências raciais, impedindo seu uso no emprego, na instrução, e no direito ao voto. 2- Na imigração e na assimilação, onde promove a assimilação dos imigrantes na sociedade, além de pesquisar sobre seu impacto econômico e social nos Estados Unidos. 3- Na educação bilíngüe e na educação em geral, onde procura promover políticas educacionais que visem atingir a todos os grupos, centrando na idéia da educação focada na língua Inglesa e na cultura estadunidense.

Utilizaremos para a análise alguns dos textos publicados pela autora neste Think Tank procurando perceber como uma hispano-americana pode se posicionar como neoconservadora e ser contrária aos programas de ação afirmativa e de educação bilíngüe. Para realizar esta análise nos concentraremos nos três temas de atuação do CEOUSA, organizando as principais posições da autora sobre estes.

Como primeiro tema relativo à análise da obra de Chavez, partiremos para análise da maneira como ela percebe os programas de ação afirmativa. Como característica, Chavez acaba seguindo quatro grandes pontos, que refletem uma retórica conservadora, sendo eles: 1- Os programas de ação afirmativa não atingem as camadas que realmente deveriam receber estes programas. 2- Os estudantes que recebem a ajuda destes programas acabam sendo discriminados dentro das universidades, ou, quando saem destas para o mercado de trabalho. 3 – Mesmo quando recebem incentivos para entrar nas universidades os membros de minorias, especialmente latinos e negros, não conseguem obter um rendimento considerável aceitável. 4 – Os programas de ação afirmativa acabam obscurecendo a necessidade de mudanças que melhorariam a qualidade nas instituições de ensino das camadas mais pobres.

Para uma melhor esquematização, separaremos estes quatro temas em dois grandes grupos, um envolvendo a crítica realizada pela autora referente ao primeiro dos quatro itens, e um que aglutina os outros três, por considerarmos que estes estão profundamente interligados.

A primeira linha de discussão da autora segue uma das mais tradicionais retóricas conservadoras, ou, de acordo com a perspectiva de Hirschman antes

abordada, a tese da futilidade, concentrada na idéia de que qualquer forma de auxílio a minorias acabaria não atingindo quem realmente necessita deste auxílio, ou, como podemos perceber pela argumentação da própria Chavez:

Eu me oponho as preferências raciais, não somente porque eu penso que são desleais -- e, quando exigidas pelo governo, inconstitucionais -- mas, também, porque não conseguem sua finalidade pretendida, de ajudarem negros e Hispânicos. (CHAVEZ, 1997).

A autora parte da idéia de que a maioria dos estudantes negros e latinos que atingem as universidades através das cotas vem, na verdade, de famílias que conseguiram atingir um grau econômico mais alto, sendo, normalmente, representantes da classe média:

Muitas, se não a maioria, das escolas admitem os estudantes negros e latino-americanos que não se encontram dentro das exigências normais da universidade. Então, não faz pouco ou nada garantir que estes estudantes mal preparados sucederão realmente. Ironicamente, muitos dos estudantes das minorias, que se beneficiam de tais programas, vêm da classe média ou dos grupos afluentes. (CHAVEZ, 1997).

Apesar de pertencer a uma linha visivelmente conservadora, o que a autora não esconde, dentro da sua abordagem nos parece irrefutável que membros dos grupos minoritários que conseguiram atingir um maior nível econômico-social encontraram vantagens no sistema de cotas. Todavia, a percepção da autora acaba ultrapassando este ponto partindo para a idéia de que os estudantes que recebem as cotas acabam sofrendo uma discriminação ainda maior por entrarem nas instituições com um déficit com relação aos outros grupos.

Podemos, a partir desta idéia, concluir a leitura dos três últimos pontos presentes na abordagem da autora sobre os programas de ação afirmativa. A principal crítica presente na obra de Chavez parte da idéia de que os programas de ação afirmativa não garantem que os membros das minorias que ingressam na universidade possuam condições reais de competir com os outros grupos, já que vêm de centros educacionais que não lhes proporcionaram uma educação de qualidade. Deste modo, para que se resolva o problema entre os grupos minoritários seria necessária uma delicada reforma na instrução elementar e secundária do país:

O que necessita de emendas não é na ação afirmativa, mas na instrução. É hora de terminar com todas as políticas públicas que tratam cidadãos diferentemente, dependendo de sua raça e começar a discutir sobre uma difícil de reforma em nosso sistema de instrução elementar e secundário. (CHAVEZ, 1999).

Pela visão da autora, somente garantindo que o ensino de qualidade seja expandido a todos os grupos poderia se resolver o problema de desigualdade, fora isto, o país continuaria a ter que abrir inúmeras exceções que serviriam, apenas, como um instrumento paliativo.

O grande problema do sistema atual se concentra exatamente na idéia de que ao criar remendos na tentativa de se garantir a igualdade, sem que ocorra uma melhoria real na educação como um todo, apenas se atinge um prolongamento do problema. Dessa forma, os precedentes abertos para servirem de soluções para a desigualdade acabam sendo empurrados de etapa em etapa da vida dos grupos minoritários.

A autora acaba questionando este processo quando passa a argumentar sobre as críticas realizadas contra os exames de avaliação, utilizando-se como exemplo o sistema de ensino da Califórnia, onde, de acordo com as críticas, os exames que deveriam testar o conhecimento geral dos alunos favoreceriam os brancos:

No último mês, o presidente da universidade da Califórnia disse ser a favor de deixar decair o venerável Teste de Aptidão Escolar – que testes verbais gerais, raciocínios e habilidades gerais de matemática – em favor de testes mais especializados em áreas de conhecimentos individuais e subjetivas. O presidente Richard Atkinson preocupa-se que a baixa confiança no Teste de Aptidão Escolar penaliza injustamente os estudantes negros e latino-americanos, que, na média, possuem um desempenho pior nos testes, do que, sua parte correspondente, brancos e Asiáticos. Atkinson é particularmente sensível a este problema. O sistema de Califórnia, o maior no país, experimentou um decréscimo nas inscrições de negros e latino-americanos após a aprovação da Proposição 209 em 1996, que proibiu as preferências raciais que tinham sido usadas por anos apoiando o registro das minorias. (CHAVEZ, 2001).

A autora argumenta que este tipo de confronto vem sendo historicamente utilizado em uma tentativa de conseguir justificar as diferenças presentes no preparo entre os alunos dos mais variados grupos. Para demonstrar como ocorre este processo a autora cita o exemplo das críticas aos testes realizadas durante os anos

60.

Nos anos 1960, os críticos argumentaram que o teste era racialmente inclinado. Eles apontavam para questões, eles clamavam que as perguntas foram pesadamente direcionadas para favorecer as experiências dos brancos, especialmente, na seção verbal do teste. Os pretos e Hispânicos não poderiam esperar saber palavras tais como a “regata” ou “cotillion”<sup>74</sup>, desde que, presumivelmente, poucos deles possuíam iates ou atenderam a esferas das debutantes. Naturalmente, a maioria dos brancos que fazem o teste do exame, não participa de regatas, nem atendem a qualquer um dos cotillion locais. Não obstante, o Serviço de Teste de Instrução, que administra o teste de Aptidão escolar, gastou milhões dos dólares para fazer o teste mais amigável para as minorias. Os recebedores do teste, agora, podem esperar responder a perguntas sobre os trabalhos de Maya Angelou<sup>75</sup> e Toni Morrison<sup>76</sup>, assim como de William Faulkner<sup>77</sup> e Jane Austen<sup>78</sup>. Mas as mudanças não tiveram quase nenhum impacto em fechar o abismo existente entre as contagens médias dos brancos e asiáticos, em uma extremidade, e Hispânicos e negros na outra. (CHAVEZ, 2001).

Chavez considera que a crítica realizada pelas minorias contra os sistemas de avaliação são resultado do despreparo e desinteresse pela leitura dos mesmos, o que acabaria se estendendo, também, a muitos dos estudantes brancos.

Para a autora, o problema não está na maneira como os testes são realizados, e sim na pressão existente pelos grupos em uma tentativa de alterar a grade curricular e o conteúdo dos testes aproximando a educação a temas relacionados com o interesse das minorias, afastando os estudantes da obrigatoriedade da leitura dos principais clássicos da literatura.

Assim como grande parte dos outros neoconservadores, Chavez é uma descendente de imigrantes assimilada, por isto, parte em defesa da educação e da cultura estadunidense. Para ela, focalizar a educação nas minorias representa perder as características que criam o caráter da nação, podendo gerar o enfraquecimento da sociedade. Chavez argumenta que mesmo sendo descendentes de latinos, não se sentiu inferiorizada por ler grandes escritores de outras nações, da mesma maneira que estas leituras foram entendidas mesmo não tendo vivenciado a cultura exposta nestes livros.

---

<sup>74</sup> Não encontramos uma tradução literal para cotillion, este é uma cerimônia de apresentação de jovens damas a sociedade, semelhante aos bailes de debutantes existentes em nosso país.

<sup>75</sup> Maya Angelou foi a primeira motorista mulher e negra da cidade de São Francisco, assim como também a primeira roteirista e diretora negra de Hollywood

<sup>76</sup> Toni Morrison é uma escritora negra estadunidense que ganhou o prêmio Nobel de literatura em 1993 escrevendo romances sobre as experiências das mulheres negras durante os séculos XIX e XX.

<sup>77</sup> Considerado um dos maiores escritores dos EUA.

<sup>78</sup> Escritora inglesa considerada por muitos a figura mais proeminente depois de Shakespeare.

Podemos a partir daqui, discutir o segundo ponto referente à obra desta autora, que se concentra exatamente na crítica à educação voltada para as minorias. Estas críticas refletem-se no questionamento à educação bilíngüe, a questão a ser aprofundada aqui, é exatamente até que ponto essa educação pode favorecer ou causar danos dentro dos EUA.

Chavez parte da necessidade de se integrar os grupos imigrantes, o mais rápido possível, na cultura estadunidense, daí o papel da linguagem como ponto central da formação de uma identidade comum. De acordo com a autora existem aproximadamente três milhões de estudantes da escola pública que não sabem o inglês<sup>79</sup>. Estas crianças vêm de diversos países e possuem idades das mais variadas, podendo ter cursado ou não uma escola em seu país de origem.

O grande choque existente nos EUA da atualidade concentra-se em como educar estas crianças. Parece claro para a autora que existe uma grande disputa que deveria se restringir, simplesmente, a valores pedagógicos no sentido de escolher o melhor método para que estas crianças tenham uma melhor adaptação ao novo país. Esta disputa tornou-se uma guerra política entre grupos.

De acordo com Kátia Maria Santos Mota, este processo passa a ocorrer de maneira mais agressiva a partir da década de 80, onde a presença de outras línguas dentro do país passa a exercer um papel preocupante:

No cenário norte-americano, entretanto, é sobretudo a partir do início da década de 80, quando o perfil de identidade do imigrante nos EUA apresenta mudanças radicais, principalmente com as freqüentes ondas migratórias de hispânicos e asiáticos, que a educação bilíngüe começa a ser vista como uma ameaça à supremacia do inglês. Surgem, assim, grupos políticos (*English only*) que desejam a adoção do inglês na escola como a única língua nacional, na tentativa de assegurar os princípios democráticos do ideal norte-americano. (MOTA, 2006).

Se por um lado a população branca começou se mobilizar politicamente em favor de uma educação construída a partir da língua inglesa, por outro, grupos latinos passam a exercer pressão no sentido da manutenção de uma educação bilíngüe. Chavez mostra-se profundamente descrente com o real interesse destes

---

<sup>79</sup> Dados presentes no artigo intitulado *We have a ways to go in the bilingual war*, publicado no dia 10/061998 no Center for Equal Opportunity.

grupos, ou, como podemos notar em seu artigo *Viva bilingual education*, publicado em 23 de março de 2000:

Ironicamente, algumas das mais fortes sustentações da instrução bilíngüe vêm dos Hispânicos da classe média, muitos dos quais não falam o espanhol, e lamentam que suas crianças também não falem. Estes Hispânicos que são um círculo eleitoral natural para classes da dupla-imersão, e poderiam realmente beneficiar-se delas, apenas como não-Hispânicos puderam. (CHAVEZ, 2000).

O grande problema constatado pela autora no que se refere à educação bilíngüe se concentra no fato de que as crianças acabam recebendo uma educação mais fraca em relação à educação das demais crianças do país. Chavez procura ressaltar esta disparidade partindo dos estudos realizados por Christine Rossell:

A professora Christine Rossell da universidade de Boston, que estudou programas dirigidos a crianças limitadas a proficiência em Inglês por quase duas décadas, notou em uma análise recente sobre o programa dupla-imersão: “Os estudantes latino-americanos em bem considerados programas bilíngües de dois caminhos em distritos escolares reais marcam somente a metade da pontuação dos estudantes brancos” naqueles mesmos programas. Na River Glen Elementary, uma escola bilíngüe de dois caminhos em San Jose, Califórnia, frequentemente angariada como um programa modelo, estudantes latino-americanos marcaram cerca da metade, também, em testes de leitura. E em muitas escolas de dupla-língua, aproximadamente um terço dos estudantes, que falam espanhol, não aprenderam bastante o inglês para ser testado no todo. Quando estas escolas relatam ganhos expressivos para estudantes da dupla-imersão, é porque deixaram os estudantes que não falam inglês fora da equação. (CHAVEZ, 2001).

Chavez continua sua argumentação contrária aos programas bilíngües discutindo que a maioria da população latina do país prefere que suas crianças aprendam a Língua Inglesa o mais rápido possível. Segundo esta, durante um levantamento realizado pela organização não-lucrativa *Public Agenda* mostrou-se que 75% dos pais imigrantes querem suas crianças ensinadas na língua inglesa, um levantamento semelhante, realizado pelo *Center For Equal Opportunity*, encontrou que apenas 17% dos pais latinos americanos querem que suas crianças sejam ensinadas a ler e escrever, primeiramente, em espanhol<sup>80</sup>.

---

<sup>80</sup> *Viva bilingual education?*

De acordo com a autora, a grande chave para atingir a qualidade do ensino da língua para os imigrantes, se concentra na necessidade de se traçar um plano sério focado no aprendizado destes grupos, partindo da idéia da redução dos alunos por classe de língua (entre 15 e 20) e, também, investir no treinamento de professores. Chavez considera também que o ideal seria que os professores compreendessem a língua nativa de seus estudantes<sup>81</sup>.

O terceiro ponto que consideramos importante discutir na obra de Chavez se concentra na crítica ao processo de imigração e assimilação. Dentro da argumentação proposta pela a autora podemos concentrar nossa preocupação dentro de algumas idéias centrais: 1- a presença dos imigrantes é vital para o enriquecimento da nação; 2- a preocupação presente com o crescente aumento dos imigrantes ilegais; 3- como realizar a assimilação destes imigrantes transformando-os em cidadãos estadunidenses.

No primeiro ponto, percebemos que Chavez é uma defensora da abertura dos EUA para a imigração:

A maciça imigração legal foi um componente crítico do crescimento econômico, sobretudo, nas últimas duas décadas, mas um que nós, frequentemente, ignoramos demasiadamente, ou, supomos erradamente causar mais dano do que bem. (CHAVEZ, 2000b).

Chavez possui uma grande preocupação com as atuais propostas de imigração que visam possibilitar o trabalho temporário para pessoas vindas de fora. O problema apontado pela autora é não se concentrar em impedir a entrada destes imigrantes e sim no que fazer com a grande quantidade de ilegais que se encontram dentro das fronteiras do país<sup>82</sup>:

Estas propostas não podem oferecer a justiça perfeita - quem pode responsabilizar os prejudicados recompensando os que cruzam a fronteira com status legal quando os milhões de outros imigrantes estariam esperando pacientemente para entrar legalmente no país. Mas “o ganho da legalização” é provavelmente a melhor solução a um problema largamente intratável. Não há nenhuma maneira que os Estados Unidos podem encontrar e deportar 8-12 milhões de estrangeiros ilegais neste país, e mesmo se nós poderíamos, nós causaríamos mais danos do que o bem. (CHAVEZ, 2004).

---

<sup>81</sup> *We have a ways to go in the bilingual war*

<sup>82</sup> Em: The Bush proposal.

Acaba ocorrendo um grave problema dentro do país por causa dos processos de imigração, enquanto, de um lado, encontram-se milhões de imigrantes em situação ilegal, do outro, existem milhões de outros esperando a oportunidade de poder entrar legalmente. Segundo Chavez o governo Bush deu um passo importante no que se refere a esta questão, tentando atingir um meio termo entre os interesses destes dois grupos e o da própria nação.

A decisão tomada pela administração Bush concentra-se em liberar visto de emprego temporário aos imigrantes que possuem interesse em trabalhar em uma situação legalizada, ao mesmo tempo em que possibilitou que os ilegais consigam alguns avanços, com o intuito da obtenção de um ganho em cidadania. Segundo a autora:

Em estimativa 9 milhões de estrangeiros ilegais da América Latina vivem nos Estados Unidos, de forma que México, El Salvador, Honduras e Guatemala têm começado recentemente a emitir cartões de identificação aos estrangeiros ilegais através de seus escritórios consular nos EUA. Estes “IDs” dão permissão aos estrangeiros ilegais que vivem aqui para abrir contas em banco, obter licenças de motoristas e cartões da biblioteca, e voar em linhas aéreas do domesticas dos Estados Unidos. (CHAVEZ, 2002).

Para Chavez é inegável a necessidade deste trabalho imigrante no país, e os grandes desafios concentram-se em garantir que estes imigrantes aceitos no trabalho temporário realmente voltem para seus países de origem, garantindo, também, que os que já vivem no país consigam ser assimilados dentro do modo de vida estadunidense.

Chavez destaca em vários artigos o problema da necessidade de assimilação, este processo é colocado como ponto principal neste momento da história. Mais do que isto, a assimilação é posta como um dever histórico dos EUA, o que é confirmado no artigo intitulado *We are Americans*:

Nunca houve um momento em nossa história que foi mais importante recomendar uma assimilação dos milhões de novos moradores que vieram aos Estados Unidos em anos recentes -- quase 30 milhões vivendo aqui agora. Não é simplesmente continuar aceitando que muitos milhões de nascidos no exterior venham viver aqui permanentemente, a menos que nós estivermos dispostos a ajudar, fazendo deles americanos. Em cada período da imigração, em grande escalada a este país, nós compreendemos este como nosso dever -- isso se mantêm recentemente. (CHAVEZ, 2001).

Nesse mesmo artigo, Chavez continua discutindo a necessidade de assimilação, afirmando que somente com a possibilidade da união da diversidade nacional os EUA poderão criar uma identidade comum, que consiga manter a unidade e defender a cultura construída de ataques externos, como o de terroristas. Para que isto ocorra, a autora, lança mão de um chamado a unidade da nação:

Para o momento, pelo menos, nós parecemos dispostos a pôr de lado este absurdo. Nós não somos uma nação multicultural. Nós somos uma nação indivisível. Nós somos uma só pessoa, não obstante nossa cor ou credo, ou, de quanto tempo nossas famílias estiveram aqui ou de onde vieram. E nisto, nós somos originais nos anais da história humana. (CHAVEZ, 2001).

Através da leitura dos artigos escritos por Linda Chavez podemos aproximá-la da abordagem realizada por John Fonte, já que ambos partem da idéia de como conseguir assimilar as minorias e os grupos imigrantes sem que estes diluam a cultura existente nos países.

A abordagem neoconservadora, surge em sua maioria de imigrantes, ou filhos de imigrantes que percebem a cultura estadunidense como um diferencial importantíssimo para que se possa formar uma sociedade livre. Estes são imigrantes profundamente adaptados que receberam sua educação dentro do país e nele encontraram a possibilidade de progredir, assumindo, por este motivo, uma identidade com esta nação.

Para os autores abordados, a posição das minorias de negar-se a tomar parte deste caldeirão cultural, mantendo-se fiel a sua cultura antiga, é vista como algo fora da realidade. As críticas realizadas por alguns grupos minoritários de que as oportunidades não são iguais contradizem a experiência vivida pela maioria destes intelectuais, o que acaba fazendo com estes se posicionem como opositores a estas críticas.

Como resultado a este processo encontramos nos neoconservadores um plano claro no que representa atingir o sucesso, um caminho simples que se resume em ser assimilado lingüística e culturalmente, e que deveria funcionar como um caminho sem erros.

### 4.3 Charles Murray: a adesão ao libertarianismo.

Charles Alan Murray nasceu no ano de 1943, sendo bacharel em história pela Harvard University e Ph.D em ciência política pelo Instituto de Tecnologia de Massachusetts. Atualmente, Murray é membro do AEI (*American Enterprise Institute*), além de publicar artigos em *The New Republic*, *Commentary*, *The Public Interest*, *The New York Times* e *The Wall Street Journal*.

Murray é um dos mais debatidos estudiosos sobre Welfare State e políticas públicas, desenvolvendo em suas obras<sup>83</sup> pontos importantíssimos que foram combustíveis para inúmeras discussões durante as últimas décadas. Paralelamente a este tema, encontramos o livro *Bell Curve: Intelligence and Class Structure in American Life*, escrito com Richard Herrnstein, publicado em 1994, onde o autor passa a discutir as disparidades de inteligência existentes entre as raças.

Ao observarmos os temas estudados por Murray, percebemos que apesar de ser considerado um autor radical, assim como os outros neoconservadores aqui analisados, destaca-se na clareza e na plausibilidade dos seus argumentos, o que acaba gerando uma grande agitação no cenário intelectual, causando choque, principalmente pelo fato de Murray dialogar com idéias que até então pareciam esquecidas ou intocáveis.

Em nossa análise destacaremos algumas das idéias de Murray que causaram maior agitação no momento da sua divulgação, partindo de seus artigos publicados no *American Enterprise Institute*. Optamos por estes textos por se encontrarem abertos ao público em geral, seguindo a proposta, defendida pelos neoconservadores, de que os temas devem ser debatidos abertamente e expandidos ao maior número possível de pessoas.

Nossa preocupação durante esta passagem do trabalho é procurar abarcar as principais posições deste autor, tentando compreender também a reação que estas idéias causaram.

Para podermos dar início ao aprofundamento de sua obra, consideramos necessário esclarecer um ponto, relativo a uma diferenciação existente entre Murray

---

<sup>83</sup> Lousing Ground: American Social Policy, 1950-1980, publicado em 1984, onde, este realiza uma crítica aos programas de auxílio do governo estadunidense, e, seu último livro intitulado In Our Hands: A Plan To Replace the Welfare State, publicado em 2006, onde, o mesmo propõe uma solução para o papel do estado em auxílio, saúde, previdência, entre outras.

e os outros Neoconservadores. Durante nossa leitura constatamos que, em ocasiões, Charles Murray definiu-se como um libertário e não como um neoconservador, ao mesmo tempo, os principais autores que se debruçaram para a análise e o debate sobre o neoconservadorismo, posicionaram-no como um autor neoconservador. Por este motivo, consideramos que seria importante, nesta passagem do texto, aprofundar qual seria a posição dos libertários e quais as diferenças destes com os neoconservadores.

De acordo com nossa leitura, a corrente política denominada libertarianismo, surge baseada na idéia de que o melhor governo seria aquele que governa o mínimo possível. Para esta corrente o papel do governo deveria se restringir, apenas, a impedir que os direitos fundamentais fossem violados. Portanto, para os libertários, direitos como saúde, alimentação, entre outros, não deveriam ser obrigações atribuídas ao governo, que deveria restringir suas responsabilidades as funções de justiça, de policia e militar.

Murray, em seu artigo *Charles Murray's Libertarian Vison*, de março de 1997, descreve os três pontos essenciais para que exista governabilidade, dentro da idéia de libertarianismo:

1. Em uma sociedade livre, indivíduos não podem iniciar o uso da força contra qualquer outro individuo ou grupo.
2. Pessoas em uma sociedade livre não podem ser impedidas de se engajar no voluntariado e informar transações.
3. Governos existem para garantir os direitos fundamentais das pessoas livres. (MURRAY, 1997).

O termo libertarianismo acaba aproximando-se muito as idéias do liberalismo, sendo fortemente empregado nos EUA, o que ocorre é que existe a necessidade de uma diferenciação entre estes e os liberais já que, nos EUA, os liberais estão muito mais próximos da social-democracia, do que do liberalismo como o termo é associado na Europa.

Como característica marcante, destacamos a existência de um partido Libertário que se posiciona como o terceiro maior partido dentro dos EUA, tendo lançado candidato próprio nas últimas eleições (Michael Badnarik), contudo, devido ao sistema político Bipartidário, muitos dos defensores do Libertarianismo acabam preferindo se diluir dentro dos partidos republicano e democrata em uma tentativa de inserir suas idéias dentro deles.

A relação do libertarianismo com o neoconservadorismo aparece de maneira bem estreita, coincidindo sua agenda política em inúmeros pontos como a crítica realizada sobre os programas de auxílio<sup>84</sup> e a relação do Estado com a economia. Da mesma forma, esses grupos acabam se distanciando em alguns outros pontos, como a maneira como encaram o papel do Estado com relação à intervenção em outros países. A doutrina libertária é totalmente contrária à intervenção de um Estado por outro, enquanto os neoconservadores defendem a idéia de guerra preventiva<sup>85</sup>.

Outro ponto que percebemos como diferença entre libertários e neocons encontra-se na maneira como estes enxergam a própria sociedade; os primeiros são contrários à interferência do Estado em assuntos que digam respeito à sociedade como a pornografia, o uso de drogas e os valores sociais, justamente o contrário do que pregam os neoconservadores que constantemente realizam críticas a destruição moral da sociedade.

Murray é a confirmação mais clara de uma aliança dos libertários com os neoconservadores, pois absorve as características tanto do libertarianismo quanto do neoconservadorismo, dialogando constantemente com as duas correntes, sendo aceito pelas duas.

Com relação à análise das obras de Murray procuraremos discutir dois tópicos que consideramos de maior importância em sua obra: 1- a crítica que realiza aos programas de auxílio estadunidense e a solução que propõe para os problemas destes programas; 2- a discussão feita por Francis Fukuyama sobre as idéias apresentadas no livro *The Bell Curve*, antes mencionado.

Com relação ao primeiro tópico, o autor percebe os efeitos dos programas sociais em duas dimensões diferentes. A primeira, expressa em *Lousing Ground*<sup>86</sup>, onde, Murray realiza uma aprofundada análise sobre os programas de auxílio nos EUA durante as décadas de 1950 a 1980, afirma que estes programas sociais destinados a ajudar pessoas pobres e desfavorecidas acabaram prejudicando mais do que ajudando estas pessoas. A segunda, abordando os tempos atuais, busca suplantando o Welfare State. De acordo com sua leitura, existe um grande problema no que se refere aos programas de transferência de renda de um cidadão para outro,

---

<sup>84</sup> Retomamos aqui que os neoconservadores não são contrários aos programas de bem-estar-social como um todo, estes apenas se opõem ao método de realização destes, o que os faz de uma maneira geral aliam-se com os libertários durante as críticas aos programas sociais estadunidense.

<sup>85</sup> Entre outros que se definem como libertários encontramos Friedrich Hayek's.

<sup>86</sup> As discussões deste livro se encontram na obra de Hirschman.

dentro dos EUA. Estes problemas surgem devido ao excesso de burocracia e a má utilização do dinheiro arrecadado. O grande problema é que não existe nenhuma maneira de se controlar para quem esta verba estaria sendo destinada, conforme afirma em entrevista para Max Borders realizada em março de 2006:

Se isto é pegar de uma pessoa jovem para dar a uma velha, ou se ela é pega de um secretário no Alabama para dar a uma corporação que realizou algum favor especial para o governo, todas destas transferências --- e isto são o que elas são: dinheiro de um indivíduo americano para outros indivíduos ou corporações - parecem para mim exemplos clássicos de transferência de dinheiro para Washington, vendo largas quantias deles derramadas e jogadas fora, e sendo transferidas para fora de Washington em formas muito reduzidas para propósitos dúbios. (MURRAY, 2006).

A proposta de Murray acaba consistindo em simplesmente transferir uma parcela de dinheiro a todos os estadunidenses maiores de 21 anos que não estejam presos, substituindo através deste método uma série de desperdícios e burocracias. Segundo o autor, se fossem destinados 10.000 dólares anuais para cada cidadão, o mesmo poderia com este dinheiro, em suas mãos, optar pela melhor maneira de gastá-lo, o que acabaria melhorando os serviços como saúde, previdência, e mesmo a pobreza, já que daria oportunidade aos desfavorecidos de tentarem progredir economicamente através de seus méritos.

Murray parte para atingir esta conclusão da idéia de loteria da vida, para este, QI, Beleza, Charme e diligência não são características obrigatórias para que se alcance o sucesso social e econômico. Por este motivo a possibilidade de se recomeçar a vida quando se recebe uma soma de dinheiro suficiente é aberta a qualquer um.

Como resultado final desse plano, apareceria a substituição de todos os programas de transferências federais estaduais e locais, inclusive segurança social, Saúde e subsídios a corporações, por esta renda anual que eliminaria os cerca de 36 milhões de pessoas que vivem abaixo da pobreza.

O último ponto sobre as idéias de Murray que nos propomos a analisar é o que provavelmente causou maior polêmica entre suas obras. Após a publicação de *The Bell Curve*, Murray foi sem dúvida alguma incluído na listagem dos autores mais odiados dos EUA.

Não nos preocuparemos aqui propriamente com as idéias propostas neste livro, o que nos interessa, especificamente nesta obra, se concentra muito mais na reação que a mesma gerou, tanto no mundo acadêmico quanto com relação ao posicionamento dos próprios neoconservadores sobre o tema abordado. Nosso interesse ao analisar esta obra se centra muito mais na possibilidade de novamente afirmar a ligação de Murray com os neoconservadores, sendo que, para isto, recorreremos à obra do até então considerado um intelectual neoconservador (inclusive por ele mesmo), Francis Fukuyama.

Fukuyama dedica grande parte de seu livro *Nosso Futuro Pós-Humano: Conseqüências da Revolução da Biotecnologia* a defender e rechaçar as críticas à obra de Murray e Herrnstein.

Para ficar mais claro todo o processo ocorrido entre a publicação do livro de Murray e a sua defesa por parte de Fukuyama, procuraremos organizar a leitura de maneira cronológica. Primeiramente faremos um rápido resumo do que Murray propõe em seu livro. Como segundo passo, procuraremos contextualizar a reação que as idéias de Murray causaram, para que finalmente possamos concluir chegando à defesa feita por Fukuyama.

Podemos dividir a proposta de *The Bell Curve* em duas idéias principais que são comprovadas pelos autores através de uma série documentada de estatísticas extraídas do National Longitude Survey of Youth, sendo que a primeira parte da afirmação de que 60 a 70% da inteligência é herdada geneticamente; já a segunda, parte da idéia de que afro-americanos estão geneticamente abaixo dos brancos em seu desvio padrão no que se refere à inteligência.

Esta colocação posiciona uma nova leitura na questão da ascensão social, que a partir dela, passaria a ser percebida muito mais como um fator ligado a genes, do que de background social. Partindo desta posição, os fatores relevantes para o sucesso posicionariam os cidadãos em níveis hierárquicos de inteligência.

Parece claro que a primeira reação após a publicação destas idéias, só poderia ter surgido com uma resposta radical, ou, como podemos perceber na análise feita por Fukuyama:

Não admira que *The Bell Curve* tenha produzido tanta controvérsia Murray e Herrnstein foram acusados de racistas e fanáticos. Nas palavras de uma resenha, “por mais ofensivo e alarmante que possa ser, *The Bell Curve* (.....) é, simplesmente, mais um capítulo na

persistente economia política do racismo”. Uma linha comum de ataque foi acusar os autores de serem pseudocientistas, cujos achados eram tão espúrios e tendencioso que nem sequer mereciam uma discussão séria, e tentar associa-los com varias organizações de skinhead e neonazistas. (FUKUYAMA, 2003, p.38-39).

Em um segundo momento, a análise feita por Murray e por Hernstein funcionou como um catalisador para que houvesse um progresso nos estudos que relacionavam a inteligência à hereditariedade, ainda segundo Fukuyama:

The Bell Curve ocasionou a publicação de uma série de volumes por outros psicólogos e especialistas em inteligência que resumiram o que se sabe atualmente sobre o vínculo entre inteligência e hereditariedade. Fica claro que a partir dessa literatura que embora muitos discordem fortemente de Murray e Hernstein em muitas de suas asserções centrais, a questão que eles identificaram – a importância da inteligência em sociedades modernas e as implicações de suas possíveis raízes hereditárias – não tendem a se dissipar. (FUKUYAMA, 2003, p.41-42).

E aqui podemos reforçar a principal característica do movimento neoconservador, ou seja, a possibilidade de expor e encaminhar ao debate idéias que antes se restringiam aos meios científicos e acadêmicos, possibilitando a abertura do debate.

Neste ponto destacamos o papel de Fukuyama no livro *Nosso Futuro Pós Humano*, onde procura explicar que a discussão envolvendo *The Bell Curve* é apenas a ponta de uma discussão muito maior e que vem sendo travada durante séculos entre conservadores e esquerda envolvendo as possibilidades da interferência de um governo na correção de abismos entre as hierarquias sociais:

Os conservadores costumam ser simpáticos a assertivas sobre diferenças sobre diferenças humanas naturais porque querem justificar hierarquias sociais existentes e são contrários à intervenção governamental para corrigi-las. A esquerda, em contraposição, não suporta a idéia de que existem diferenças naturais entre grupos humanos. Há tantas coisas em jogo numa questão como a inteligência que elas transbordam imediatamente em controvérsias metodológicas, com a direita afirmando que a capacidade cognitiva era algo claramente manifesto e mensurável, e a esquerda sustentando que ela era indistinta e sujeita a erros grosseiros de mensuração. (FUKUYAMA, 2003, p.39).

A defesa de Fukuyama desta obra acaba mostrando que mesmo com seus erros metodológicos, mesmo com todas as críticas recebidas com relação às falhas analíticas<sup>87</sup>, teve o papel, mais importante para a ciência, de abrir o debate. Somente através dele pode-se obter contribuições necessárias para que se possam alcançar métodos que realmente transformem as barreiras existentes entre ricos e pobres.

Podemos, a partir deste ponto, finalizar a leitura de Murray, para nos concentrarmos em um outro ponto importante da agenda neoconservadora, a relação entre cultura e ascensão social presente na obra de Francis Fukuyama. Esta discussão segue um caminho oposto ao adotado por Murray em *The Bell Curve*, seguindo a idéia de que valores culturais são responsáveis pelo desenvolvimento econômico e social de grupos.

#### **4.4 Francis Fukuyama: Capital Social e a Ascensão Social.**

Francis Fukuyama nasceu no dia 27 de outubro de 1957, em Chicago, e durante sua carreira acadêmica destacou-se pela publicação de livros que causaram impacto, entre eles destacamos *O Fim da História e o Último Homem*, um dos mais debatidos da última década. Fukuyama é B.A em estudos clássicos pela Universidade de Cornell e Ph.D. em Ciência Política pela Harvard University.

É professor de Economia Política Internacional na *Paul H. Nitze School of advanced International Studies, Johns Hopkins University*, sendo em 2002 nomeado para o conselho sobre Bioética da presidência dos EUA.

Em sua trajetória intelectual Fukuyama esteve ligado aos neoconservadores, tendo feito parte do *Projeto for the New American Century, Tink Tank* que concentra em suas bases alguns dos principais nomes do neoconservadorismo.

Em livro mais recente, Fukuyama rompe com a corrente neoconservadora. Na nossa análise, procuraremos esclarecer este rompimento, mas não tomamos este como ponto de principal relevância com relação a este autor, principalmente porque

---

<sup>87</sup> Quando Fukuyama argumenta que Burt um dos principais estudantes de psicologia da atualidade ao questionar que o livro *The Bell Curve* foi construído sobre dados fabricados, o próprio Burt utilizou-se de dados fabricados para chegar a suas críticas.

nossa preocupação se concentra na sua visão da sociedade estadunidense à época em que se considerava parte do grupo.

Destacamos que os motivos que fizeram Fukuyama romper com os neoconservadores dizem respeito à política externa do governo de George W. Bush. Por este motivo consideramos que em seu pensamento sobre política interna, Fukuyama continua mantendo laços bem estreitos com a corrente intelectual.

Nesse sentido, dividimos a análise em duas partes. Primeiramente uma rápida análise sobre seu rompimento com o neoconservadorismo, buscando compreender a natureza desse rompimento e a importância deste autor para o pensamento neoconservador. Num segundo momento, analisaremos um ponto específico da sua obra, procurando aprofundar a maneira como utiliza o conceito de capital social para explicar as possibilidades de ascensão ou de insucesso dentro da sociedade dos EUA. Pretendemos através da análise deste conceito, compreender a inserção de valores culturais associados à economia, relação que é apresentada de maneira constante nas obras de outros neoconservadores.

O rompimento de Fukuyama com o neoconservadorismo e com a atual administração de Bush, parte de um sentimento contrário à guerra do Iraque, onde visualiza quatro pontos fundamentais que surgiram no pós onze de setembro: a criação de uma nova agência federal (*The Department of Homeland Security*), a invasão do Afeganistão, a doutrina da Guerra preventiva e a Invasão do Iraque. De acordo com o autor, apenas as duas primeiras foram reações inevitáveis aos ataques de 11 de setembro.

A postura da administração Bush parte da idéia da existência de uma hegemonia benéfica dos EUA, a crítica de Fukuyama se concentra exatamente no fato de considerar que esta crença foi aceita de maneira profundamente exagerada dentro do governo.

Para compreendermos como Fukuyama observa a atual política externa dos EUA é necessário refazer a caracterização que o autor propõe das escolas seguidas pela política externa dentro das relações internacionais. De acordo com Fukuyama existem quatro grandes escolas: neoconservadorismo (promoção da democracia, hegemonia benéfica), realista (tradicional balanço de poder), liberal internacionalista (que busca transcender o poder político através de leis e instituições internacionais) e nacionalista Jacksoniana (limitada à visão de segurança aos interesses americanos).

De acordo com o autor a guerra do Iraque é resultado de uma aliança do neoconservadorismo com os Jacksonianos nacionalistas, e é neste ponto em que se posiciona contrário à guerra, principalmente porque minimiza o conflito global com o radicalismo Islâmico, percebendo que este representa apenas um fenômeno isolado.

Como solução para a crise provocada pelos reflexos da política externa da administração Bush, Fukuyama procura trabalhar com a idéia de uma nova abordagem:

Este livro sugere um caminho diferente para a relação com o mundo, um que não é neoconservador ou realista, Jacksoniano nem internacionalista Liberal. Ele se esforça para definir um caminho mais realista para os Estados Unidos promoverem outro desenvolvimento político e econômico do que o das guerras preventivas, e abrir uma agenda de múltiplo multilateralismo apropriada com o real, extinguindo mundo de globalização. (FUKUYAMA, 2006, p.10).

Parece claro que o rompimento de Fukuyama com a corrente neoconservadora é motivado basicamente pela maneira como esta influenciou a nova postura externa dos EUA que levou à invasão do Iraque. Na medida em que nosso foco se dirige às questões internas, não conseguimos perceber uma ruptura nessa dimensão.

Em boa parte de seu livro Fukuyama refaz a história do neoconservadorismo destacando em sua leitura a importância deste movimento. Percebemos também que nas obras anteriores, toda a vez que o autor discute a sociedade estadunidense, prende-se em tópicos profundamente relacionados à agenda neoconservadora, como discussões envolvendo a crise da modernidade e da família, entre outras.

De maneira que percebemos com desconfiança este afastamento do autor da corrente intelectual, já que o neoconservadorismo é muito mais do que a política externa adotada durante a guerra contra o Iraque. Para que fique mais clara se há ou não uma ruptura, nos propomos a analisar a visão de Fukuyama da sociedade estadunidense. Destaca-se aqui a utilização do conceito de capital social associado à situação dos grupos minoritários e imigrantes nos EUA, para Fukuyama:

O capital social pode ser definido simplesmente como um conjunto de valores e normas informais partilhados por membros de um grupo que lhes permite cooperar entre si. Espera-se que os outros comportem confiável e honestamente, os membros do grupo

acabam confiando uns nos outros. A confiança age como lubrificante, levando qualquer grupo ou organização a funcionar com mais eficiência. (FUKUYAMA, 2002, p.155).

Como característica principal, podemos destacar que qualquer grupo ou sociedade possui uma quantidade de capital social, a questão é que nem todo capital social é diretamente responsável pelo progresso econômico e social, ou, segundo o autor:

Toda sociedade tem um estoque de capital social; a diferença real entre as sociedades diz respeito ao que poderia ser chamado de “área de verdade”. Ou seja, normas cooperativas como honestidade e reciprocidade podem ser partilhadas por grupos e outros na mesma sociedade. Famílias são, obviamente, fontes importantes de capital social em toda parte. (FUKUYAMA, 2002, p.156).

Para compreender melhor como alguns valores conseguem surgir na sociedade civil e aumentar a confiança entre seus membros, primeiramente, partiremos do conceito de sociedade civil proposto por Fukuyama:

“Sociedade civil” – um complexo e confuso aglomerado de instituições intermediárias, incluindo companhias, associações voluntárias, instituições educacionais, clubes, sindicatos, mídia, entidades beneficentes e igrejas – assenta-se, por seu turno, na família, o instrumento primordial pelo qual as pessoas são socializadas na sua cultura e adquirem os predicados que lhes permitem viver numa sociedade mais abrangente e por meio da qual os valores e o reconhecimento dessa sociedade são transmitidos de geração em geração. (FUKUYAMA, 1996, p.18).

O capital social encontra-se presente em todos os grupos da sociedade, a grande dificuldade concentra-se no fato de que nem todo o capital social é utilizado de maneira correta, ou mesmo possibilita o aumento da unidade e da confiança. Fukuyama cita o exemplo das famílias mafiosas, que apesar de possuírem leis, normas rígidas e respeito mútuo entre seus membros, possuem um capital social que não é partilhado com o resto da sociedade. Existem por este motivo alguns requisitos necessários para que se consiga adquirir prosperidade:

Uma sociedade civil próspera depende de hábitos, costumes e princípios éticos de sua gente – atributos que só podem ser moldados indiretamente mediante uma política deliberada e que precisam, outrossim, ser alimentados por meio de uma conscientização e respeito crescentes pela cultura. (FUKUYAMA, 1996, p.19).

O grande problema é que o acúmulo de capital social se dá através de um processo cultural complicado e que não se pode mapear facilmente, de maneira que mesmo com os governos procurando desenvolver políticas públicas que tentem criar e aumentar o capital social, ou mesmo eliminar capitais sociais considerados maléficis para a sociedade, os resultados deste processo acabam sendo imprevisíveis.

Podemos a partir da definição de capital social e suas influências no nível de confiança procurar entender a relação entre a abordagem neoconservadora sobre os grupos imigrantes e de minorias, e a argumentação de Fukuyama sobre a associação de valores culturais, assimilação e ascensão social.

Partimos, primeiramente, de uma constatação realizada por Fukuyama em seu livro *Confiança, As Virtudes Sociais e a Criação da Prosperidade*, que explicita uma mudança na confiança existente entre as relações dentro dos EUA. De acordo com o autor existiu nos EUA uma transformação que tem levado cada vez mais a população a um individualismo:

Mas os Estados Unidos vêm mudando dramaticamente nas duas últimas gerações no que se refere à sua arte de associação. De muitas maneiras, a sociedade americana está se tornando individualista, como os americanos sempre acreditaram ser: a tendência inerente ao liberalismo baseado em direitos, a fim de expandir e multiplicar esses direitos contra a autoridade de virtualmente todas as comunidades existentes, levou a sua conclusão lógica. O declínio da confiança e da sociabilidade nos Estados Unidos também é evidente em qualquer levantamento das mudanças ocorridas na sociedade americana: o aumento dos índices de violência e dos litígios civis; o rompimento da estrutura familiar; o declínio de um grande leque de estruturas sociais intermediárias como vizinhança, igrejas, sindicatos, clubes e obras de caridade; e o sentimento generalizado entre os americanos de falta de valores compartilhados e do espírito de comunidade com os que os cercam. (FUKUYAMA, 1996, p.25).

A crise crescente nos EUA se centra no declínio da confiança e da sociabilidade provocada pelo aumento do individualismo, agora, quando retomamos a leitura feita por Chavez e por Fonte nas discussões envolvendo a necessidade de se manter a unidade em torno de uma cultura comum, percebemos uma relação muito próxima à abordagem de Fukuyama. As grandes questões seriam: Quais valores são responsáveis pela criação de confiança e de sociabilidade dentro da nação? Seriam

os valores construídos durante a formação da nação, ou os valores recentes trazidos pelos imigrantes nas últimas décadas? Os grupos imigrantes possuem um capital social que consiga enriquecer o estoque nacional?

Se retomarmos as discussões envolvendo Chavez e Fonte, perceberemos que existe um grande abismo entre a definição de capital social e a realidade das minorias e imigrantes nos EUA.

Parece lógico que a idéia de que somente adquirindo determinados valores, atingir-se-á o sucesso econômico e social dentro da sociedade, este processo funciona como uma explicação limitante aos grupos minoritários e imigrantes, principalmente se pensarmos que a proposta conservadora de assimilação se concentra em abrir mão de uma identidade anterior e absorver as já existentes dentro dos EUA.

Em outro sentido, a argumentação envolvendo a complexidade de se perceber quais os valores responsáveis pelo aumento da unidade nacional acaba tornando questionável o próprio processo de assimilação patriótica.

Outro ponto que consideramos importante destacar acaba aproximando a leitura feita por Fukuyama da realizada por Bloom e por Himmelfarb. Fukuyama considera a família como sendo base da sociabilidade e da entrada dos jovens na sociedade civil.

Partindo deste princípio e da constatação feita pelo autor dos problemas da sociedade, podemos concluir que este percebe na destruição do modelo familiar nuclear burguês o início de uma crise maior que envolve a dissolução da hegemonia estadunidense no mundo.

## **5 Considerações Finais.**

Durante a elaboração deste texto procuramos focar nossa análise nos aspectos que diferenciavam o movimento neoconservador de outros grupos conservadores. O fato é que durante nossa leitura percebemos que o grande avanço dos neoconservadores com relação aos conservadores tradicionais se dá naquilo que assumem do libertarianismo econômico e do distanciamento de argumentos presos

à religião e à natureza, adotando uma busca mais empírica e mais argumentativa de seus posicionamentos. Todavia, a percepção radical da contraposição existente, entre a desestruturação de valores e instituições e os avanços apresentados após as décadas de 1960 e 1970, mostram-se tanto, na obra conservadora, quanto, na obra neoconservadora como referência que os aproxima em seus ideais políticos.<sup>88</sup>

Esta aproximação, que foi constatada durante o aprofundamento da história e da obra de alguns neoconservadores, acabou afastando nossa hipótese primária que surgia dentro da idéia de que o movimento neoconservador possuía características totalmente contrárias aos movimentos conservadores tradicionais.

Quanto à análise dos três temas abordados pelos autores neoconservadores, Jonh Fonte, Linda Chavez, Charles Murray, Allan Bloom, Gertrude Himmelfarb e Francis Fukuyama, percebemos que existe uma relação bem aprofundada na maneira como este grupo observa a política interna estadunidense. Uma unidade que não podemos focar quando analisamos pontos específicos da obra de cada um destes autores<sup>89</sup>, mas, que podemos pontuar facilmente quando procuramos organizar suas posições dentro de grandes temas.

Em nossa leitura esta unidade surge atrelada à rejeição criada às transformações ocorridas durante as últimas décadas, tanto, como resultado da revolução dos anos 60 e 70, quanto, a preocupação com o enfraquecimento da cultura estadunidense e a inserção cultural dos cada vez mais volumosos grupos imigrantes, que chegam ao país.

Esta reação surge associada ao medo do enfraquecimento do modo de vida que enaltecem. Em nossa pesquisa alcançamos à constatação, que a defesa do modo de vida estadunidense surge incentivada, na maioria dos neoconservadores, por um sentimento de aceitação a estes valores, relacionando-os como capazes de garantir o sucesso na sociedade. Esta visão fica ainda mais clara quando percebemos que a grande maioria dos neoconservadores possui sua origem em famílias vindas de países estrangeiros, e que, como imigrantes, assimilaram-se com sucesso, refletindo o mito do imigrante que abre mão de uma identidade anterior, em troca de valores que lhe garantem a ascensão social.

---

<sup>88</sup> Esta aproximação fica clara em algumas passagens de nossa exposição sobre a história do neoconservadorismo, como no episódio envolvendo os escândalos do governo Clinton, e a associação de um movimento neoconservador, na época enfraquecido, a outros grupos conservadores.

<sup>89</sup> A grande dificuldade de se observar uma proximidade entre os autores neoconservadores se concentra na grande variedade de temas trabalhados por estes autores.

Outro ponto que destacamos na abordagem neoconservadora é a facilidade com que eles posicionam-se no debate sobre temas “obscuros” e impopulares no meio intelectual. Esta característica que percebemos, como marcante, neste grupo intelectual surge atrelada a um grande conhecimento, atribuído a educação privilegiada de seus membros, o que possibilita a eles que se exponham ao diálogo, mesmo quando suas opiniões são questionadas, ou ridicularizadas.

O posicionamento neoconservador mostra-se, não como, uma construção intransigente, posicionando-se simplesmente contra os programas de auxílio e os processos de imigração. Os neoconservadores propõem soluções para as falhas que estes percebem na sociedade, construindo uma agenda que ultrapassa o plano teórico e incorporando-se às políticas públicas do governo estadunidense como uma idéia plausível.

Esclarecemos que não estamos aqui entrando em debate ideológico e político, sobre o certo ou errado, mas da racionalidade meios-fins de uma corrente de pensamento que de forma intermitente, de tempos em tempos, atinge forte presença no debate intelectual e político da maior potência do planeta.

## REFERENCIAS.

- ALMEIDA, J. M. de. Os neoconservadores e a pax americana. **IPRI**.2004.  
Disponível em: <<http://www.ipri.pt/investigadores/artigo.php?idi=5&ida=33>> Acesso em: 14 set. 2005.
- AMERICA becoming: the Growing Complexity of America's Racial Mosaic.  
**Rand.org**. 25 de jan. 2004. Disponível em: <<http://www.rand.org/publications/rb/rb5050/>>.  
Acesso em:22 de out.2005.
- AYERBE, L.F. **O ocidente e o “resto”**. A América Latina e o Caribe na Cultura do Império, Buenos Aires: CLACSO: ASDI, 2003.
- BAUMAN, Z. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Trad.Plínio Dentzein, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- \_\_\_\_\_. **O mal-estar da pós modernidade**. Trad.Mauro Gama.Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- BEARD, C; BEARD, M. **The american spirit**. First Coollier Books Editor, 1962.
- BLOCH, A. V. **El neoconservadorismo em Estados Unidos uma historia concisa** Cidade del México: Monica Vereas Campos, 1997.
- BLOOM, A. **O declínio da cultura ocidental: da crise da universidade à crise da sociedade**. Trad. João Alves dos Santos. São Paulo: Best Sellers, 1989.
- BOOT, M. Myths About Neoconservatism. In: STELZER, I. **Neoconservatism**. Londres: Atlantic Books, 2004.
- BUCCI, E, **Sociedade de consumo de preconceitos** São Paulo: Imesp. 1996/1997.
- CANCLINI, N. G. **Consumidores e cidadãos, conflitos multiculturais da globalização**. Trad. Mauricio Santana Dias. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Culturas Híbridas**. Trad.Ana Regina Lessa, et all. São Paulo: Edusp, 1997.

CHAVEZ, L. **Testing teachers.** 26 jul. 2006a. Disponível em:  
<<http://jewishworldreview.com/cols/chavez072606.asp>> Acesso em: 10 de out. 2006.

\_\_\_\_\_ **Congress theater of the absurd.** 12 jul. 2006b. Disponível em:  
<<http://jewishworldreview.com/cols/chavez071206.asp>>. Acesso em: 10 out. 2006.

\_\_\_\_\_ **México decides.** 6 jul.2006c. Disponível em:  
<[http://www.townhall.com/columnists/LindaChavez/2006/07/06/mexico\\_decides](http://www.townhall.com/columnists/LindaChavez/2006/07/06/mexico_decides)> Acesso em:  
10 out. 2006.

\_\_\_\_\_ **Immigrants are meeting a need.** 6 jun. 2006d. Disponível em:  
<<http://www.washingtonpost.com/wpdyn/content/article/2006/06/05/AR2006060501325.html>> . Acesso em: 10 out. 2006.

\_\_\_\_\_ **Affirmative alternatives.** 24 de dez.1997. Disponível em:  
<<http://jewishworldreview.com/cols/chavez122497.html>>. Acesso em: 10 jun.2006.

\_\_\_\_\_ **An unlikely conservative: the transformation of an liberal (or how I became the most hated hispanic in america).** 26 ago. 2005. Disponível em:  
<<http://www.bruinalumni.com/articles/unlikelyconservative.html>> Acesso em: 10 jun.2006.

\_\_\_\_\_ **The Bush proposal.** 01 ago. 2004. Disponível em:  
<<http://jewishworldreview.com/cols/chavez010804.asp>> Acesso em: 10 out. 2006.

\_\_\_\_\_ **The solution to the illegals.** 18 nov.2002. Disponível em:  
<<http://jewishworldreview.com/cols/chavez111802.asp>>. Acesso em: 10 out. 2006.

\_\_\_\_\_ **Minorities should stop making excuses about failures.** 14 mar. 2001.  
Disponível em: <<http://jewishworldreview.com/cols/chavez031401.asp>> Acesso em: 10 out.  
2006.

\_\_\_\_\_ **We are Americans.** 01out. 2001. Disponível em:  
<<http://jewishworldreview.com/cols/chavez100101.asp>>. Acesso em: 10 out. 2006.

\_\_\_\_\_ **Viva bilingual education?** 07 abr. 2000a. Disponível em:  
<<http://jewishworldreview.com/cols/chavez032300.asp>> 03/23/00> Acesso em: 10 out. 2006.

\_\_\_\_\_ **Thank the immigrants for booming economy.** 07 abr. 2000b. Disponível em: <<http://jewishworldreview.com/cols/chavez040700.asp>>. Acesso em: 10 out.2006.

\_\_\_\_\_ **Ensuring racial differences.** 12 jun.1999. Disponível em:<<http://jewishworldreview.com/cols/chavez120699.asp>> Acesso em: 10 out. 2006.

CHOMSKY, N. **A minoria próspera e a multidão inquieta.** Trad. Mary Grace Figliera Entrevista a David Barsamiam. Brasília: Editora UNB, 1993.

COMMAGER, H. **O espírito norte-americano: uma interpretação do pensamento e do caráter norte-americano desde a década de 1880.** Trad. Jorge Fortes, São Paulo: Cultrix, 1950.

DOREN, C.V. **O Romance Americano 1789-1939.** trad. Neil R. da Silva. Belo Horizonte: Itatiaia, 1960.

DRURY, S. B. **Leo Strauss and the american right.** New York: St. Martin's Press, 1999.

FEATHERSTANS, M (Org.) **Cultura global, nacionalismo globalização e modernidade.** Trad.Attílio Brunetta. Petrópolis: Vozes, 1994.

FERREIRA, A. Os Estados Unidos, o Iraque e as origens do projeto neoconservador. **Margem esquerda: ensaios marxistas**, São Paulo, n.6, p.49-58, set.2005.

FONTE, J. Comprehensively wrong. **Hudson Institute**, 26 jul. 2006a. Disponível em: <[http://www.hudson.org/index.cfm?fuseaction=publication\\_details&id=4136](http://www.hudson.org/index.cfm?fuseaction=publication_details&id=4136)>. Acesso em: 23 set. 2006.

\_\_\_\_\_ The ex-neo. **Hudson Institute**, 03 Mai. 2006b. Disponível em: <[http://www.hudson.org/index.cfm?fuseaction=publication\\_details&id=3998](http://www.hudson.org/index.cfm?fuseaction=publication_details&id=3998)>. Acesso em: 23 set. 2006.

\_\_\_\_\_ Immigration reform must include assimilation. . **Hudson Institute**, 24 abr. 2006c. Disponível em: <[http://www.hudson.org/index.cfm?fuseaction=publication\\_details&id=3989](http://www.hudson.org/index.cfm?fuseaction=publication_details&id=3989)>. Acesso em: 23 set. 2006.

\_\_\_\_\_ Immigration, assimilation, liberal democracy, and war on terror. **Hudson Institute**, 3 mar. 2006d. Disponível em: <[http://www.hudson.org/index.cfm?fuseaction=publication\\_details&id=3940](http://www.hudson.org/index.cfm?fuseaction=publication_details&id=3940)>. Acesso em: 23 set. 2006.

\_\_\_\_\_ Dual allegiance harms immigration reform and patriotic assimilation. **Hudson Institute**, 29 Set. 2005a. <[http://www.hudson.org/files/publications/Fonte\\_Testimony--Dual%20Allegiance.pdf](http://www.hudson.org/files/publications/Fonte_Testimony--Dual%20Allegiance.pdf)>. Acesso em: 23 set. 2006.

\_\_\_\_\_ Immigration and american identity. **Hudson Institute**, 25 jul. 2005b. Disponível em: <[http://acc.hudson.org/index.cfm?fuseaction=publication\\_details&id=3719](http://acc.hudson.org/index.cfm?fuseaction=publication_details&id=3719)>. Acesso em: 23 set. 2006.

\_\_\_\_\_ We are a nation, not just a marked. **Hudson Institute**, 11 ago. 2004a. Disponível em: <[http://acc.hudson.org/index.cfm?fuseaction=publication\\_details&id=3426](http://acc.hudson.org/index.cfm?fuseaction=publication_details&id=3426)>. Acesso em: 23 set. 2006

\_\_\_\_\_ Assimilation nation. **Hudson Institute**, 05 jun. 2004b. Disponível em: <[http://acc.hudson.org/index.cfm?fuseaction=publication\\_details&id=3346](http://acc.hudson.org/index.cfm?fuseaction=publication_details&id=3346)>. Acesso em: 23 set. 2006.

\_\_\_\_\_ Don't dilute the oath of allegiance. **Hudson Institute**, 01 abr. 2004c. Disponível em: <[http://acc.hudson.org/index.cfm?fuseaction=publication\\_details&id=3270](http://acc.hudson.org/index.cfm?fuseaction=publication_details&id=3270)>. Acesso em: 23 set. 2006.

\_\_\_\_\_ Immigration and national security. **Hudson Institute**, 04 mar.2002. Disponível em: <[http://www.hudson.org/index.cfm?fuseaction=publication\\_details&id=1040](http://www.hudson.org/index.cfm?fuseaction=publication_details&id=1040)>. Acesso em: 23 set. 2006.

FUKUYAMA, F. **America at the crossroads: democracy, power, and the neoconservative legacy**. New Haven and London: Yale University Press, 2006.

\_\_\_\_\_ **Nosso futuro pós-humano: conseqüências da revolução da biotecnologia**. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges, Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

\_\_\_\_\_ Capital Social. In:HARRISON, L. E.; HUNTINGTON, S. P.(Org) **A cultura importa: os valores que definem o progresso humano**. Rio de Janeiro: Record, 2002. cap.8, p.155-171.

\_\_\_\_\_. **Confiança, as virtudes sociais e a criação da prosperidade.** Trad. Alberto Lopes. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

\_\_\_\_\_. **O fim da história e o último homem.** Trad. Aulyde Soares Rodrigues, Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

FULBRIGT, J. W. **A arrogância do poder.** São Paulo: Ibrasa, 1966.

GILROY, P. **O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência.** Trad. Cid Knipel Moreira, São Paulo: 34, 2001.

HILB, C. **Leo strauss: el Arte de leer: una lectura de la interpretación straussiana de Maquiavelo, Hobbes, Locke y Spinoza.** Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2005.

HIMMELFARB'S, G. **One nation, two cultures.** New York: Vintage Books, 2001.

HIRSCHMAN, A. O. **Retóricas de la intransigencia.** Trad. Tomás Segovia, México: Fondo de Cultura Económica/ Economía Contemporánea, 1991.

HUGES, R. **Cultura da reclamação: o desgaste americano.** Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

HUNTINGTON, S.P. **O choque de civilizações e a recomposição da Ordem Mundial.** Trad. M.H.C.Côrtes Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

\_\_\_\_\_; HARRISON, LAWRENCE (Comp.) **A Cultura Importa os valores que definem o progresso humano.** Trad. Berilo Vargas. Rio de Janeiro: Editora Record, 2002.

IANNI, O. La era del globalismo. **Revista Nueva Sociedad**, Caracas, 163: set./out. 1999.

KRAMNICK, I. Nova York e "Publius" em 1787. In: MADISON, J.; HAMILTON, H.; JAY, J. **Os Artigos Federalistas 1787-1788.** Trad. Maria Luiza X. De A. Broges. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

KELLNER, D. **A cultura da Mídia.** Trad. Castilho Benedetti. São Paulo: Edusc, 2001.

KUJAWSKI, G. M. **A Crise do Século XX**. São Paulo: Ática, 1988.

KIRKPATRICK, J. Neocomservatism as a response to the counter-culture. In: STELZER, I. **Neoconservatism**. Londres: Atlantic Books, 2004, p.235-240.

KRISTOL, I. **Neoconservatism: The autobiography of an idea**. New York: The Free Press, 1995

\_\_\_\_\_ The neoconservative persuasion. In: STELZER, I. **Neoconservatism**. Londres: Atlantic Books, 2004 p. 31-38.

LAL, D. **In defense of Empire**. Washington: AEI Press, 2004.

LINS da SILVA, C. E. “**Doutrina Bush foi gerada há dez anos**”, Política Externa, São Paulo, vo.11, nº. 3. 2002.

MANNING, R. D. Mayoría multicultural: la crisis ideológica de Estados Unidos en la era postindustrial. In: BLOCH, A. V. **El neoconservadorismo em Estados Unidos uma historia concisa** Cidade del México: Monica Vereia Campos, 1997. p.219-256.

MARRAS, S. **América Latina, marca registrada**. Guadalajara: Andrés Bello, 1992

MCLAREN, P. **Multiculturalismo crítico**. Trad. Bebel Orofino Schaefer, São Paulo: Cortez Editora, 2000.

MEGÍAS, F. M. Introducción. La inmigración, un reto global. In: MEGÍAS, F. M. (Org) **Cuadernos étnicas Imigrantes, claves para el futuro inmediato**. Jaén: Publicaciones de la Universidade de Jaén, 2000.

MESSADIÉ, G. **A crise do mito americano: réquiem para o super-homem**. Trad. Sergio Flaksman, São Paulo: Atíca, 1989.

MICKLETHWAIT, J.; WOOLDRIDGE, A. **The right nation: why america is different**. New York: Penguin Group, 2004.

MOTA, K. M. S. Políticas de educação bilíngüe na escola e na família: cenários de competitividade lingüística. **Reunião anual da Anped**

<<http://www.anped.org.br/reunioes/25/katiamariamotat05.rtf>>. 2006.

MURRAY, C. The \$10,000 solution. **AEI Online**. Washington, 10 de abr. 2006a.

Disponível em: <[http://www.aei.org/publications/pubID.24203,filter.all/pub\\_detail.asp](http://www.aei.org/publications/pubID.24203,filter.all/pub_detail.asp)>.

Acesso em: 28 de set.2006.

\_\_\_\_\_ BORDERS, M. The plan to replace the welfare state. **AEI Online**.

Washington, 28 de mar. 2006b. Disponível em:

<[http://www.aei.org/publications/pubID.24127,filter.all/pub\\_detail.asp](http://www.aei.org/publications/pubID.24127,filter.all/pub_detail.asp)>. Acesso em: 28 de set.2006.

\_\_\_\_\_ In Our Hands: A plan to replace the welfare state. **AEI Online**.

Washington, 23 de mar. 2006c. Disponível em:

<[http://www.aei.org/publications/pubID.24101,filter.all/pub\\_detail.asp](http://www.aei.org/publications/pubID.24101,filter.all/pub_detail.asp)> Acesso em: 28 de set.2006.

\_\_\_\_\_ Charles Murray's libertarian vision, **AEI Online**. Washington, 1 de Jan. 2000a. Disponível em:

<[http://www.aei.org/publications/pubID.11107,filter.all/pub\\_detail.asp](http://www.aei.org/publications/pubID.11107,filter.all/pub_detail.asp)>. Acesso em: 28 de set.2006.

\_\_\_\_\_ Virtue in a free society. **AEI Online** Washington, 1 de jan. 2000b.

Disponível em: <[http://www.aei.org/publications/filter.all/pubID.11107/pub\\_detail.asp](http://www.aei.org/publications/filter.all/pubID.11107/pub_detail.asp)>.

Acesso em: 28 de set.2006.

\_\_\_\_\_ Human accomplishment. **AEI Online**. Washington, 1de Jan. 2000c.

Disponível em: <[http://www.aei.org/publications/pubID.8885,filter.all/pub\\_detail.asp](http://www.aei.org/publications/pubID.8885,filter.all/pub_detail.asp)> Acesso em: 28 de set.2006.

NOGUEIRA, Oracy. **Tanto preto quanto branco**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1985.

NOVAK, M. **The fire of invention. civil society and the future of corporation**.

New York: Rowmard Littlefield Publishers, 1997.

NUÑEZ, I. M. La cultura latinoamericana en los Estados Unidos: entre la opresión y la autonomía, **Revista Cenários**, Araraquara , n. 3/4, 2001/2002.

O'NEILL, E. **Além do horizonte**. Trad. James Amado, Rio de Janeiro: Letras e Artes LTDA, 1962.

PODHORETZ N. Neoconservatism: a eulogy. **Commentary Magazine**, vol.101, nº3 março 1996.

SADER, E. La guerra infinita hegemonia y terror mundial. **Colecion Grupos de Trabajos de Clasco**, Buenos Aires, fev. 2002.

SCHLESINGER, A.M.Jr **The disuniting of america: reflections on a multicultural society**. New York/ London: W.W.Norton & Company, 1992.

STROH, G. **A filosofia Americana: uma introdução (de Edwards a Dewey)**. Trad.Jamir Martins. São Paulo: Cultrix, 1968.

SZAYNA, S. Identifying potencial ethnic conflict, application of process model. **Rand Arroyo Center**, Santa Monica: 2000.

TELIIS, A.J; SZAYNA, T. S; WINNEFELD, J. A. **anticipating ethnic conflict**. Rand Arroyo Center, Santa Monica: 1997.

TOCQUEVILLE, A. **A Demoracia na américa**. Trad J.A.G. Albuquerque, In Os Pensadores. VOL XXIX. Abril Cultural, 1973.

VELASCO, J. El pensamiento neoconservador em Estados Unidos. In; **Las Relaciones Internacionales de México**. 22 de jun. 2004. Disponível em: <<http://portal.sre.gob.mx/boletinimr/popups/articleswindow.php?id=1294>>. Acesso 23 de dez. 2006.

WEBER, M. **Economia e Sociedade**. Trad. Regis Barbosa. Brasília: UNB, 2000.

WEINSTEIN, K.R. Philosophic roots, the role of Leo Strauss, and the war in Iraque. In: STELZER, I. **Neoconservatism**. Londres: Atlantic Books, 2004. p.203-212.

WEST, C. **Questão de raça**. São Paulo: Cia das letras, 1994.

WOHLSTETTER, A; Coleman S. **Race differences in income**, Rand Arroyo Center, Santa Monica: 1970.

<<http://www.rand.org/publications/classics/wohlstetter/r578/>> Acesso em:16 de out. 2002.

WOLFSON, A. Conservatives and Neoconservatives. In: STELZER, I. **Neoconservatism**. Londres: Atlantic Books, 2004. p.215-231.

WOODWARD, C. **Ensaio comparativos sobre a história americana**. São Paulo: Cultrix, 1982.